Raquel Villas Longhi

O DISCURSO FEMINISTA DE VIRGINIA WOOLF NA TRADUÇÃO DE *A ROOM OF ONE'S OWN* PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Juiz de Fora

2018

Raquel Villas Longhi

O DISCURSO FEMINISTA DE VIRGINIA WOOLF NA TRADUÇÃO DE *A ROOM OF ONE'S OWN* PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Monografia de conclusão de curso apresentada à Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Letras: Tradução – Inglês.

Orientadora: Profª. Dra. Sandra Aparecida Faria de Almeida.

Juiz de Fora

2018

Raquel Villas Longhi

O DISCURSO FEMINISTA DE VIRGINIA WOOLF NA TRADUÇÃO DE *A ROOM OF ONE'S OWN* PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Monografia de conclusão de curso submetida à Faculdade de Letras, UFJF, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras – Inglês e aprovada pela seguinte banca examinadora:

Prof.ª Dra. Sandra Aparecida Faria de Almeida (Orientadora)

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.ª Dra. Carolina Alves Magaldi

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.ª Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora

06/12/2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço, sinceramente, a todos aqueles que me deram apoio ao longo deste estudo: tenha sido de forma material, emocional ou intelectual. Agradeço também à minha orientadora Sandra, que sempre me incentivou a escrever cada vez mais e provou ser uma fonte de compreensão. Além disso, agradeço aos docentes do Bacharelado do curso de Letras, que me inspiraram a crescer e aprender cada vez mais na área, vocês foram figuras de inspiração ao longo desses anos. Agradeço a todas as mulheres fortes que passaram pela minha vida, que serviram de inspiração intelectual e de resiliência. Obrigada.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo realizar um estudo sobre as traduções para o português brasileiro da obra *A Room of One's Own*, de Virginia Woolf. Para que essa fosse realizada, selecionamos as duas traduções que ocorreram no Brasil – a de 1985, de Vera Ribeiro, e a tradução de 2014, de Nunes e Mattoso – como base para a nossa análise. Nossa discussão abarcou a questão do surgimento do movimento das mulheres - também conhecido como feminismo – e suas principais características e demandas ao longo dos séculos, para que pudéssemos melhor compreender o contexto no qual Woolf estava inserida quando escreveu sua obra, e também, o contexto de cada uma das tradutoras, procurando situar cada uma das obras dentro de seu contexto sócio histórico e político ideológico. Mostraremos no decorrer do trabalho como o meio em que se está inserido e o período histórico em que se vive acaba por influenciar diversas áreas, desde a sócio-cultural até o campo literário. Utilizando os pressupostos da Teoria Dos Polissistemas, de Itamar Even-Zohar (1990), analisaremos de que maneira as publicações femininas e com teor feminista foram influenciadas pelo contexto histórico e social no qual estavam inseridas. Para compreendermos como essas publicações foram influenciadas, utilizaremos também os conceitos de Lefevere (2007) sobre manipulação, reescritura e patronagem em nossa análise. Por fim, utilizaremos também os conceitos de simplificação, explicitação, normalização e nivelamento, propostos por Mona Baker (1996), para que os corpora (BERBER SARDINHA, 2000, 2004; TAGNIN, 2002) referentes às obras a serem analisadas possam ser melhor compreendidos. Assim sendo, utilizaremos tais pressupostos e
conceitos para realizarmos uma análise qualitativa e também a quantitativa dos dados recolhidos no programa Antconc. Dessa forma, apontaremos como cada uma das traduções acabou por refletir preconceitos e características do período histórico em que elas foram produzidas. A tradução de 1985, por exemplo,apresenta um léxico mais formal, uma sintaxe mais complexa. Além disso, as escolhas lexicais presentes ao longo dessa tradução são socialmente marcadas, há a marcação, por meio das escolhas tradutórias, da posição subjugada da mulher perante o patriarcado. O sexismo (atitude de discriminação fundamentada no sexo), ou mesmo o machismo se mostra intrínseco nas escolhas da tradutora. Já a tradução de 2014 demonstra avanços que o feminismo e que a sociedade como um todo alcançou ao longo dos anos, visto que há uma linguagem mais politicamente correta, respeitando

mais as diferenças e os sexos. Além disso, essa tradução se mostrou bem menos sexista, com descrições mais respeitosas as mulheres e uma maior fidelidade as críticas feitas por Virginia Woolf na obra original. Essa também manteve uma visão das mulheres como um conjunto, como grupo, o que também pode ser visto como um reflexo dos avanços do feminismo e como hoje esse é amplamente discutido.

Palavras-chave: Virginia Woolf. Tradução. Literatura Feminista. Reescritura. Teoria dos Polissistemas.

ABSTRACT

The present work was aimed at carrying out a study on the translations into Brazilian Portuguese of the work *A Room of One's Own*, of Virginia Woolf. In order to do this analysis, we selected the two translations that were made in Brazil – the one of 1985, by Vera Ribeiro, and the 2014 translation, by Nunes and Mattoso – as a basis for our analysis. Our discussion covered the issue of the emergence of the women's movement – also known as feminism – and its main characteristics and demands over the centuries, so that we could better understand the context in which Woolf was inserted when she wrote her work, and also the context of each of the translators, seeking to situate each of the works within their historical context. We will show in the course of the work as the medium in which it is inserted and the historical period in which it lives ends up influencing several areas, from socio-cultural to the literary field. Using the assumptions of the polysystems theory, by Itamar Even-Zohar (1990), we will analyze how the feminine and feminist publications were influenced by the historical and social context in which they were included. To understand how these were influenced, we will also use the concepts of Lefevere (2007) in our analysis. Finally, we will also use the concepts of Mona Baker (1996), so that corpora referring to the works to be analyzed can be better understood. Therefore, we will use such premisses and concepts to perform a qualitative analysis as well as the quantitative one with the datas collected in the Antconc program. In this way, we will point out how each translation eventually reflected preconceptions and characteristics of the historical period in which they were written and how the feminist movement eventually influenced the translation of Virginia Woolf's work. The 1985 translation, for example, presents a more formal lexicon and a more complex syntax. The lexical choices present throughout this translation are socially marked, by means of the translation choices, of the subjugated position of the woman before the patriarchy. Sexism (attitude of discrimination based on sex) is intrinsic in the choices of the translator. The 2014 translation demonstrates advances that feminism and that society as a whole has achieved over the years, since there is a more politically correct language, respecting more the differences and the sexes. In addition, this translation proved to be much less sexist, with descriptions more respectful to women and more faithful to the criticisms made by Virginia Woolf in the original work. It also held a view of women as a whole, as a group, which can also

be seen as a reflection of the advances of feminism that today is widely discussed.

Keywords: Virginia Woolf. Translation. Feminist Literature. Rewriting. Polysystem Theory.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – termo "woman" pesquisado na ferramenta *Word List,* corpus de 1929 62
Imagem 2 - termo "mulher" pesquisado na ferramenta *Word List*, corpus de 1985 63
Imagem 3 - termo "mulher" pesquisado na ferramenta Word List, corpus de 2014..... 64
Imagem 4 - termo "man" pesquisado na ferramenta *Word List*, corpus de 1929..... 65
Imagem 5 - termo "homem" pesquisado na ferramenta Word List, corpus de 1985..... 66
Imagem 6 - termo "homens" pesquisado na ferramenta Word List, corpus de 2014 67
Imagem 7 - termo "homem" pesquisado na ferramenta Word List, corpus de 2014..... 67
Imagem 8 - termo "*woman*" pesquisado na ferramenta *Collocates*, corpus de 1929 69
Imagem 9 - termo "mulher" pesquisado na ferramenta *Collocates*, corpus de 1985..... 70
Imagem 10 - termo "mulher" pesquisado na ferramenta *Collocates*, corpus de 2014 71
Imagem 11 - termo "man" pesquisado na ferramenta Collocates, corpus de 1929 72
Imagem 12 - termo "homem" pesquisado na ferramenta *Collocates*, corpus de 1985 73
Imagem 13 - termo "homem" pesquisado na ferramenta *Collocates*, corpus de 2014 74
Imagem 14 - termo "*woman*" pesquisado na ferramenta *Concordance*, corpus de 1929 76
Imagem 15 - termo "mulher" pesquisado na ferramenta *Concordance*, corpus de 1985..... 77
Imagem 16 - termo "mulher" pesquisado na ferramenta *Concordance*, corpus de 2014..... 78
Imagem 17 - termo "*man*" pesquisado na ferramenta *Concordance*, corpus de 1929..... 79
Imagem 18 - termo "homem" pesquisado na ferramenta *Concordance*, corpus de 1985..... 80
Imagem 19 - termo "homem" pesquisado na ferramenta *Concordance*, corpus de 2014..... 81

LISTA DE QUADROS

Tabela 1 – Fases da literatura produzida por mulheres no Brasil no período do século XVII à XXI (ZOLIN, 2009).....43
Quadro 2- excerto da obra original e de suas traduções. 84
Quadro 3 - excerto da obra original e de suas traduções. 86
Quadro 4 - excerto da obra original e de suas traduções.....88
Quadro 5 - excerto da obra original e de suas traduções.....89
Quadro 6 - excerto da obra original e de suas traduções.....91
Quadro 7 - excerto da obra original e de suas traduções.....93
Quadro 8 - excerto da obra original e de suas traduções. 94
Quadro 9 - excerto da obra original e de suas traduções. 95

SUMÁRIO

Introdução **11**

1 A hierarquização da mulher na história **15**

O feminismo 18

A primeira onda feminista 21

A segunda onda feminista 25

A terceira onda feminista 28

Quarta onda feminista? 32

O feminismo no Brasil 32

A literatura feminina no Brasil 39

Literatura feminista x literatura feminina 41

Virginia Woolf no Brasil 43

Síntese do capítulo 45

2 Os Estudos da Tradução e a literatura feminista: breves considerações **46**

A Teoria dos polissistemas 46

Manipulação, reescritura e patronagem 50

Síntese do capítulo 53

3 Análise de excertos da obra "A room of one´s own" e suas traduções **54**

Procedimentos de análise 54

A Linguística de Corpus 55

A proposta de Baker e sua relação com a Linguística de Corpus 56

Conceitos relevantes 57

A ferramenta *AntConc* 59

Análise quantitativa de excertos da obra e suas traduções 59

Word List 60

As unidades lexicais "woman" e "women" 61

As unidades lexicais "man" e "men" 64

Collocates 68

Concordance 75

Síntese do capítulo 82

Análise qualitativa de excertos da obra e suas traduções 84

Síntese dos resultados 97
Considerações finais 98
REFERÊNCIAS 103
ANEXO 106

Introdução

O feminismo é um movimento que hoje é conhecido mundialmente e é tido como um dos principais movimentos sociais. Quando refletimos sobre a história da humanidade, podemos argumentar que tal movimento foi de suma importância para conquistas que hoje consideramos como parte de nosso cotidiano, como quando vemos mulheres votando ou simplesmente andando na rua desacompanhadas. Tais conquistas e muitas outras têm o feminismo como movimento responsável pela "humanização" da mulher, que outrora era considerada como incapacitada e propriedade por direito de seus maridos, e anteriormente, de seus pais, como afirma Consolim (2017) em seus textos. Cientes da tamanha relevância desse movimento social, vimos que era fundamental estudar o seu papel, os impactos que este causou na história e, em especial, no campo literário.

Ao nos aprofundarmos no estudo do surgimento de tal movimento das mulheres, percebemos que Virginia Woolf, escritora inglesa e representativa do cânone literário de língua inglesa hodiernamente, acabou por ser porta-voz desse movimento e dessa ideologia. Sua obra de 1929, *A Room of One's Own*, surgiu a partir de uma palestra que Woolf deu em duas faculdades inglesas exclusivas para mulheres. Essa palestra mais tarde se tornaria o presente ensaio que temos como objeto de estudo. A partir do tema "as mulheres e a ficção", a autora decidiu focar sua atenção na exposição da tradição imperativa do patriarcado[1], explicitando como a falta de recursos financeiros e de legitimidade cultural a que as mulheres eram submetidas desencadeava um cenário desencorajador para que essas escrevessem ficção. Todavia, "Um teto todo seu", tradução da obra para o português brasileiro, acaba por discutir também em que medida a posição que a mulher ocupa na sociedade acarreta dificuldades para a expressão de seu pensamento. Devido ao teor de tal obra, esta foi alvo de grande notoriedade no passado e ainda é hoje. Justamente pelos motivos aqui citados, a obra se tornou objeto de nosso estudo.

[1] Patriarcado: um sistema enraizado na sociedade que em sua base defende a ideia de haver uma identidade natural, dois sexos considerados normais, a superioridade masculina e a inferioridade feminina (TIBURI, p. 26)

Ao realizarmos a leitura de "*A room of one's own*", nos deparamos com complexas reflexões e com duras críticas ao patriarcado e ao machismo[2]. Diante disso, nos indagamos se tal posicionamento e discurso seriam preservados nas traduções para o português brasileiro, afinal, as traduções se distanciam, no espaço e no tempo, da produção original. Além disso, o Brasil ainda pode ser considerado como um dos países mais machistas do mundo. Ao aprofundarmos nossa pesquisa, percebemos que houve apenas duas traduções para o nosso idioma: uma de 1985, realizada por Vera Ribeiro, e uma de 2014, feita por Bia Nunes de Souza e Glauco Mattoso. Com tais informações em vista, nosso interesse em estudar tais traduções só aumentou, devido ao grande intervalo de tempo entre as duas traduções para o português brasileiro. Durante esse período de intervalo entre as traduções, houve o fim do período ditatorial brasileiro, a criação da Lei Maria da Penha e o advento da internet e das redes sociais. Tais fatos históricos nos fizeram supor que possivelmente haveria uma diferença significativa nas escolhas tradutórias e, provavelmente, de pensamento por parte de cada uma das tradutoras, que acabariam sendo influenciadas pelo meio em que viviam e possivelmente iriam refleti-los em suas traduções.

Tendo essas questões em mente, nos propusemos a analisar as traduções para o português brasileiro do livro "*A room of one's own"* (1929), de Virginia Woolf. Pretendemos demonstrar como as traduções se diferenciaram devido a influências externas, como a conjuntura sócio-histórica e a expansão do feminismo e de seu pensamento até a contemporaneidade. Nesse sentido, esperamos que o presente trabalho possa contribuir para os estudos da tradução em sua interface com a produção de literatura de cunho feminista.. Como aporte teórico, faremos uso da Teoria dos Polissistemas, de Even-Zohar (1990), para melhor compreender como o polissistema cultural está interligado por meio de outros sistemas e, como um sistema social acaba por influenciar e ser influenciado por outras diversas áreas. Usaremos também os conceitos de manipulação, reescrita e patronagem, de Lefevere (2007), para que seja possível entender em nossa análise o que de fato ocorreu em cada uma das traduções. Utilizaremos também a Linguística de Corpus (Baker, 1996; Sardinha, 2000, 2004; Tagnin, 2000, 2002) e as estratégias tradutórias

[2] Machismo: comportamento que tende a negar à mulher a extensão de prerrogativas ou direitos do homem. Exagerado senso de orgulho masculino; virilidade agressiva; macheza. (Dicionário Google, 2018).

propostas por Mona Baker (1996), como aparato metodológico para a coleta e análise dos dados referentes aos corpora das três obras literárias: a original em inglês e suas duas traduções para o português brasileiro.

No primeiro capítulo, vamos discorrer brevemente sobre a hierarquização histórica da mulher, como essa foi retratada e viveu ao longo dos séculos. Depois, traçaremos o surgimento do feminismo, procurando detalhar cada uma das chamadas “ondas”, ou períodos, pelas quais tal o movimento é subdividido: quais foram suas principais características, suas demandas e suas conquistas. Procuraremos também abordar o feminismo de forma mais aprofundada no cenário brasileiro e discutir também a literatura feminina no Brasil. No final do capítulo, iremos diferenciar a literatura feminista da literatura feminina, e então classificar as fases da literatura feminina no Brasil.

No segundo capítulo, iremos detalhar os conceitos que utilizaremos para fundamentar a nossa pesquisa. Para isso, iremos apresentar a Teoria Dos Polissistemas, de Even-Zohar (1990) e os conceitos de reescritura, patronagem e manipulação, de Lefevere (2007), procurando articulá-los com nosso objeto de pesquisa.

No terceiro capítulo, apresentaremos os procedimentos de análise e daremos início às análises propriamente ditas. Primeiramente, iremos realizar a análise quantitativa, que será feita por meio do programa A*ntconc* e de três ferramentas presentes nesse programa: *Word List, Collocates* e *Concordance*. Iremos fazer uma síntese dos resultados que julgamos como os mais relevantes para o objetivo do presente trabalho. Ainda nesse capítulo, apresentaremos a análise qualitativa, que será feita com base na seleção de 108 excertos aleatoriamente pré-selecionados da obra original em inglês e de suas traduções para o português brasileiro. Dentre os 108 excertos, analisaremos 24 deles , considerando a perspectiva teórica já mencionada e a abordagem metodológica da Linguística de Corpus (Baker, 1996; Sardinha, 2000; Tagnin, 2000, 2002). Abordaremos, mais especificamente, as quatro estratégias tradutórias propostas por Baker (1996), a saber: simplificação, explicitação, normalização e nivelamento.

Por fim, iremos apresentar as nossas conclusões diante dos resultados obtidos com as nossas análises quantitativa e qualitativa, levando em conta também o panorama sócio histórico e político ideológico que exploramos ao longo do primeiro capítulo.

Esperamos, com o presente trabalho, trazer contribuições para os estudos da tradução de textos literários, principalmente para aqueles que possuem um determinado viés social e ideológico, como, por exemplo, o discurso feminista. Esperamos incentivar pesquisas nessa área e também na área de estudos de literatura feminina e feminista. Finalmente, em nossa análise das traduções da obra de Virginia Woolf, buscamos levantar reflexões que dizem respeito à teoria e à prática da tradução literária, procurando destacar a importância de se atentar aos discursos inerentes aos textos fonte e também à forma de os melhor comunicar nos textos alvo.

1 A hierarquização da mulher na história

Ao olharmos em retrospecto para a história da humanidade, vemos a figura masculina como central e protagonista. É difícil saber como esse protagonismo teve início, ou como o masculino se tornou sinônimo de poder enquanto que o feminino tornava-se, ao longo dos anos, sinônimo de inferioridade, pureza ou de pura maldade. Entretanto, alguns historiadores e sociólogos possuem teses que podem nos auxiliar a entender como essa "hierarquia" pode ter começado.

No livro "Sapiens – Uma Breve História da Humanidade"(2017), o historiador Yuval Noah Harari relata como o *Homo Sapiens* evoluiu e como as primeiras cidades e impérios foram construídos. Uma das sociedades usadas como ilustração pelo autor é o Império Babilônico. A Babilônia era a maior cidade do mundo em 1776 a.C. e dominava grande parte da Mesopotâmia. O mais famoso rei desse império foi Hamurabi, que criou um conjunto de leis chamado "O Código de Hamurabi". Esse código tinha como objetivo "ensinar às gerações futuras o que é justiça e como age um rei justo" com base em princípios universais ditados por divindades. Entretanto, ao lermos as várias leis presentes nessa coletânea percebemos como a mulher já era julgada como inferior. Tomemos como exemplo uma das regras descritas por Harari (2017, p. 115) em que "A vida de uma mulher comum vale 30 siclos[3]de prata e a de uma escrava, 20 siclos de prata, ao passo que o olho de um homem comum vale 60 siclos de prata."

Essa discrepância de "valores" entre um sexo e o outro pode parecer extremamente antiquada e ultrapassada, podendo, no entanto, ser compreendida, já que essa lei partia de uma civilização antiga. Contudo, se avançarmos mais alguns séculos na cronologia histórica, veremos que essa visão da suposta inferioridade feminina não se alterou tanto quanto o esperado; pelo contrário, como descreve Zolin (2009, p. 220), as "declarações que descrevem "mulheres" como uma categoria social distinta, com status inferior, remontam ao século XVIII."

Garcia argumenta em seu livro "Breve História do Feminismo" (2015), que durante o Renascimento, por exemplo, "Bispos e teólogos defenderam que a mulher é "naturalmente" inferior ao homem, destinada a obedecer-lhe e, por isso, não podia exercer funções de poder, como o sacerdócio. "(p.25). Afirmações desse tipo, que

[3]Siclos: moeda corrente da Mesopotâmia

inferiorizavam as mulheres, continuaram a ser feitas, até mesmo por filósofos, como Rousseau. O que podemos concluir com esses dados históricos, segundo Consolim (2017), é que “o patriarcalismo e o machismo não são conjunturais, mas estruturais, ou seja, estiveram presentes desde a Antiguidade em quase todas as civilizações[4].” (2017).

Comparando artigos e teorias de historiadores, constatamos que há uma convergência quanto à influência que a religião pode ter infligido sobre os papeis de gênero dentro da sociedade. Para Yuval Harari (2017), a capacidade humana de criar mitos foi o que tornou possível a convivência de grandes grupos e, consequentemente, o surgimento de cidades; pois quando a maioria acredita nas mesmas coisas e tem motivações e temores parecidos, há a cooperação entre indivíduos.

Evidentemente, houve religiões mais permissivas para com as mulheres, e, consequentemente, regras sociais mais brandas sobre elas – os povos célticos e nórdicos são exemplo disso, como ilustrado no artigo de Consolim (2017). Porém, houve também aquelas religiões que submeteram as mulheres a ideais machistas e patriarcais, como, por exemplo, o cristianismo, que exigia das mulheres o papel de donzela casta e virgem, chegando a punir brutalmente mulheres que exerciam livremente sua sexualidade e preceitos. Consolim (2017) ilustra isso com uma passagem bíblica, ao afirmar que “O código religioso já influi o papel social que a mulher deverá representar, ao impor que ‘o teu desejo será para teu marido, e ele te governará’ (Gn 3.16b).” (CONSOLIM, 2017). A autora acrescenta ainda que, representações extremamente negativas dentro da mitologia das religiões – como a de Eva, retratada pela Bíblia como causadora do pecado original, ou Pandora, a primeira mulher criada por Zeus destinada a ser uma punição aos homens – gerou uma dualidade do papel feminino na sociedade: “a santa ou a puta, Maria ou Eva, as resignadas ou as bruxas.”(CONSOLIM, 2017). Esse dualismo, por mais inacreditável que pareça, ainda é presente na atualidade, quando ouvimos, por exemplo, mulheres sendo classificadas como “para casar” ou “apenas para sexo”.

O advento do Iluminismo, movimento filosófico e cultural que prezava pela autonomia e pela razão, facilitou o acesso da mulher à educação formal. Entretanto,

---

[4] UM POUCO DA HISTÓRIA DE CONQUISTAS DOS DIREITOS DAS MULHERES E DO FEMINISMO. Disponível em: <http://www.justificando.com/2017/09/13/um-pouco-da-historia-de-conquistas-dos-direitos-das-mulheres-e-do-feminismo/>. Acesso em: 20 Ago. 2018.

a subserviência da mulher ao seu marido permaneceu intacta, pois, nas classes mais altas “proferia-se a crença de que as mulheres precisavam ser suficientemente educadas, a fim de se tornarem interlocutoras inteligentes e agradáveis para seus maridos.” (CONSOLIM, 2017). Ou seja, até mesmo a educação das mulheres era voltada ao deleite de seus maridos. Em contrapartida, as mulheres que permaneciam solteiras eram ridicularizadas, algo que persiste até os dias de hoje, quando a expressão “ficar para titia” é usada.

No século XVIII, com a Revolução Industrial e o êxodo rural, o papel da mulher na sociedade foi alterado, tornando-a uma trabalhadora assalariada. Algo notável sobre esse fato é que duas consequências perduram até hoje: os salários inferiores ao dos homens e o início de sua “dupla jornada”, ou seja, trabalhar como assalariada, mas, ainda assim, manter a função de cuidar dos afazeres domésticos e da família como um todo.

Novamente, esses dados históricos tornam evidente que a mulher sempre foi subjugada de alguma forma dentro de diversas sociedades. Inserida em um desses meios, estava Adeline Virginia Woolf, uma mulher britânica que viria a se tornar um dos principais rostos do modernismo britânico, mesmo que a contragosto da maioria dos homens intelectuais da época. Virginia Woolf fez uso do papel e de sua escrita, repleta de reflexões sobre o lugar da mulher, como armas, que fizeram nascer em diversas mentes e gerações posteriores, questionamentos sobre o patriarcado e a opressão ao feminino.

Contrariando todas as opressões e pensamentos vigentes de sua época, Virginia se questionava: talvez, quando o patriarcado, de forma enfática, procura salientar a inferioridade das mulheres, ele estaria na realidade “preocupado não com a inferioridade delas, mas com sua própria superioridade” (WOOLF, 2014, p. 53). Justamente por possuir pensamentos tão ímpares aos do seu tempo, Woolf deu voz e influenciou o pensamento de diversos grupos femininos, lhes estimulando a serem críticas e a lutar por um lugar de fala e um maior protagonismo dentro da comunidade social em que viviam. Essas mulheres foram mais tarde chamadas de feministas.

O que procuramos salientar nesse breve parecer histórico é que visões de cunho machista se perpetuam desde tempos remotos. Apesar de ser evidente que o patriarcado é vigente atualmente, parece ser impossível definir quando, de fato, ele teve início. Além disso, a presente seção também procurou incentivar o leitor a

questionar esse estado de permanência, ainda hoje, do machismo, e também, a perceber o porquê mulheres como Virginia Woolf são tão importantes e necessárias no cenário atual e passado.

Nas seções seguintes, procuraremos discutir o que é o movimento feminista e como esse se deu em diferentes momentos históricos – as reivindicações em um dado momento, os percalços enfrentados pelas mulheres que participavam de tal movimento e suas conquistas. Iremos abordar também esses diferentes momentos do feminismo no território brasileiro.

O feminismo

O feminismo é uma corrente filosófica a qual defende que homens e mulheres possuem experiências diferentes, e, justamente por isso, reivindica que pessoas diferentes sejam tratadas "não como iguais, mas como equivalentes[5]" (CONSOLIM, 2017). Como afirma Djamila Ribeiro, - pesquisadora na área de Filosofia Política e feminista, e antiga secretária-adjunta da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo – "o objetivo do feminismo é uma sociedade sem hierarquia de gênero: o gênero não sendo utilizado para conceder privilégios ou legitimar opressão[6]". Tal corrente filosófica se mostrou essencial na reivindicação de direitos antigamente e ainda se mostra necessária nos dias de hoje.

No livro Feminismo em Comum (2018), Marcia Tiburi pondera como o "Feminismo é uma dessas palavras odiadas e amadas em intensidades diferentes. Assim como há quem simplesmente rejeite a questão feminista, há quem se entregue a ela imediatamente." (p.7). A reflexão de Tiburi prova-se realista, pois, conforme corrobora Garcia (2015) "o feminismo ao longo de sua história foi alvo de campanhas que fizeram com que a população de modo geral acreditasse que o feminismo era um inimigo a se combater" (p.12). Tal rechaçamento se mostra presente hodiernamente, principalmente nas redes sociais, chegando ao ponto de os indivíduos contrários a tal corrente chamarem as mulheres que apoiam tal

[5] UM POUCO DA HISTÓRIA DE CONQUISTAS DOS DIREITOS DAS MULHERES E DO FEMINISMO. Disponível em: <http://www.justificando.com/2017/09/13/um-pouco-da-historia-de-conquistas-dos-direitos-das-mulheres-e-do-feminismo/>. Acesso em: 20 Ago. 2018.
[6] AS DIVERSAS ONDAS DO FEMINISMO ACADÊMICO. Disponível em: < https://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/feminismo-academico-9622.html >. Acesso em: 20 Ago. 2018.

movimento de “feminazis”, numa referência clara ao nazismo e sua visão radical de mundo. Esse repúdio gratuito ao movimento feminista demonstra que, provavelmente, esses indivíduos “desconhecem o que é o feminismo e todas as suas realizações” (GARCIA, 2015), afinal, como um movimento que luta pelo reconhecimento de direitos e oportunidades para as mulheres, ou seja, pela equidade de todos os seres humanos, pode ser algo negativo?

Por outro lado, aqueles que procuram saber, minimamente que seja, sobre o feminismo, acabam por ampliar sua visão de mundo, visto que:

> [...] Além de ser uma teoria política e uma prática social, o feminismo é muito mais. O discurso, a reflexão e a prática feminista carregam também uma ética e uma forma de estar no mundo. A tomada de consciência feminista transforma – inevitavelmente – a vida de cada uma das mulheres que dela se aproximam, pois a consciência da discriminação supõe uma postura diferente diante dos fatos [...] (GARCIA, 2015).

Garcia (2015) também afirma que o feminismo é similarmente uma ferramenta emancipadora, pois este acaba por transformar a relação entre homens e mulheres, causando impactos em todas as áreas de conhecimento; “é uma consciência crítica que ressalta as tensões e contradições que encerram todos os discursos que intencionalmente confundem o masculino com o universal.” (p.14). Tais preceitos anteriormente listados por Garcia são corroborados em múltiplas áreas filosóficas, em diversas épocas e por vários filósofos e filósofas, que acabaram por se apoiar nos preceitos do feminismo.

Os discursos que intencionalmente confundem o masculino com o universal dentro da filosofia remetem a 350 a.C., quando Aristóteles afirmou que “a fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades”, por exemplo. Centenas de anos depois, em 1949 para sermos mais exatos, tal afirmação foi contestada por uma filósofa existencialista. Seu nome era Simone de Beauvoir e em um dos seus livros, O Segundo Sexo, ela escreveu que “ao longo da história, o padrão de medida do que entendemos como humano – tanto na filosofia quanto na sociedade em geral – passa por uma visão peculiarmente masculina”. Justamente por isso, Beauvoir dizia que “O homem é definido como ser humano e a mulher, como fêmea”. A seu ver, tal fato se dava porque:

> [...] o Eu do conhecimento filosófico é masculino por falta de oposição, e seu par binário, o feminino, é, portanto, algo além, que ela chama de Outro. O Eu é ativo e consciente, enquanto o Outro é tudo que o Eu rejeita: passivo, sem voz e sem poder. (BUCKINGHAM, 2014, p. 276.).

Para Beauvoir, “A representação do mundo é obra dos homens; eles o descrevem a partir de seu próprio ponto de vista”, ou seja, acabam por ignorar o ponto de vista das mulheres, não só dentro do campo da filosofia, como em vários outros. Além de abordar essas questões sobre a visão masculina com relação ao mundo, Beauvoir também foi uma das percussoras da discussão sobre gênero no mundo, demandando a separação do ente biológico (a forma corporal) da feminilidade (uma construção social), tornando-se muito conhecida pela frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”.

O feminismo também influenciou outras áreas científicas, como por exemplo, a área da filosofia política. Como apontamos na seção anterior, a mulher foi considerada subordinada ao homem durante grande parte da história da humanidade. No século XVIII, porém, tal disposição começou a ser questionada de forma mais aberta. Nessa época, as diferenças físicas eram usadas como justificativa para as desigualdades sociais entre mulheres e homens, porém a inglesa Mary Wollstonecraft não concordava com isso. Wollstonecraft defendia a educação igual entre homens e mulheres, pois para ela se aos homens e às mulheres fosse dada a mesma educação, ambos iriam adquirir o mesmo caráter virtuoso e a mesma abordagem racional à vida, porque têm fundamentalmente cérebros e mentes similares. (BUCKINGHAM, 2014, p. 175). A partir dessa opinião, Wollstonecraft escreveu *A vindication of the rights of woman*, que foi publicado em 1762. Apesar disso, suas exigências de tratamento igualitário para ambos os sexos - no meio social, legal e político – foram desdenhadas, embora tenha semeado os movimentos sufragistas e feministas que floresceriam nos séculos XIX e XX.

Também dentro da filosofia política temos o pensamento de Luce Irigaray, filósofa e analista belga, que escreveu *Sex and Genealogies* (1987), no qual afirmou que “Em todo lugar, em tudo, o discurso, os valores, os sonhos e os desejos masculinos são lei”. Para Buckingham (2014), a obra de Irigaray pode ser vista como uma luta para descobrir maneiras de falar, sonhar e desejar autenticamente femininas, livres do “másculo-centrismo.” (BUCKINGHAM, 2014, p. 320). Assim

como Irigaray, Hélène Cixous, filósofa e dramaturga francesa, acredita que a visão masculina é central também no campo das idéias. Para Cixous, “A mulher deve escrever sobre si própria e levar mulheres a escrever” (CIXOUS, 1975, *apud* BUCKINGHAM, 2014, p.322) para que assim, a nossa tendência de agrupar elementos do mundo em pares opostos de maneira hierárquica conforme observa também Buckingham, tenha fim:

> [...] sustentados por uma tendência de considerar um elemento dominante, ou superior, associado com masculinidade e atividade, enquanto o outro elemento, ou aspecto mais fraco, é associado com feminilidade ou passividade [...] (BUCKINGHAM, 2014, p.322).

Apesar de serem de épocas distintas, existem conexões entre as reflexões de todas essas mulheres. Podemos ilustrar isso associando o pensamento de Cixous com o de Virginia Woolf que, mesmo separadas por dezenas de anos, apóiam a mesma idéia de que a mulher deve produzir textos de própria autoria e terem liberdade criativa.

Logo, essas diversas linhas filosóficas se entrelaçam para corroborar o fato de que o feminismo é um movimento que almeja a equidade dos sexos, que busca, podemos dizer, nada mais que a justiça entre os indivíduos, independente do gênero. Ao longo da história, o movimento feminista passou por diferentes fases – que tinham como foco diferentes questões relacionadas ao direito das mulheres. Essas foram mais tarde divididas por períodos e chamados de “ondas”. Nas próximas seções, procuramos nos aprofundar em cada uma dessas ondas, buscando caracterizar o cenário social em cada uma delas, na Europa e no Brasil.

A primeira onda feminista

Conforme discutido, ao longo dos séculos foi dado à mulher um papel de subserviência aos homens, mas também é inegável que nesse mesmo período de tempo sempre houve mulheres que questionavam, mesmo que de forma extremamente discreta, o papel que lhes era designado. Podemos citar mulheres que fizeram isso desde tempos remotos, como no Renascimento – quando, por

exemplo, Christine de Pizan (1363 -1431), que segundo Garcia (2015), pode ser considerada a primeira mulher escritora profissional. Ela escreveu seu livro “A cidade das mulheres”, no qual ela questiona às “autoridade masculina dos grandes pensadores e poetas que contribuíram para formar a tradição misógina e decide fazer frente as acusações e insultos contra as mulheres” (p. 27).

Entretanto, foi somente na passagem do século XIX para o século XX, que as mulheres se organizaram de fato como um grupo em um movimento social. Nesse momento histórico, correntes sociais pautadas na liberdade individual e no igualitarismo influenciavam as sociedades do ocidente. Entretanto, como aponta Consolim (2017), esse liberalismo era marcado pelo patriarcalismo. Influenciadas por esses ideais de igualitarismo, surge nessa época a denominada primeira onda do feminismo, “orquestrada por mulheres dos EUA e do Reino Unido, brancas, de classe média e insatisfeitas com o seu estado de submissão e opressão.” [7] (Consolim, 2017). As primeiras reivindicações feitas por estas mulheres clamavam por igualdade jurídica, o direito ao voto e o acesso à instrução e profissões liberais. Ademais, havia também a oposição a casamentos arranjados e o modo como mulheres eram consideradas propriedades dos maridos.

Na mesma época em que ocorreram tais reivindicações, advieram ataques a vinte e nove obras de museus europeus. Como afirmar Consolim (2017), tal ação foi realizada por mulheres feministas e a maioria das obras atacadas apresentava a mulher em uma posição aceitável pela sociedade da época: rezando, tocando flauta, lendo a Bíblia ou então apenas nua. As autoras de tais protestos foram presas e sempre deixaram claro que “enquanto não pudermos votar, continuaremos atacando museus” [8] . Em 1918, no Reino Unido, a campanha pelo sufrágio feminino foi efetivada, e terminou com a aprovação do *Representation of the People Act,* que concedeu o direito ao voto às mulheres acima de trinta anos e que possuíssem alguma propriedade. (CONSOLIM, 2017). Foi somente em 1928 que tal direito foi estendido a todas as mulheres acima de vinte e um anos de idade.

---

[7] A HISTÓRIA DA PRIMEIRA ONDA FEMINISTA. Disponível em: < http://www.justificando.com/2017/09/14/historia-da-primeira-onda-feminista/>. Acesso em: 17 de Jun de 2018.

[8] A HISTÓRIA DA PRIMEIRA ONDA FEMINISTA. Disponível em: < http://www.justificando.com/2017/09/14/historia-da-primeira-onda-feminista/>. Acesso em: 17 de Jun de 2018.

Contudo, em outros países, tal conquista se deu de forma bem diferente daquela do Reino Unido. Segundo Consolim (2017), nos Estados Unidos, em 1919, a Décima Nona Emenda à Constituição americana concedeu às mulheres de todos os Estados o direito ao voto. Já na Itália, a reforma eleitoral de 1912 estendeu o direito ao voto aos analfabetos, mas continuou a excluir as mulheres, os menores, os prisioneiros e os doentes mentais, mantendo, dessa forma, a posição subjugada das mulheres. O direito ao sufrágio só foi conquistado pelas italianas após duas guerras mundiais, em 1945. Já no Brasil, Rachel Soihet (2016, p. 219) afirma que "embora a campanha sufragista de maior alcance não se tenha aqui tornado um movimento de massas, esta se caracterizou pela sua excelente organização, o que fez do Brasil um dos primeiros países a garantir o direito de voto às mulheres.", o que se deu em 24 de fevereiro de 1932, apenas para mulheres com profissões remuneradas. Não obstante, existem casos de países que chocam devido à demora para oficializar ou permitir que mulheres de fato exerçam sua cidadania por meio do voto, como foi o caso da Suíça, onde "as mulheres ganharam o direito de votar em eleições federais apenas em 1971", e na Arábia Saudita, onde "mulheres votaram e foram eleitas pela primeira vez em 2015". (CONSOLIM, 2017).

No campo literário, durante a primeira onda, algumas mulheres se destacaram. Um exemplo é a escritora Virginia Woolf (1882 – 1941). Nascida em Londres, podemos dizer que a autora teve influencias artísticas desde muito cedo, seu pai, por exemplo, foi editor do *Dictionary of National Biography*, que formava uma compilação de sessenta e dois livros. Virginia foi educada em casa, onde ela possuía livre acesso à extensa biblioteca do pai (MARCUS, 1988), entretanto, a autora almejava frequentar a escola como seus irmãos homens, o que não lhe era permitido – tal proibição era algo muito comum nessa época. Apesar de ter se tornado uma das escritoras mais relevantes do século XX, Virginia sempre se considerou pouco escolarizada. Mais tarde, Woolf passou a fazer parte do Grupo de Bloomsbury, uma reunião formada de intelectuais e artistas britânicos. Nesse mesmo período, Woolf começou a produzir uma série de artigos curtos e resenhas para vários jornais de Londres: esse pode ser considerado como o marco zero de sua carreira como escritora. Ao longo dos anos seguintes, Virginia Woolf continuou a escrever diversas novelas e artigos, incluindo a obra *A Room of One's Own* – tida como grande influenciadora do movimento feminista – e várias outras relevantes no campo da literatura como um todo. Em suas obras, Woolf abordava temas que

envolviam críticas ao sistema social, questões psicológicas, gênero, sexo e feminismo; tais tópicos são vistos especialmente em “Um teto todo seu” e “Orlando”.

Outra mulher que também ganhou destaque na área literária foi Simone de Beauvoir. A filósofa existencialista nasceu em Paris, em 1908. Ao longo de sua vida, a autora escreveu romances que exploravam abordagens filosóficas e também outros vários gêneros, como livros de viagens, memórias, uma autobiografia e ensaios políticos. O Segundo Sexo, sua mais famosa obra, levou a abordagem existencialista às ideias feministas, pois a autora nessa obra defendia que as mulheres deveriam se libertar tanto da idéia de que devem ser como os homens quanto da passividade que a sociedade lhes atribuiu; logo, as mulheres deveriam viver uma existência verdadeiramente autêntica. Proibido até mesmo pelo Vaticano na época, o livro se tornou uma das obras feministas mais importantes do século XX.

Com a consolidação do capitalismo na maior parte do mundo, a mulher alcançou espaço no mercado de trabalho, porém, de acordo com Consolim (2017), essas tornaram-se mão de obra barata sob a alegação de que precisariam ser sustentadas pelos seus maridos. Com o fim da 2ª Guerra Mundial, e, consequentemente, da necessidade imposta às mulheres de que essas trabalhassem enquanto seus maridos estavam nas batalhas:

> [...] Mais do que nunca, a imagem da mulher volta a ser associada às responsabilidades domésticas e à criação dos filhos. Isso porque, nesse contexto, havia uma mobilização para que as mulheres se retirassem do mercado de trabalho a fim de ceder espaço aos homens que retornavam da 2ª Guerra Mundial. (CONSOLIM, 2017)[9].

Com isso, a imagem idealizada de esposa e mãe refletia o que o mundo esperava das mulheres nesse período. Enquanto uma parcela da sociedade se orgulhava do “liberalismo, da liberdade e igualdade, ao menos para as mulheres, essas eram meramente formais.”, como diz Consolim (2017). Entretanto, a tomada

[9] SEGUNDA ONDA FEMINISTA: DESIGUALDADE, DISCRIMINAÇÃO E POLÍTICA DAS MULHERES. Disponível em: < http://www.justificando.com/2017/09/14/segunda-onda-feminista-desigualdades-culturais-discriminacao-e-politicas-das-mulheres/>. Acesso em: 18de Jun de 2018.

de consciência de que a união poderia fazer a diferença já estava intrínseca às mulheres que participaram, e viriam a participar, do movimento feminista.

A segunda onda feminista

No século XX, as décadas de 60 e 70 foram marcadas por diversos acontecimentos que ocorreram no cenário mundial da época. Alguns exemplos foram "o movimento hippie, as manifestações estudantis, os manifestos contra a guerra do Vietnã e, na America Latina, os movimentos de resistência contra as Ditaduras Militares." (CONSOLIM, 2017). Todo o radicalismo desses movimentos e dos da Nova Esquerda (New Left), fomentaram essa onda do feminismo, que "começou como um dos movimentos sociais que desafiaram as estruturas normatizadoras da social-democracia pós-Segunda Guerra." (FRASER, 2007, p.293). A partir dessa influência, nasce a segunda onda feminista, cuja maior questão era a discriminação de gênero e "uma visão expandida da política que incluísse 'o pessoal'". (p.293).

Tal onda surgiu e se manifestou especialmente nos Estados Unidos, como observam Consolim (2017) e Fraser (2007). Essa almejava a política de respeito às diferenças e de igualdade de direitos, fundada principalmente na equivalência dos sexos, e não na superioridade entre esses. Consolim afirma que:

> [...] As feministas da segunda onda entendiam que as desigualdades culturais e políticas das mulheres estavam intrinsecamente relacionadas. Buscavam, assim, incentivar as mulheres a perceber os aspectos de suas vidas pessoais como profundamente politizados e como reflexo de estruturas de poder sexista. (CONSOLIM, 2017)[10].

Fraser afirma em seu artigo *Feminism, capitalism and the cunning of history* (2009), que as feministas da segunda onda politizaram "o pessoal", expandindo o significado de justiça e reinterpretaram como injustiças "desigualdades sociais que tinham sido negligenciadas, toleradas ou racionalizadas desde tempos

[10] SEGUNDA ONDA FEMINISTA: DESIGUALDADE, DISCRIMINAÇÃO E POLÍTICA DAS MULHERES. Disponível em: < http://www.justificando.com/2017/09/14/segunda-onda-feminista-desigualdades-culturais-discriminacao-e-politicas-das-mulheres/>. Acesso em: 18de Jun de 2018.

imemoriáveis.” (p. 18). Essas mulheres expuseram injustiças localizadas em lugares nunca antes refletidos – como na família e em tradições culturais, na sociedade civil e na vida cotidiana.

As feministas dessa onda focavam não apenas na questão de gênero, “mas também na classe, na raça, na sexualidade e na nacionalidade.” (FRASER, 2009, p.18), além de também terem sido precursoras de “uma alternativa “interseccionista” que é amplamente aceita até hoje”, possibilitando a formação de outros grupos identitários dentro do feminismo como um todo, como o feminismo negro e outros, que possuem pautas diferenciadas a serem defendidas.

Na área da literatura, a francesa Betty Friedan publicou o livro chamado “A Mística Feminista” (1963), retomando as idéias de Beauvoir e ajudando a divulgar o movimento feminista pelo mundo. Como explicita Consolim (2017):

> [...] A escritora colheu depoimentos de mulheres da classe média que correspondiam ao ideal de rainhas do lar e concluiu que elas não possuíam a felicidade que aparentavam ter, ao demonstrarem descontentamento com a própria identidade. Friedan acabou por desmistificar o papel da mulher na sociedade da época, contribuindo para que elas revivessem a luta por seus direitos.

Nessa época, acentuou-se a percepção do machismo como estrutural, de acordo com Consolim (2017). Indícios passaram a se tornar mais claros para as mulheres da época, quando, por exemplo, essas perceberam que havia uma divisão sexista do trabalho “que sistematicamente desvalorizava atividades, remuneradas e não remuneradas, que eram executadas por ou associada com mulheres.” (FRASER, 2009, p. 19). Quando aplicaram essa análise ao capitalismo, elas:

> [...] descobriram as conexões profundamente estruturais entre a responsabilidade das mulheres à maior parte dos cuidados não remunerados, a subordinação no matrimônio e na vida pessoal, a segmentação de gênero dos mercados de trabalho, a dominação do sistema político pelos homens [...] (FRASER, 2009, p. 19).

Finalmente, como ainda afirma Fraser (2009), as feministas da segunda onda ampliaram o campo de ação da justiça, incluindo assuntos que antes lhes eram

privados, como sexualidade, serviço doméstico, reprodução e violência contra mulheres (2009, p.18). Um exemplo disso foi a luta pela abolição da “isenção conjugal”, que impedia que os maridos sofressem penalização por estuprarem as próprias esposas – tal abolição ainda não foi conquistada em muitas partes do mundo. (CONSOLIM, 2017). Tomando tais ações, as mulheres “ampliaram efetivamente o conceito de injustiça para abranger não apenas as desigualdades econômicas, mas também as hierarquias de status e assimetrias do poder político.” (FRASER, 2009, p. 18).

Na década de 60, também houve a decadência do colonialismo europeu na África e em partes da América Latina. Tal fato, como afirma Consolim (2017), criou um senso crítico nas mulheres das antigas colônias, que passaram a criticar o feminismo ocidental tradicional, por achá-lo etnocêntrico, não abarcando todas as realidades existentes das mulheres. Logo, “o feminismo de terceiro mundo está intimamente relacionado com o pós-colonial. Feministas negras, como Angela Davis e Alice Walker, compartilharam desse ponto de vista.” (CONSOLIM, 2017).

Pressionada por manifestações e passeatas - como a famosa Queima dos Sutiãs, realizada por ativistas do WLM (Women´s Liberation Movement), em 1968 – a ONU, em 1979, durante sua Assembléia Geral, aprovou “a Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW) e respectivo Protocolo Facultativo.” (CONSOLIM, 2017). Tal tratado internacional entrou em vigor no Brasil somente em 2002. Como esclarece Consolim (2017), tal convenção prevê a adoção pelos Estados signatários de política destinada a eliminar a discriminação contra a mulher, entendida esta como:

> [...] toda distinção, exclusão ou restrição baseada no sexo e que tenha por objeto ou resultado prejudicar ou anular o reconhecimento, gozo ou exercício pela mulher, independente de seu estado civil, com base na igualdade do homem e da mulher, dos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural e civil ou em qualquer outro campo. (CONSOLIM, 2017)[11].

Essas medidas visam a garantir o usufruir dos direitos humanos e das liberdades necessárias às mulheres em igualdade de condições com os homens,

[11] SEGUNDA ONDA FEMINISTA: DESIGUALDADE, DISCRIMINAÇÃO E POLÍTICA DAS MULHERES. Disponível em: < http://www.justificando.com/2017/09/14/segunda-onda-feminista-desigualdades-culturais-discriminacao-e-politicas-das-mulheres/>. Acesso em: 18de Jun de 2018.

“além de buscar alterar os padrões socioculturais de conduta e suprimir todas as formas de tráfico de mulheres e exploração da prostituição feminina.” (CONSOLIM, 2017).

A segunda onda possibilitou que as mulheres pudessem perceber como a sociedade se estruturava por três ordens de subordinação: (má) distribuição de renda, (falta de) reconhecimento e a (falta de) representação. Essa percepção possibilitou que a maior parte das feministas concordasse que para superar a subordinação era necessário que se transformasse radicalmente as estruturas profundas da totalidade social.

Como resultado da luta dessa época e das mudanças que ocorreram ao longo deste período, o antigo modelo de mulher entrou em crise e, consequentemente, um novo perfil começou a surgir. Esse novo perfil de mulher e de feminilidade deu origem ao início da Terceira Onda Feminista, que veremos mais detalhadamente na próxima seção.

A terceira onda feminista

Podemos dizer que a terceira onda feminista teve início na década de 90 do século XX – como afirma Zinani (2009), por exemplo – e perdura até os dias de hoje (porém, há discordâncias sobre tal afirmativa). Como vimos anteriormente, a segunda onda foi responsável por conquistas de direitos em vários âmbitos. Logo, o foco da terceira onda se volta para a análise das diferenças, da diversidade e da subjetividade. Por conseguinte, as feministas dessa onda focam “na mudança de estereótipos, nos retratos da mídia e na linguagem usada para definir as mulheres.” (CONSOLIM, 2017)[12].

O campo de estudo sobre as mulheres e sobre os sexos desloca-se para o estudo das relações de gênero, como afirma Narvaz e Koller (2006). Para as autoras, o desafio dessa fase é pensar, simultaneamente, a igualdade e a diferença na constituição das subjetividades masculina e feminina. Portanto, como afirma Zinani (2009), a terceira onda apresenta uma pauta mais ampla do

[12] O QUE PEDE A TERCEIRA ONDA FEMINISTA?. Disponível em: < http://www.justificando.com/2017/09/15/o-que-pede-terceira-onda-feminista/>. Acesso em: 19 de Set de 2018.

que o grupo da segunda onda, uma vez que engloba “a teoria *queer*, a conscientização negra, o pós-colonialismo, a teoria crítica, o transnacionalismo”, entre outros. (BONICCI, 2007, p. 252 *apud* ZINANI, 2009, p. 413). Logo, como aponta Zinani (2009), feministas antes marginalizadas, passam a contribuir para estabelecer a identidade dessa onda, que pode ser interpretada como uma junção da contradição e da negociação das diferenças – sendo essa uma das características mais significativas do feminismo contemporâneo.

Outros aspectos debatidos dentro da terceira onda são a auto-estima sexual – pois “sexualidade é também uma modalidade de poder.” (ZINANI, 2009, p. 413) – e a questão de gênero, que passou a ser considerada uma construção social, uma invenção (NARVAZ; KOLLER, 2006 *apud* Nogueira, 2001, p.650). Durante esse período, o gênero passou a ser entendido como uma categoria relacional (NARVAZ; KOLLER, 2006), não sendo mais baseado nas diferenças biológicas ou “naturais”. Logo, o gênero passou a ser entendido como relação política, que ocorre num campo discursivo e histórico de relações de poder (NARVAZ; KOLLER, 2006, *apud* SCOTT, 1986, p. 650). Para Butler (2003), gênero pode ser conceituado como um “ato performático”, como um efeito, produzido ou gerado. Assim, para Zinani (2009), essa definição de Butler:

> [...] resgata a noção de processo e de construção singular de cada sujeito, dentro de um campo situado de possibilidades que é reafirmado ou renegociado através de sucessivas “performances”, ou seja, atos, práticas concretas (e não essências naturalizadas) através dos quais os sujeitos se constituem. (ZINANI, 2009).

Por conseguinte, Zinani (2009) afirma que, não havendo mais “sexo natural” ou uma única forma de ser mulher (ou de ser homem), as políticas de identidade do feminismo original, presentes nas gerações anteriores, foram questionadas, pois, como reafirma Butler (2003), “O próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes.” (p. 18).

Devido às diversidades e aos diferentes grupos presentes nessa onda, o conceito de mulher não era mais universalizado, como afirma Franchini (2018), pois se tornou necessário reconhecer as diferentes variedades de identidades e experiências de mulheres. Unificar todo o grupo

como único, era considerado algo excludente, já que isso anularia a imensa variedade de mulheres existentes, excluindo suas especificidades.

É em meio à terceira onda que Judith Butler surge no campo acadêmico, e posteriormente literário, com sua obra e tese de doutorado Problemas de Gênero (1990). Sua teoria de gênero como performatividade – que rompe o paradigma da divisão entre natural e social, sexo e gênero – lança as sementes para a teoria *queer* que se desenvolveria mais profundamente ao longo da década de 90, como afirma Franchini (2018), influenciando, assim, o movimento feminista e a sociedade como um todo.

Em 1994, a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher foi adotada pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos como uma resposta à situação de violência contra mulheres existentes na América, de acordo com Consolim (2017). Como afirma a autora, o artigo 1º da Convenção define a violência contra a mulher como "qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como privado". (CONSOLIM, 2017).

O artigo 6º, por sua vez, prevê que a vida de uma mulher livre de violência deve incluir, entre outras coisas, o direito de ser livre de toda forma de discriminação e de ser educada livre de padrões estereotipados de comportamento e práticas sociais baseadas em conceitos de inferioridade ou subordinação. Como esclarece também Consolim, tal tratado internacional prevê ainda que os Estados deverão levar em conta a situação da mulher vulnerável à violência por sua raça, origem étnica ou condição de migrante, de refugiada ou de deslocada, entre outros motivos.

Outro fato relevante que se sucedeu durante a terceira onda foi a intensa intersecção entre o movimento político de luta das mulheres e a academia, como afirma Narvaz & Koller (2006). Isso aconteceu quando começaram a ser criados centros de estudos sobre a mulher, o feminismo e os estudos de gênero nas universidades – inclusive em algumas universidades brasileiras.

Apesar das conquistas na suposta igualdade no mundo ocidental e dos avanços na igualdade entre homens e mulheres, "o patriarcalismo e o machismo continuam enraizados na estrutura social em todo o planeta." (CONSOLIM,

2017)[13], acarretando a falta de valorização social, política, econômica e identitária a que as mulheres ainda estão sujeitas. Alguns exemplos disso são

> [...] as mutilações realizadas nas mulheres em alguns países da África, com a supressão do clitóris; a censura às mulheres em países islâmicos, onde elas são proibidas, dentre outras opressões, de exibir o rosto; a subjugação das mulheres como escravas e prostitutas em regiões da Ásia. (CONSOLIM, 2017).

Outros fatores expõem essa falta de valorização das mulheres. O salário que os homens recebem que é, em média, 62,5% maior que o das mulheres e também a alta taxa de feminicídios – contabiliza-se que uma mulher morre a cada hora no Brasil (CONSOLIM, 2017). Além disso, ainda existe uma negação clara do Estado em relação aos direitos sexuais da mulher, quando, por exemplo, em unidades prisionais femininas, o direito à visita íntima é vedado ou não é exercido, enquanto que nas prisões masculinas, esse direito é fundamental. Ou, por exemplo, quando o anticoncepcional masculino foi desenvolvido com sucesso, mas não foi lançado no mercado, pois este apresentava “reações semelhantes ao feminino, mas que o corpo do homem, diferente do da mulher, não poderia suportar.”(CONSOLIM, 2017).

Portanto, pode-se concluir que, apesar das diversas conquistas, ainda é muito importante aprender sobre as vidas e lutas de mulheres antepassadas, “como forma de reconhecimento da estrutura social na qual estamos inseridos” (CONSOLIM, 2017) – ou seja, para compreender como certos privilégios atuais foram atingidos e como as mulheres se vêem ainda presas a uma rede intrínseca de machismo na sociedade contemporânea – e fazer uso de tais ensinamentos como instrumento para a conquista de direitos.

Com o advento de novas tecnologias na contemporaneidade, e com o uso dessas de modo maciço pela população, o feminismo contemporâneo passou a ser abordado de maneira diferente das gerações anteriores. Através do uso das redes sociais, o alcance de tal discurso se tornou ainda mais amplo e acessível. Na próxima seção tal perspectiva será discutida.

---

[13] O QUE PEDE A TERCEIRA ONDA FEMINISTA?. Disponível em: < http://www.justificando.com/2017/09/15/o-que-pede-terceira-onda-feminista/>. Acesso em: 19 de Set de 2018.

Quarta onda feminista?

A quarta onda seria caracterizada, principalmente, pelo uso em massa das redes sociais para organização, conscientização e propagação dos ideais feministas, como afirma Franchini (2017). Entretanto, não há, hoje, um acordo dentro da academia se essa onda de fato existe. Apesar de não se ter uma coesão teórica, existem pautas frequentes como a cultura do estupro, a representação da mulher na mídia, os abusos vivenciados no ambiente de trabalho e nas universidades, e a postura de denúncia e de recusa ao silenciamento, como afirma Franchini (2017).

Já Marcia Tiburi, em sua obra “Feminismo em comum” (2018), diz que devemos retirar o feminismo da seara das polêmicas infindáveis e enfrentá-lo urgentemente como potência transformadora. E podemos dizer que isso já está acontecendo. Expressões como “feminismo” e “igualdade de gênero”, para Franchini (2017), estão, aos poucos, deixando de ser “palavrões” ou tabus. No entanto, a mídia está se apropriando de tais expressões e as tornando jargões midiáticos, iscas para o consumo. A forma como a próxima onda de feministas vai responder a tudo isso é decisiva para o futuro do próprio movimento feminista, de acordo com Franchini (2017).

Nas seções anteriores, o movimento feminista e sua história foram abordados de maneira mais abrangente, levando em conta a história do movimento como um todo no mundo. A seguir, procuraremos enfocar tal movimento dentro da perspectiva brasileira, como esse se deu no Brasil e quais foram suas particularidades.

O feminismo no Brasil

Os valores patriarcais – que estão, até hoje, enraizados em diversas culturas e em instituições – remontam ao período colonial brasileiro e, durante grande parte da história brasileira, foram referência quando o assunto era família. De acordo com Scott (2016), na ordem patriarcal, a mulher deveria obedecer a pai e marido, passando da autoridade de um para o outro através do casamento monogâmico e indissolúvel. Logo, o domínio masculino era indiscutível e os desejos individuais e manifestações de sentimentos, principalmente por parte das mulheres, tinham pouco espaço, ou nenhum, pois tudo que interessava era a vontade do patriarca. Entretanto, Scott (2016) aponta que, a partir do século XX, tais valores começaram a

ser colocados em causa, muito embora a subalternidade e a dependência das mulheres em relação ao “sexo forte” na família se manteriam ainda por muito tempo.

Apesar da condição descrita acima ter sido vivenciada por grande parte das mulheres na história, no Brasil, as condições possuíam algumas peculiaridades. No final de 1800, um novo modelo de família começou a ser preconizado. O amor romântico ganhou maior relevância, e a vontade dos indivíduos da família ganhavam um pouco mais de espaço, deixando de estar totalmente subordinada ao chefe da família. A “nova família” também exigia uma “nova mulher”:

> [...] uma mão dedicada que dispensava especial atenção ao cuidado e à educação dos filhos (não recorrendo às amas de leite, por exemplo), responsabilizando-se também pela “formação moral” das crianças. Essa “nova mulher” seria também a esposa afetiva, ainda submissa ao marido, mas não mais completamente sem voz. Desobrigada agora de qualquer trabalho “produtivo”, a mulher estaria voltada inteiramente aos afazeres do lar, o espaço feminino por excelência, ao passo que o espaço público seria o domínio dos homens. (SCOTT, 2016, p.17).

Contudo, tais valores não adquiriram a mesma importância na vida de todos os brasileiros. Afinal, nem todos puderam se adaptar ao ideal de vida burguês, pois a sociedade brasileira já era marcada por ser profundamente diversa e desigual, “hierarquizada a partir de elementos socioeconômicos e étnicos (herança do escravismo)” (SCOTT, 2016, p. 17). Mesmo assim, o ideal de família que as novas classes dominantes estimulavam tornou-se o novo parâmetro.

Ainda assim, era esperado que as classes populares fornecessem mão de obra adequada para a indústria que se disseminava. Logo, nos primórdios da industrialização brasileira, as mulheres (assim como as crianças) integravam as atividades industriais. Gradativamente, contudo, o panorama foi se alterando. De acordo com Scott (2016), em 1872, as mulheres constituíam 76% da força de trabalho nas fábricas; já em 1950 somavam pouco mais de 20%. Seria possível imaginar que tais operárias deixaram o trabalho para se voltarem inteiramente para o lar, mas não foi bem assim. Nas primeiras décadas do século XX, com o grande contingente de imigrantes europeus vindo para o Brasil, houve o aumento de oferta de trabalhadores masculinos, o que acarretou na queda da participação feminina no mercado de trabalho, por conta da concorrência com a mão de obra masculina. Com isso, houve o estímulo para a permanência das mulheres no lar, tornando “o papel

das mulheres/mães das famílias das classes populares, então, aquele de formar o “trabalhador ideal”. (SCOTT, 2016, p.18).

Por muito tempo restritas à casa, na metade do século XIX, algumas mulheres começaram a reivindicar por seu direito à educação, de acordo com Garcia (2015). Entretanto, como observa Rosemberg (2016), a educação no Brasil percorreu um caminho acidentado, no qual houve diversas amarras à educação formal e pública, como a segregação sexual das escolas, interditando a educação mista; o ideário de que a educação de meninas e moças deveria ser mais restrita que a de meninos e rapazes em decorrência de sua saúde frágil, sua inteligência limitada e voltada para a “missão” de ser mãe; o impedimento à continuidade dos estudos secundário e superior para as jovens brasileiras etc. Tais restrições e dificuldades nos fazem compreender porque a primeira brasileira a ter um diploma de ensino superior, graduou-se em 1882 – nos Estados Unidos e não no Brasil. Como afirma Rosemberg (2016), as barreiras foram intensas, mas a indignação perante o começo da instrução feminina não foi a mesma, embora estivesse presente desde o século XIX, principalmente expressa por mulheres educadas, como escritoras e jornalistas. Para as feministas brasileiras, assim como para as européias e as norte americanas, “a educação era a forma de conscientizar as mulheres da subjugação masculina.” (Garcia, 2015).

Podemos dizer que o começo do movimento propriamente de mulheres foi com a imprensa alternativa feminina, surgida em meados do século XIX, como aponta Garcia (2015). Com o início da urbanização, mudanças na política e na economia deram espaço para ideias novas, incluindo a mulher e sua participação social.

> [...] Ainda que a imprensa feminina tenha surgido no Brasil, por volta de 1820, coincidindo com as disputas em torno da independência, os jornais feministas datam da segunda metade do séc. XIX e primeira década do século XX. Eles tiveram uma peculiaridade que os distingue dos de outros países; aqui eram editados e, em geral, de propriedade das próprias mulheres. (GARCIA, 2015, p. 9).

As aspirações das mulheres brasileiras mudaram significativamente a partir do final do século XIX. Como afirma Rachel Soihet (2016), mulheres do segmento médio e alto passaram a buscar inserção no mercado de trabalho. Tal causa ganhou o apoio de mulheres da alta burguesia, que também desejavam realização

profissional e autossuficiência financeira. Para alcançar tal objetivo, foram considerados instrumentos essenciais à educação de qualidade, o direito ao voto e à elegibilidade. Em 1917, 84 mulheres realizaram uma passeata, surpreendendo a população do Rio de Janeiro, culminando na apresentação de um projeto de lei que estabelecia o sufrágio feminino. O projeto, entretanto, nem chegou a ser discutido.

De acordo com Soihet (2016), na sociedade brasileira havia em geral, e entre autoridades e políticos em particular, forte oposição às reinvidicações das mulheres. Para justificar tal oposição, era usada a ciência da época, que considerava as mulheres, por suas supostas fragilidade e menor inteligência, inadequadas para as atividades públicas, afirmando que o lar era o local apropriado para sua inserção e o cuidado com a família, sua prioridade. Infelizmente, tal realidade não foi vivida apenas no Brasil, como também no Inglaterra, como a própria Virginia Woolf relata em sua obra “Um teto todo seu”, quando cita o suposto professor Von X, que estaria “ocupado com a redação de seu grandioso trabalho intitulado *A inferioridade mental, moral e física do sexo feminino*.” (WOOLF, 1929 *apud* SOIHET 2014, p. 48).

Em 24 de fevereiro de 1932, foi estabelecido o voto secreto e, finalmente, o voto feminino. Com isso, como afirma Soihet (2016), o Brasil tornou-se o segundo país da America Latina a estender às mulheres o direito de voto. A autora ainda afirma que embora a campanha sufragista de maior alcance não tenha se tornado um movimento de massas aqui, esta se caracterizou pela sua excelente organização, o que fez do Brasil um dos primeiros países a garantir o direito de voto às mulheres.

A partir dos anos 1960, o país viu surgir o feminismo de “Segunda Onda”, conforme atesta Pedro (2016):

> [...] Um movimento com objetivos um tanto distintos dos que haviam movido as militantes no passado. Junto com o combate às depreciações que tinham como alvos ativistas e simpatizantes, o mais novo feminismo apresentou reivindicações para além das relativas aos direitos políticos, econômicos e educacionais. (PEDRO, 2016).

Como Pedro (2016) também afirma, apesar de ter sido fortemente influenciado pelos movimentos feministas de segunda onda que se multiplicavam no exterior, o do Brasil teve suas especificidades por conta da conjuntura política; afinal, o país vivia sob uma ditadura militar, que colocava grandes obstáculos à liberdade

de expressão, levando a lutas políticas e sociais com viés de esquerda. Os grupos de oposição ao governo contavam com grande participação de mulheres “que também estavam envolvidas nos chamados ‘movimentos das mulheres’ e na militância feminista”. (PEDRO, 2016, p. 240). Logo, no Brasil, a questão do trabalho e os problemas da mulher trabalhadora tiveram, no início, prioridade sobre tantas outras pautas feministas da Segunda Onda. “Porém, em pouco tempo, as demais reivindicações ganhariam força, com destaque para assuntos ligados a sexualidade e corpo e à violência contra a mulher, por exemplo.” (PEDRO, 2016, p.240).

Os “anos de chumbo” nos faz perceber o caráter radical do feminismo brasileiro, que nasceu sob a experiência de uma ditadura militar, reflete Sarte (2004):

> [...] A presença das mulheres na luta armada, no Brasil dos anos 1960 e 1970 implicava não apenas se insurgir contra a ordem política vigente, mas representou uma profunda transgressão ao que era designado à época como próprio das mulheres. (SARTE, 2004).

Devido à ditadura militar, várias mulheres que se opunham a tal sistema tiveram que sair do país; “estas foram banidas ou fugiram para não serem presas, torturadas, assassinadas.” (PEDRO, 2016, p. 241). Durante o exílio, essas mulheres participaram de grupos de consciência feministas, em países como Chile e França. Essa tomada de consciência através de troca de experiências era vista por elas como um meio de valorização das mulheres (de si mesmas e das outras e na identificação coletiva, que acabava por criar um sentimento de “irmandade”).

Logo, como expõe Pedro (2016), viver sob uma ditadura fez muita diferença para o feminismo brasileiro. A autora argumenta, que na França, o “inimigo” principal das feministas era o patriarcado – um sistema enraizado na sociedade que em sua base defende a idéia de haver uma identidade natural, dois sexos considerados normais, a superioridade masculina e a inferioridade feminina (TIBURI, p. 26). Já no Brasil, com tantas mazelas políticas e sociais, havia muito mais a fazer além de combater o machismo ou defender a liberdade sexual da mulher, por exemplo. Portanto, aqui, as feministas se posicionaram contra o patriarcado, mas também foram impelidas a assumir outras lutas:

> [...] Durante a década de 1970 e grande parte da década de 1980, o embate ideológico das ativistas ficou centralizado entre as “lutas

> gerais" (contra a ditadura, por mudanças sociais ou pelo socialismo, por exemplo) e as "lutas específicas" das mulheres (as pautas feministas propriamente ditas). Nos periódicos feministas brasileiros, as chamadas "lutas gerais" eram sempre uma referência, como no editorial de *Nós Mulheres*, de agosto/setembro de 1977: "a luta pela emancipação feminina é parte integrante da luta por uma sociedade mais justa e democrática. (PEDRO, 2016, p. 252).

Como Pedro (2016) afirma, apesar de todos os obstáculos e censuras, mais e mais mulheres foram se interessando por questões feministas no Brasil, mesmo sem se dar conta de que eram feministas. Com o tempo, passaram a dar visibilidade às ideias feministas: as manifestações do dia 8 de março; as campanhas para prevenir a violência contra as mulheres, as ofertas de cursos, palestras e encontros em torno dos problemas das mulheres. Sarte (2004) reitera tal observação ao dizer que dentro da tendência à especialização, desenvolveu-se também a pesquisa acadêmica sobre a mulher, além da explosão do tema no mercado editorial – talvez esse seja um dos fatores que contribuíram para que o livro "Um teto todo seu", de Virginia Woolf, tenha sido traduzido para o português nessa década.

No plano governamental, "criaram-se conselhos da condição feminina, em todos os níveis, federal, estadual e municipal." (SARTE, 2004, p.42). Com isso, a questão da violência contra a mulher começou a ser tratada em delegacias especializadas e, na área da saúde, emerge como problema de saúde publica, que passou a requerer atenção especializada. Como afirma Sarte (2004),

> [...] No fim da década de 1980, como saldo positivo de todo esse processo social, político e cultural, deu-se uma significativa alteração da condição da mulher na Constituição Federal de 1988, que extinguiu a tutela masculina na sociedade conjugal. (SARTE, 2004, p.42).

Pedro (2016) argumenta que, graças à pressão do feminismo organizado, mudanças importantes ocorreram no Brasil, citando, como exemplos, as mudanças estabelecidas pela Constituição de 1988, que garantem certo "equilíbrio" entre os gêneros, e a Lei Maria da Penha – que ganhou esse nome em decorrência da senhora Maria da Penha Maia Fernandes, vítima de violência doméstica por trinta e dois anos por parte do ex-marido, tendo sofrido duas tentativas de homicídio e se tornado paraplégica. Essa mulher denunciou o Estado brasileiro à Comissão

Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos, pelo fato de o Brasil não dispor de mecanismos suficientes e eficientes para coibir a prática de violência doméstica contra a mulher. (CONSOLIM, 2017). O Estado brasileiro foi responsabilizado pela Comissão por negligência, omissão e tolerância em relação à violência doméstica contra as mulheres. Com isso, um relatório final foi enviado para o Brasil descrevendo a necessidade de uma reforma que evitasse a tolerância estatal e o tratamento discriminatório em relação à violência doméstica contra mulheres no Brasil, assim:

> [...] Em resposta à recomendação, o Estado brasileiro editou, em 2006, a Lei n. 11.340 ("Lei Maria da Penha"), tipificando a violência doméstica como uma das formas de violação dos direitos humanos e elencando, dentre outras formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, as violências física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. A lei também altera o Código Penal, incluindo como circunstância agravante genérica da pena o cometimento do crime com violência contra a mulher na forma da lei específica, e o Código de Processo Penal, a fim de possibilitar que agressores tenham sua prisão preventiva decretada quando o crime envolver violência doméstica e familiar contra a mulher e para garantir as medidas protetivas de urgência. (CONSOLIM, 2017)[14].

Houve outros avanços legais no território brasileiro, como em 2015, quando entrou em vigor a lei 3.104, que alterou o Código Penal para incluir mais uma modalidade de homicídio qualificado, o feminicídio, crime praticado contra a mulher por razões da condição de sexo feminino.

Diante de todo o exposto, conclui-se que o Brasil, assim como diversos outros países, não possui as mesmas características no que tange ao movimento feminista ocidental, principalmente de países como Estados Unidos e Inglaterra, onde tal movimento se consolidou ao longo dos anos. Cada país possui uma realidade distinta, tanto cultural quanto socioeconômica, que acaba por influenciar diversos movimentos sociais, assim como foi o caso, e ainda é, do movimento feminista. Assim como cada país possui uma realidade distinta, várias são as formas de ser mulher, e consequentemente, várias e diversas serão as suas pautas.

---

[14] O QUE PEDE A TERCEIRA ONDA FEMINISTA?. Disponível em: < http://www.justificando.com/2017/09/15/o-que-pede-terceira-onda-feminista/>. Acesso em: 15 de Ago de 2018.

Nas próximas seções, iremos discutir a atuação da mulher na produção literária brasileira contemporânea, de modo a situar essa literatura, tanto feminina quanto feminista.

A literatura feminina no Brasil

Por volta de 1970, como afirma Zolin (2009), surge a crítica feminista no contexto do movimento das mulheres, fazendo emergir uma tradição literária feminina até então ignorada pela história da literatura. Tomando como elemento norteador o feminismo e, portanto, a ótica da diversidade e da diferença, muitos historiadores literários começaram a procurar e reinterpretar a produção literária de autoria feminina. O resultado de tal processo foi a inserção da mulher, antes quase completamente invisibilizada, em um espaço tradicionalmente entendido como masculino.

Historicamente, o cânone literário, “tido como um perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local” (ZOLIN, 2009), foi sempre constituído de homens brancos, ocidentais e de classe média/alta; sendo assim regulado por uma ideologia que excluía os escritos das mulheres, dos segmentos menos favorecidos etc. Para a mulher se inserir nesse universo, foi preciso a ruptura em relação à visão de mundo centrada no logocentrismo e no falocentrismo.

A literatura de autoria feminina no Brasil, até pouco tempo atrás, não existia efetivamente, isto é, não configurava no cânone tradicional. Isso se dava pelo fato de que as escritoras da época não eram consideradas como participantes efetivas na construção da formação da identidade nacional ou, simplesmente, por suas obras serem consideradas inferiores em relação àquelas dos homens letrados. Segundo Zolin (2009),

> [...] O novo lugar que a mulher passa a ocupar na sociedade em decorrência do feminismo fez-se refletir (e não poderia ser diferente) nesse *status quo*. De um lado, a critica literária, antes de domínio quase exclusivamente masculino, passou a ser praticada por mulheres; de outro, estas passaram a escrever mais como literatas, livres dos temores da rejeição e do escândalo. (ZOLIN, 2009, p. 328).

Logo, o trabalho de resgate da produção literária de autoria feminina – antes relegada ao esquecimento pela tradição canônica justificada pela suposta

inferioridade em face da chamada alta literatura de autoria masculina – tem fundamental importância. No Brasil, o resultado desse trabalho de recuperação aponta para a descoberta de inúmeras obras de escritoras do século XIX, que, apesar de sua qualidade estética, jamais foram citadas pela crítica.

A editora Mulheres publicou, em 1999, a antologia *Escritoras brasileiras do século XX,* organizada pela professora Zahindé Lupinacci Muzart. De acordo com Zolin (2009), as mais de 900 páginas dessa antologia revelam uma produção literária e jornalística de 52 autoras, marcada por um vigor estético e por uma atualidade surpreendentes, que, apesar disso, foi esquecida por todo um século. Atualmente, outros estudos estão sendo realizados no Brasil no sentido de mapear os atributos desta produção, não apenas no eixo Rio-São Paulo, onde a produção de autoria feminina tem sido mais explorada, mas em diversas regiões do país (ZOLIN, 2009).

O mesmo impulso que a revolução cultural dos anos 1960, “empenhada em destronar a autoridade do falo-etno-euro-centrismo” (ZOLIN, 2009), exerceu sobre os estudos críticos feministas pode ser observado em relação à literatura de autoria feminina. As aparições ímpares de mulheres escritoras nos anos 1930 e 1940 na lista de escritores consagrados dão lugar, em 1970 e 1980, a um grande aumento de publicações:

> [...] Raquel de Queiroz e Cecília Meireles, ao serem reconhecidas nacionalmente, abrem as portas das editoras e outras escritoras, mas é Clarice Lispector quem “abre uma tradição para a literatura da mulher no Brasil, gerando um sistema de influências que se fará reconhecido na geração seguinte.” (VIANA, 1995 *apud* ZOLIN, 2009, p. 172).

Nesse contexto de mudanças, a literatura brasileira agrega a si novas vozes. Como observa Zolin (2009), na trilha de Clarice Lispector, surgem as hoje imortais da Academia Brasileira de Letras Lígia Fagundes Telles e Nélida Piñon, seguidas de outras escritoras reconhecidas, como Lya Luft, Adélia Prado, Hilda Hilst, Patrícia Bins, Judith Grossman e outras.

Trata-se de escritoras que, tendo em vista a mudança de mentalidade causada pelo feminismo em relação à condição social das mulheres, lançavam-se no mundo da ficção, até então predominantemente masculino, criando narrativas repletas de personagens femininas conscientes do estado de dependência e submissão que a ideologia patriarcal as delegou.

Literatura feminista x literatura feminina

Com o objetivo de descrever a literatura produzida por mulheres, críticos (as) feministas, têm reinterpretado e revisado os mecanismos dos pressupostos teóricos que a marginalizaram, e têm averiguado a trajetória dessa com o objetivo de descrevê-la, procurando retratar suas marcas, peculiaridades e imagens. Esse trabalho é feito por Elaine Showalter (1985), como aponta Zolin (2009). Em *A literature of their own: British women novelists from Bronte to Lessing*, Showalter compreende que, quando tomado coletivamente, o trabalho das escritoras apresentam certa recorrência, de geração para geração, a determinados padrões, temas, problemas e imagens. A autora argumenta que os grupos minoritários encontram formas próprias de expressão em relação à sociedade dominante em que estão inseridos: “No caso das mulheres escritoras, elas teriam construído uma espécie de subcultura dentro dos limites da sociedade regulada pela ideologia patriarcal.” (ZOLIN, 2009, p.328). Em outras palavras, essas autoras construíram sua tradição literária a partir das relações, ainda em desenvolvimento, travadas com a sociedade maior em que se inserem.

Logo, o objetivo de Showalter (1985) é investigar as maneiras pelas quais a autoconsciência da mulher traduziu-se na literatura por ela produzida num tempo e espaço determinados e como ela se desenvolveu. No entender da ensaísta, na literatura de autoria feminina tem se a fase *feminina, a feminista* e a *fêmea* (ou *mulher).* Assim, a autora chama a literatura inglesa produzida entre 1840 e 1880 de *feminina*, por essa se caracterizar pela repetição de padrões culturais dominantes, ou seja, pela imitação do modelo patriarcal, como é o caso do romance *Jane Eyre*, de Charlote Bronte, publicado em 1847. A fase *feminista* da literatura inglesa vai de 1880 a 1920 e é marcada, como reafirma Zolin (2009), pelo protesto e pela ruptura em relação a esse modelo; os romances de Virginia Woolf, *Mrs.* Dalloway (1925) e To *the lighthouse* (1927), podem ser citados como exemplo. A fase *fêmea*, marcada pela autodescoberta e pela busca da identidade, inicia-se ainda na década de 1920 e estende-se até os dias atuais. De acordo com Zolin (2009), essas características não são, absolutamente, rígidas, mas misturam-se, de tal modo que é possível encontrar todas elas presentes na obra de uma mesma escritora.

Já na literatura brasileira, o percurso da trajetória da autoria feminina, sofre algumas modificações no que tange à cronologia. Zolin (2009) afirma que a pesquisadora Elódia Xavier, no ensaio “Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória” (1998), seleciona algumas autoras e obras tomadas como marcos representativos de cada uma das etapas referidas. Dessa forma, a *feminina* teria se iniciado com a publicação de *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, e se estendido até 1944, quando Clarice Lispector inaugura sua produção literária com a publicação de *Perto do coração selvagem*. De modo geral, a obra clariciana estrutura-se em torno das relações de gênero que trazem à tona as diferenças sociais cristalizadas entre os sexos, as quais acabam com qualquer possibilidade de a mulher atingir sua plenitude existencial, como observa Zolin (2009). Portanto, Clarice inaugura uma nova fase na trajetória da literatura brasileira de autoria feminina no Brasil – feminista, na terminologia de Showalter – marcada pelo protesto e pela ruptura das relação aos modelos dominantes. Uma vez inaugurada essa fase, que contou com muitas outras representantes, essa se estende até os anos 1990, quando começaram a surgir romances escritos por mulheres que se caracterizavam por não mais fazer relações de gênero o dado determinante dos dramas narrados, inaugurando, assim, a fase *fêmea*.

O quadro resumo a seguir ilustra essas diferentes etapas da produção literária realizada por mulheres no Brasil:

Fase feminina (*feminine*)	Imitação e internalização dos valores e padrões vigentes.	*Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis; *A falência* (1902) e *A intrusa* (1908), de Júlia Lopes de Almeida; *A sucessora* (1934), de Carolina Nabuco, e outras.
Fase feminista (*feminist*)	Protesto contra os valores e padrões vigentes; defesa dos direitos e dos valores das minorias.	Romances e contos de Clarice Lispector tais como: *Perto do coração selvagem* (1943), *Cidade*

		sitiada (1949), *Laços de família* (1960); *Quarto fechado* (1984), de Lya Luft; *Atire em Sofia* (1989), de Sônia Coutinho; e outras.
Fase fêmea (*female*)	Autodescoberta; busca de identidade própria.	*A república dos sonhos* (1984), de Nélida Piñon; *O homem da mão seca* (1994), de Adélia Prado; *Jóias de família* (1990), de Zulmira Ribeiro; e outras.

Tabela 1 – Fases da literatura produzida por mulheres no Brasil no período do século XVII à XXI (ZOLIN, 2009)

Virginia Woolf no Brasil

Virginia Woolf foi autora de obras de muito sucesso, que se tornaram best-sellers desde seus lançamentos. Todo esse sucesso e popularidade foram responsáveis pela vasta quantidade de traduções que certas obras dela receberam. A partir de 2012, de acordo com Leite (2017), os escritos de Virginia Woolf traduzidos no Brasil entraram em domínio público, o que desencadeou um movimento interessante. Nesse mesmo período, as traduções das obras de Woolf mais que dobraram. Desde a primeira tradução de *Orlando*, em 1948, até uma segunda, em 1994, passaram-se 46 anos. No entanto, entre 2013 e 2015, foram publicadas três traduções diferentes da mesma obra. *Orlando*, *Mrs. Dalloway* e *To the Lighthouse* viram suas traduções se multiplicarem e se tornaram os títulos woolfianos mais traduzidos em terras brasileiras. O grande hiato entre as primeiras e segundas traduções é representativo do longo intervalo que marcou as traduções da escritora no país. De acordo com Leite (BARCELLOS, 2005 *apud* LEITE, 2017), as primeiras traduções da autora inglesa, analisadas sob a ótica de “critério de vendas”, foram exemplos de livros com prestígio, mas pouca vendagem; “Por esse motivo, depois de *Orlando*, vinte anos se passariam até que outro romance de Woolf fosse traduzido: *O Farol* (1968)” (LEITE, 2017, p.42), que também não obteve grande repercussão de vendas.

Observando o panorama de recepção de Virginia a partir dos anos 1990, Leite (2017) pondera em seu texto como, em todos os países, o clima de receptividade ou recusa ao feminismo sempre foi um componente determinante na recepção de Woolf, conhecida acima de tudo por ser a porta-voz desse movimento. As traduções de Woolf para o português brasileiro datam de 1946, o que pode parecer relativamente atrasado em relação às datas de lançamento dos livros da autora, mas em Portugal, por exemplo, a escritora inglesa só seria traduzida em 1951. Porém, enquanto em outros países o objetivo das editoras era a renovação literária, como foi o caso da Argentina, de acordo com Leite (2017), no Brasil, o papel dessas traduções, se observado a predominância de edições de bolso, esteve voltado à popularização da literatura.

No Brasil, em 1948, as discussões sobre o feminismo eram incipientes, o país havia acabado de sair de um regime ditatorial. Torna-se compreensível a tendência a uma leitura/tradução que não priorizasse então as problematizações sobre as categorias de gênero e sua essencialização, como afirma Leite (2017). Isso fica claro quando usamos como exemplo uma das traduções feitas por Cecília Meireles. Na introdução de *Orlando*, Meireles fala sobre a superação do sexo no texto, mas seu posicionamento se mostra, por vezes, fundado numa idéia de universalidade que negligencia os conflitos assimétricos entre os sexos. Durante sua introdução, Meireles trata de Orlando apenas no masculino. Porém, devemos levar em conta que “uma linguagem menos gendrada só ganharia espaço no Brasil algumas décadas mais tarde.” (LEITE, 2017, p.45). Afinal, como afirma Leite (2017), a própria retomada de *Orlando* e de Woolf pela crítica feminista no país se daria apenas na década de 1970.

No que tange às traduções para o português brasileiro, podemos dizer que Woolf teve a sorte de ter sido traduzida por grandes nomes da literatura, tendo como tradutores homens e mulheres. *Orlando*, por exemplo, foi traduzido por Cecília Meireles, grande poetisa que “parecia ter interesse em fazer circular no Brasil textos que tocassem nas temáticas de opressão feminina.” (LEITE, 2017). Woolf também foi traduzida por Mario Quintana, *Mrs. Dalloway*; *As Ondas* e *Entre os Atos*, por Lya Luft e *Um teto todo seu*, em 1985, por Vera Ribeiro.

Entretanto, é importante ressaltar a grande lacuna do feminismo woolfiano no Brasil, como afirma Leite (2017). *Three Guineas* (1938) – um ensaio crítico da guerra e dos homens europeus e sua história bélica –, um de seus textos mais discutidos e

representativos para os estudos feministas, ainda não foi traduzido para o português brasileiro. Outra obra igualmente importante, *A Room of One's Own*, foi traduzida em 1985 – por Vera Ribeiro, como Um Teto Todo Seu, tendo estado esgotada por muito tempo. Esta teve uma nova tradução feita em 2014, por Bia Nunes de Sousa. Para Leite (2017), é possível afirmar que a face e a materialidade do feminismo presente nas obras de Woolf parecem estar em processo de construção nas traduções brasileiras.

Síntese do capítulo

Podemos concluir, com o presente capítulo, que o feminismo é um movimento social que existe há décadas e que possuí vasta história, a qual retrata não só a criação de uma espécie de irmandade entre mulheres, mas também um panorama dos mais diversos cenários sociais e das desigualdades, particulares a cada território em que tal movimento se deu, com suas particularidades e pautas únicas.

No próximo capítulo, iremos discutir os trabalhos de dois teóricos, Even- Zohar e Lefevere, para que possamos fundamentar o nosso trabalho e implementar,no capítulo seguinte, a nossa análise quantitativo-qualitativa, que utilizará os conceitos da Teoria dos Polissistemas (EVEN-ZOHAR, 1990) e de manipulação, patronagem e reescritura (LEFEVERE, 2007) para melhor compreender o contexto em que a obra woolfiana, e suas respectivas traduções, estavam inseridas e como essas podem ter refletido o contexto socio-histórico e político-ideológico da época.

2 Os Estudos da Tradução e a literatura feminista: breves considerações

O presente capítulo tem por objetivo apresentar e caracterizar alguns conceitos desenvolvidos por dois estudiosos da Tradução, de modo que seja possível melhor analisarmos a recepção da obra traduzida *A room of one's own*, de Virginia Woolf, no contexto brasileiro em dois momentos históricos distintos, em 1985, quando houve a primeira tradução de tal obra para o português brasileiro, e em 2014, quando uma nova tradução foi realizada. Iniciaremos o capítulo com o teórico Even-Zohar (1990) e sua Teoria dos Polissistemas, que irá nos auxiliar a refletir sobre o contexto sócio-histórico (e político idológica) que o Brasil vivia quando tais traduções foram publicadas. Em seguida, iremos abordar os conceitos de manipulação, patronagem e reescritura, de Lefevere (2007), que nos possibilitará uma melhor compreensão dos traços únicos e das escolhas tradutórias específicas em cada um dos textos.

A Teoria dos Polissistemas

A Teoria dos Polissistemas defende "a ideia de que os fenômenos semióticos, ou seja, as comunicações humanas regidas por signos – como a cultura, a linguagem, a literatura e a sociedade – podem ser compreendidos e estudados de maneira mais adequada se os considerarmos como sistemas, e não como um conjunto de elementos díspares[15]" (EVEN-ZOHAR, 1990, tradução por MAROZO, 2013). Tal visão converteu-se em uma das ideias norteadoras do nosso tempo em áreas como as ciências humanas e sociais. Dessa forma, Even-Zohar faz uso de uma abordagem mais sistêmica baseada na análise de relações entre sistemas. Considerar os dados como sistemas tornou possível a formulação de hipóteses acerca de como operam os

[15] "*The idea that semiotic phenomena, i.e., sign-governed human pat- terns of communication (such as culture, language, literature, soci- ety), could more adequately be understood and studied if regarded as systems rather than conglomerates of disparate elements has be- come one of the leading ideas of our time in most sciences of man.*" (ZOHAR, 1990).

diferentes componentes semióticos. Logo, a ideia de sistema tornou possível não só explicar adequadamente fenômenos “conhecidos”, mas, também, aqueles que eram, até então, desconhecidos.

Um sistema semiótico pode ser interpretado como uma estrutura heterogênea e aberta; pois deve se admitir os elementos históricos e o fato de esse sistema não ser estático. Por conseguinte, não se trata de apenas um monossistema, mas necessariamente de um polissistema. De acordo com Even-Zohar (1990), polissistema pode ser definido como um sistema múltiplo, composto de vários sistemas com interseções e sobreposições mútuas, que usa diferentes opções concorrentes, mas que funciona como um todo estruturado, cujos membros são interdependentes.

Para Even-Zohar (1990), o termo “polissistema” é mais que uma mera questão terminológica, pois torna explícita a concepção do sistema como algo dinâmico e heterogêneo. Desse modo, a multiplicidade de interseções é enfatizada e, com isso, a maior complexidade na estruturação que tal multiplicidade implica. Salienta-se ainda que, para que um sistema funcione, não é necessária a postulação de sua uniformidade. Uma vez reconhecida a natureza histórica de um sistema – um mérito quando se trata de construir modelos mais próximos ao “mundo real” – impede-se a transformação dos objetos históricos em seres de acontecimentos históricos sem coesão entre si. Logo, o termo “sistemas” deve abarcar a idéia de um conjunto fechado de relações, no qual os membros recebem seu valor de suas respectivas oposições.

Para Zohar (1990), sempre se pode reduzir a heterogeneidade da cultura na sociedade às classes dominantes somente, mas isso não se sustenta uma vez que o fator tempo, ou seja, a possibilidade de mudança e seus mecanismos orientadores, é levado em conta. No âmbito da literatura, isso se manifesta em uma situação em que uma comunidade possui dois (ou mais) sistemas literários, como se fossem duas “literaturas”. Para os estudiosos de literatura, apenas uma delas é legítima, fazendo com que a outra seja ignorada; em tais casos, isso é mais “conveniente” do que se ocupar com ambas. Tal prática é comum nos estudos literários, como afirma Zohar (1990); no entanto, a hipótese do polissistema está concebida precisamente para dar conta de tais casos, assim como os menos destacados. Dessa forma, torna-se possível integrar à pesquisa semiótica objetos (propriedades, fenômenos etc) deixados até então de lado, mas, mais precisamente, tal integração possibilita

uma adequada compreensão de qualquer campo semiótico. Isso quer dizer que não se pode dar conta da língua formal sem colocá-la no contexto de variedades linguísticas, a literatura para crianças não será considerada como um fenômeno à parte, mas sim, relacionado com a literatura para adultos; a literatura traduzida não se desconectará da literatura original; a produção de literatura de massa (suspenses, romances, etc) não será rejeitada como “não-literatura”.

Com isso, podemos dizer que a hipótese do polissistema implica uma rejeição dos juízos de valor como critérios para uma seleção dos objetos de estudo. Aceitando essa hipótese, é necessário aceitar também que o estudo de polissistemas históricos não pode se prender às chamadas “obras-primas”, apesar de alguns estudiosos considerarem essa uma das únicas maneiras de se iniciar os estudos literários. Tal elitismo não é compatível com uma historiografia literária, da mesma maneira que a história geral não pode apenas ser a narração da vida da realeza e dos generais. De acordo com Zohar (1990), enquanto estudiosos dedicados a descobrir mecanismos da literatura, não há a possibilidade de ignorar que qualquer juízo de valor predominante em um dado período é parte integral desses mecanismos.

Dentro do polissistemas existem vários sistemas heterogêneos, e dentro desses, os elementos existentes se correlacionam uns com os outros enquanto unidades individuais. Isso constitue o estado dinâmico de um sistema: a luta permanente entre os vários estratos que o constituem e, conseqüentemente a mudança, que nada mais é do que a vitória de um estrato sobre o outro. Nesse movimento, os fenômenos são arrastados do centro à periferia, enquanto no sentido contrário, certos fenômenos podem abrir espaço até o centro do sistema e ocupá-lo, como pode ser o caso em sistemas minoritários, ou de menos prestígio.

Nesse viés, é possível observar a literatura feminista e a literatura feminina sob a ótica da Teoria Dos Polissistemas. Durante muito tempo, podemos dizer que essas subcategorias literárias pertenciam à periferia do sistema literário, sendo esse brasileiro ou de outros países. Isso se dava, principalmente, por fatores sociais, políticos e culturais que circundavam os indivíduos em um determinado período histórico. Tomemos a autora Virginia Woolf como exemplo. Tal autora, hoje, é tida como ocupante de uma posição canônica no mundo literário, ou seja, ela está no centro do polissistema da literatura inglesa e também, internacional. Entretanto, isso não significa que sua obra foi contemplada plenamente pelas críticas, afinal, essas

se dividem em posicionamentos variados e mudaram ao longo do tempo, como afirma Leite (2017).

Na obra *A Room of One's Own*, Virginia aborda a questão da ausência das mulheres escritoras na história da literatura. Woolf aponta como principais causas desse apagamento os rituais sociais, a falta de experiência das mulheres em outras áreas que não a doméstica, a submissão imposta pelas figuras masculinas, a falta de recursos e a restrição à educação e à leitura. Hoje, é possível afirmar que Virginia estava certa quanto a isso, conforme atesta Leite (2017):

> [...] Woolf escreve a partir do local que ocupa, reconhecendo que o privado não se desvincula do público e enquanto mulher, mesmo gozando dos privilégios de pertencer à classe econômica dominante, pôde perceber que posicionar-se no mundo das artes, das ciências e da política era (e continua sendo, embora, talvez, em menor grau) posicionar-se num espaço e numa tradição governados e regidos por homens. (LEITE, 2017, p. 29).

Com o passar dos anos e com os avanços sociais no que tange ao fato de ser mulher, houve uma abertura maior às autoras femininas. Virginia Woolf não foi recebida com entusiasmo durante o lançamento de sua obra devido ao machismo e à maior repressão que as mulheres sofriam nessa época, que tinham, até mesmo, suas capacidades cognitivas questionadas. Entretanto, é possível observar que à medida que o feminismo ganhou força e as mulheres, cada vez mais direitos e autonomia, o lugar da literatura woolfiana dentro do polissistema literário inglês e internacional foi se alterando também, ainda mais por Virginia ter se tornado a porta-voz de tal movimento, mesmo que não intencionalmente. Podemos chegar a essa conclusão com base no número de traduções realizadas das obras da autora. No Brasil, a primeira tradução de Virginia data de 1946. Em 1985, ano em que o regime ditatorial brasileiro teve o seu fim, *A Room of One's Own* foi traduzido para o português brasileiro – e só foi traduzido novamente em 2014 – a partir de 2012, quando os textos de Virginia entraram em domínio público, de acordo com Leite (2017), suas traduções e publicações mais do que dobraram. Isso possivelmente tenha se dado devido a uma maior demanda do público, já que o com o fim da ditadura, houve maior possibilidade de se estudar e debater o feminismo no campo acadêmico, e com o advento da internet as pessoas puderam ler ou se informar

mais sobre o tema e, consequentemente, procuraram cada vez mais informações e publicações sobre o tema.

Portanto, para Even-Zohar (1990), as tensões entre literatura canonizada e não-canonizada são universais e são inerentes a toda cultura humana. Isso acontece porque não há uma sociedade humana não estratificada, nem sequer utopicamente. Logo, as tensões sociais são inerentes a toda uma sociedade; afligem e afetam os sistemas culturais e, por conseguinte, as literaturas.

Na próxima seção, iremos discutir como a dinâmica de forças (EVEN-ZOHAR, 1990), que regem os polissistemas,estratificando-o em centro e periferia, operam sobre o polissistema literário.

Manipulação, reescritura e patronagem

André Lefevere foi um teórico da tradução que desenvolveu uma reflexão acerca de pensar a literatura em termos de sistema, noção já discutida anteriormente por meio da Teoria dos Polissistemas. Influenciado pela moderna teoria literária dos Formalistas Russos, Lefevere procurou elaborar uma abordagem sistêmica dentro da teoria literária, ou procurar uma abordagem unificada daquelas que já estavam sendo desenvolvidas por outros teóricos, como Claudio Guillen e Itamar Even-Zohar.

Em seu texto, “Tradução, reescrita e manipulação da fama literária” (2007), Lefevere procura lidar com os indivíduos que reescrevem a literatura:

> [...] eles são, no presente, co-responsáveis, em igual ou maior proporção que os escritores, pela recepção geral e pela sobrevivência de obras literárias entre leitores não-profissionais, que constituem a grande maioria dos leitores em nossa cultura globalizada. (LEFEVERE, 2007, p.13).

Para Lefevere, a reescritura, em todas as suas formas possíveis, ocupa uma posição central entre fatores que definem sua aceitação ou rejeição, canonização ou não canonização. Tais fatores para o autor seriam as questões de poder, a ideologia, a intuição e a manipulação que permeiam essas obras. Isso ocorre devido à importância da reescritura, que é considerada como a força motriz por trás da evolução literária.

Seja no Renascimento, quando um erudito coletava vários manuscritos a fim de publicar uma edição confiável de um clássico grego, seja no século XIX, quando os críticos explicavam a doçura contida nos trabalhos de literatura clássica, os reescritores sempre estiveram presentes entre nós. Entretanto, o tradutor do século XX e XXI, esse que tenta transpor o original através das culturas, é o reescritor no qual manteremos nosso foco.

Apesar de tradutores já existirem desde tempos remotos, o papel desses nos séculos XX e XXI foi alterado devido a duas razões principais: o fim de um período em que o livro ocupava uma posição central, tanto no ensino de língua quanto na transmissão de valores; e a divisão entre “alta” e “baixa” literatura, que começou a aparecer por volta de meados do século XIX.

Entretanto, o papel dos reescritores continua sendo o mesmo no passado e no presente: “criar uma imagem de um escritor, de uma obra, de um gênero e, às vezes, de toda uma literatura” (LEFEVERE, 2007, p.18). O autor afirma que leitores não-profissionais – aqueles que não trabalham com literatura ou no meio literário – mais frequentemente deixam de ler a literatura como ela foi escrita pelos seus autores, mas a lê reescrita por seus reescritores. Isso faz com que as “imagens” das obras sempre tendam a alcançar mais pessoas que a original correspondente. Portanto, o poder exercido por essas imagens e por seus produtores é enorme. Porém, estas não estão livres dos poderes externos que podem manipulá-las ou controlá-las.

> [...] as reescrituras são produzidas a serviço, ou sob as restrições, de certas correntes ideológicas e/ou poetológicas, e que tais correntes não consideram vantajoso chamar a atenção para si mesmas como se fossem apenas “uma corrente entre outras”. (LEFEVERE, 2007).

Os reescritores, de qualquer época, sofrem, portanto, certa influência pelo fato de ocuparem uma posição determinada em uma determinada instituição – por exemplo, quando um reescritor ocupa uma posição relativamente elevada em uma organização fundamentada em uma ideologia que possui um interesse definitivo na preservação daquela ideologia e no combate e na destruição de ideologias rivais. Essas organizações podem ser ilustradas atualmente como instituições educacionais ou casas editoriais, mas podem também ser entendidas como regimes totalitários que podem vir a controlar a produção ou o conteúdo das

reescrituras, como foi o caso durante o regime ditatorial brasileiro. Tal controle sobre um sistema e sua produção é conhecido como patronagem (CARVALHO, 2002).

> [...] Se algumas reescrituras são inspiradas por motivações ideológicas, ou produzidas sob restrições ideológicas, dependendo da identificação ou não do reescritor com a ideologia dominante de sua época, outras reescrituras são inspiradas por motivações poetológicas, ou produzidas sob restrições poetológicas. (LEFEVERE, 2007, p.22).

O autor reflete como uma obra sempre possui um “valor intrínseco” que é imutável em tese, porém, o meio em que esse texto foi criado, acaba por ser mais importante que esse valor. Lefevere usa os clássicos feministas como exemplo em seu texto. Esses textos, originalmente publicados no anos 20, 30 e 40 do século XX, foram “esquecidos” até serem republicados no final dos anos 70 e 80 – como foi o caso, por exemplo, do objeto do nosso estudo no Brasil, o livro “A Room of One’s Own”, traduzido pela primeira vez apenas em 1985 para o português brasileiro. Argumentamos que o conteúdo dessas obras não eram menos feministas do que são hoje, então a razão pela qual os clássicos feministas são republicados não se encontra no valor intrínseco dos textos, mas sim, no fato de que eles estão sendo editados agora no cenário atual que engloba um grande conjunto de crítica feminista, que os anuncia, os incorpora e os apoia.

Assim sendo, ao produzir traduções, histórias da literatura e suas próprias compilações mais compactas, obras de referência, antologias, críticas ou edições, reescritores adaptam, manipulam até certo ponto os originais com os quais eles trabalham – seja com sua visão ou com a sua linguagem – normalmente para adequá-los à corrente, ou a uma das correntes ideológicas ou poetológicas dominantes de sua época. Lefevere salienta ainda que essa manipulação pode ser mais óbvia em sociedades totalitárias, mas as diferentes “comunidades interpretativas” existentes em sociedades mais abertas influenciaram a reescritura de forma semelhante. Tomemos, por exemplo, as traduções de *A Room of One’s Own*, a de 1985 e 2014, para o português brasileiro. Argumentamos, nesse trabalho, que uma delas pode ter sido manipulada até certo ponto por suas respectivas tradutoras, afinal, cada uma delas estava inserida em um contexto sócio histórico diferente que as influenciava: no ano de 1985, por exemplo, o regime ditatorial brasileiro chegava ao fim, porém, acredita-se que ainda poderia haver muitos

assuntos que eram considerados *tabus* (como o feminismo); além disso, o machismo nessa época se mostrava bem mais presente que no cenário atual, quando a tradução de 2014 foi realizada, tendo como plano de fundo uma sociedade mais igualitária e que demanda uma maior produção de obras referentes a esse assunto.

Assim, a reescritura manipula e é eficiente, e a tradução é a forma mais reconhecível de reescritura e a "potencialmente mais influente por sua capacidade de projetar a imagem de um autor e/ou de uma (série de) obra(s) em outra cultura, elevando o autor e/ou as obras para além dos limites de sua cultura de origem" (LEFEVERE, 2007, p. 24).

Síntese do capítulo

Apresentamos, neste capítulo, a Teoria dos Polissistemas (ZOHAR, 1990) e os conceitos de manipulação, reescritura e patronagem(LEFEVERE, 2007), de forma a articulá-los com nosso objeto de estudo. Compreendemos o polissistema cultural de uma determinada sociedade como um múltiplo aglomerado de sistemas, que são operados, ou "manipulados", interna e externamente, por uma dinâmica de forças, sejam de natureza ideológica ou poetológica, as quais determinam a escritura ou reescritura de obras em uma dimensão espaço temporal. Argumentamos que "A roomofOne´sOwn", se insere em dois contextos sócio históricos distintos , que também podem ser tomados como distintos do ponto de vista ideológico, considerando-se a temática feminista que permeia a obra e que reflete, nas escolhas tradutórias, as relações entre os sistemas.

No próximo capítulo, procuraremos analisar mais a fundo a obra *A Room of One's Own* e suas traduções para o português brasileiro, de Virginia Woolf, fazendo uso das teorias de Even-Zohar (1990) e Lefevere (2007) que tratamos nesse capítulo, em uma análise qualitativa dos dados. Além disso, utilizaremos a teórica Mona Baker para realizarmos também uma análise quantitativa de dados retirados de nossos objetos de estudo.

3 Análise de excertos da obra "*A room of one's own*" e suas traduções

Nesse capítulo, iremos analisar a obra woolfiana *A Room of One's Own* e suas respectivas traduções para o português brasileiro. Para isso, utilizaremos as propostas de Itamar Even-Zohar (1990) e de Lefevere (2007), que foram discutidas no capítulo anterior. Essas teorias nos auxiliarão a analisar cada uma das traduções em seus respectivos contextos sócio históricos e político ideológicos, tendo em vista que uma das traduções foi realizada em 1985 e a outra, em 2014. A obra original, A Room of One's Own, escrita por Virginia Woolf, data de 1929 e possui 96 páginas em sua versão digital[16]. "Um teto todo seu", traduzida por Vera Ribeiro em 1985, tem 141 páginas e a tradução realizada por Sousa e Mattoso, possui 189 páginas.

Procedimentos de análise

Realizaremos tal processo através das análises quantitativa e qualitativa (COOK & REICHARDT, 1979; RICHARDSON, 1985; CRESWELL, 2010) dos dados que coletamos das duas traduções e da obra original em inglês. Para a análise quantitativa, utilizaremos as ferramentas do programa de Linguística de Corpus, denominado *Antconc*, cujas funcionalidades, a saber, *Wordlist*, *Collocates* e *Concordance*, podem nos apresentar dados relevantes para refletir sobre as características da obra original em língua inglesa e de suas duas traduções para a língua portuguesa. Para a análise qualitativa, reunimos esses dados através de uma leitura comparativa entre as obras, que resultou em 36 excertos em cada obra- original e traduções - totalizando 108 dados, que foram organizados em uma tabela comparativa, a qual se encontra em anexo ao presente trabalho. Para a análise qualitativa, faremos uso das estratégias tradutórias propostas por Mona Baker (1996), que aprofundaremos na próxima seção. Temos como hipótese o fato de que os momentos históricos distintos em que tais traduções então inseridas acabam por influenciar e se refletir nelas, seja em suas escolhas tradutórias ou nas

[16] Para realizarmos as análises do presente trabalho, iremos utilizar as versões digitais do livro "A room of one's own" e de suas traduções para o português brasileiro chamadas de "Um teto todo seu". Essas foram convertidas para o formato txt. a fim de as utilizar no programa *Antconc.*

características distintas de cada uma delas no que tange à representação e representatividade da mulher na sociedade contemporânea.

A seguir, apresentaremos aspectos metodológicos da Linguística de Corpus e, posteriormente, as ferramentas do programa *Antconc*, utlizado para a primeira parte da análise.

A Linguística de Corpus

A Linguística de Corpus, de acordo com Sardinha (2000), ocupa-se da coleta e exploração de dados linguísticos textuais que foram coletados de forma criteriosa com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Logo, a Linguística de Corpus dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador.

Entretanto, antes do computador ser inventado já existiam corpora. A palavra "corpus" significa "corpo", "conjunto de documentos" e tal forma de estudo e pesquisa remonta à Grécia Antiga quando, por exemplo, Alexandre, O Grande, definiu o Corpus Helenístico. Contemporaneamente, durante o século XX, muitos pesquisadores se dedicaram à descrição da linguagem por meio de corpora. Existem duas fundamentais diferenças entre aquela época e a atual. A primeira é que os corpora não eram eletrônicos, eles eram coletados, mantidos e analisados manualmente. A segunda é que a ênfase desses trabalhos antigamente era o ensino de línguas, enquanto que hoje é, principalmente, a descrição de linguagem.

O advento de computadores foi responsável pela mudança da visão da Linguística de Corpus. Nos anos 60, os computadores passaram a fazer parte dos centros de pesquisas universitários e foram usados para as pesquisas de linguagem. Nos anos 80, houve a invenção dos micro-computadores pessoais – o que com uma melhor tecnologia, permitiu a execução de tarefas mais complexas – que possibilitou maior acesso de pesquisadores ao processamento de linguagem natural, acarretando assim, a popularização de corpora e ferramentas processamento, o que contribuiu decisivamente para o fortalecimento da pesquisa linguística baseada em corpus. Como afirma Sardinha (2000), hoje em dia a Linguística de Corpus é de grande influência na pesquisa linguística, em vários centros.

Tagnin (2002) expõe em seu texto "*Os corpora: Instrumentos de auto-ajuda para o tradutor"* como a Linguística de Corpus e um corpus representativo[1] pode ser

[1] Representatividade: "A representatividade está ligada à questão da probabilidade. A linguagem é de caráter probabilístico (vide acima), e, sendo assim, há a possibilidade de estabelecer uma relação entre traços que são mais comuns em determinado contexto." (SARDINHA, 2000).

útil para um tradutor. Para ela, ao se deparar, por exemplo, com expressões idiomáticas ou uma expressão cujo significado total não corresponde à soma dos significados individuais de seus componentes, o tradutor pode não saber seus significados ou compreender apenas parcialmente seus significados, muitas vezes, por ter uma falta de consciência dessas partes pré-fabricadas de uma língua ou por não conhecer as convenções sociais que determinam o uso dessas expressões na língua em questão, produzindo assim, uma tradução não natural, não fluente.

Para resolver tal problemática, seria ingenuidade acreditar que um dicionário poderia resolver todos os problemas citados anteriormente que um tradutor pode enfrentar, como afirmar Tagnin (2002). Para se alcançar uma tradução fluente e com traduções correta, a autora defende a construção de um corpus como fonte de referências para as tarefas tradutórias, pois este é um instrumento fundamental para garantir a possibilidade de se encontrar o “termo correto” em um contexto autêntico de uso, tornando a tradução natural e fluente.

Portanto, podemos concluir que a Linguística de Corpus tem uma aplicabilidade variada, seja como ferramenta de apoio no estudo descritivo de uma língua, seja na produção de uma tradução. Na próxima seção iremos discutir a proposta de Mona Baker (1996), sobre as estratégias tradutórias e como ela se relaciona com a Linguística de Corpus.

A proposta de Baker e sua relação com a Linguística de Corpus

Mona Baker é professora de Estudos da Tradução e diretora do Centro de Tradução e Estudos Intelectuais da Universidade de Manchester, na Inglaterra. Baker em seu texto *Corpus-based Translation Studies: The challenges that lie ahead* (1996), discute como os textos traduzidos sempre foram tratados de forma injusta dentro dos estudos linguísticos de corpus. Isso se dava, principalmente, por estes serem excluídos de corpora monolíngues, pois textos traduzidos eram vistos como não representativos o bastante. Ademais, quando os textos traduzidos eram por fim estudados, esses eram objetos para demonstrar o “tradutês”, a maneira como os textos traduzidos eram semelhantes, ou como a língua estudada especificamente pelo corpus poderia ser influenciada por outros idiomas. Portanto, como Baker afirma em seu texto, “Na realidade, o simples fato de se usar corpora para estudar

tradução – simplesmente para entendê-la como um fenômeno – parece nunca ter ocorrido aos linguistas de corpus”[17] (BAKER, 1996, tradução nossa). Porém, por volta de 1996, influenciada por outros estudos, Baker e um grupo de pesquisadores começaram a considerar o uso de ferramentas e técnicas da Linguística De Corpus para estudar a tradução como um comportamento variante da linguagem que merece atenção, e não mais estudá-la com o intuito de criticar ou avaliar o valor de um único texto traduzido, mas sim, para compreender o que de fato ocorre durante o processo tradutório.

A ênfase mudou gradualmente dos textos fontes para os textos alvos. Baker e outros estudiosos começaram a analisar tipologias de textos fonte e assumiram que os tradutores precisam usar diferentes estratégias para diferentes tipos de textos fonte. Efeito dessa conclusão foi a sugestão de que a função da tradução pode, as vezes, ser diferente da função do texto original, como quando um livro é adaptado para o cinema ou teatro, por exemplo. Influenciada pelo estudo de Sager (1984), Baker percebe que, pela primeira vez, há uma tentativa de desenvolver não uma tipologia de métodos tradutórios, mas, unicamente, uma tipologia de textos traduzidos. Com a possibilidade do uso de técnicas de linguística de corpus, “podemos dar um passo à frente, e não olhar somente os tipos funcionais de tradução, mas sim, as distintas características dos textos traduzidos de fato.[18]” como afirma Baker (1996) em seu texto. Para realizar a análise dos textos traduzidos, Baker elencou quatro estratégias: a simplificação, a explicitação, a normalização ou conservadorismo e o nivelamento. Discutiremos cada uma delas a seguir.

Conceitos relevantes

Apesar de não ser categórica sobre qual é o real resultado de sua literatura e da sua abordagem, Baker e os estudiosos envolvidos nesse estudo - de 1996 - em particular, acreditavam que o corpus computadorizado de textos traduzidos revelaria as regularidades esperadas por estes. Isso se dava, justamente pela linguagem ter um padrão, e esse padrão ser influenciado pelo propósito pelo qual a linguagem é

[17] Texto original:“In fact, the very notion of using corpora to study translation as such – simply to understand it as a phenomenon – does not seen to have occurred to corpus linguists.”
[18] Texto original: “With the availability of corpus techniques, we can now go a step further and look not just at the functional types of translation but at the distinctive features of traslated text *per se*.”

usada e pelo contexto em que essa é usada. Segunda a autora, a linguagem da tradução seria diferente daquela usada em textos originais; a natureza e a pressão sofrida pelo processo tradutório deixaria traços na linguagem produzida pelo tradutor.

Os tipos de diferentes estratégias que foram propostas em sua obra foram a de **simplificação** – que acredita que os tradutores inconscientemente simplificam a linguagem, a mensagem, ou ambas, do texto fonte; a **explicitação** – a tendência de usar uma linguagem clara nas traduções, incluindo, a prática de adicionar informações extras; a **normalização ou conservadorismo** – a tendência de adaptar-se aos padrões e práticas que são típicos da língua alvo, chegando até mesmo em exagerá-las. Outra estratégia que não é usada amplamente na literatura, mas que Baker defende, é o **nivelamento**, que em suas palavras é a "tendência de textos traduzidos gravitarem ao redor de um contínuo em vez de se mover para as margens. [19] "(BAKER, 1996, tradução nossa). Sendo assim, o **nivelamento** é a estratégia que defende a ideia de que é esperado achar menos variações entre textos individuais em um corpus de textos traduzidos, do que entre os textos individuais ao corpus de textos originais. Sintetizando, textos traduzidos parecem ser mais similares um ao outro, do que os textos originais são.

Tais estratégias serão usadas no presente trabalho para analisar os excertos que foram selecionados manualmente e aleatoriamente ao longo da obra original e de cada uma das traduções, cujas primeiras evidências já podem ser percebidas em uma primeira análise, de cunho quantitativo, auxiliada pelas ferramentas do programa *Antconc: wordlist, collocates* e *concordance*. Procuraremos, sempre que possível, atrelar o uso de tais estratégias as teorias de Zohar (1990) e Lefevere (2007) para melhor compreender as escolhas tradutórias, tanto em termos de léxico e de sintaxe dos textos traduzidos que possivelmente foram influenciados pelo contexto sócio histórico e político ideológico que os permeava.

[19] Texto Original: "the tendency of translated text to gravitate around the centre of any continuum rather than move towardsthefringes."

A ferramenta *AntConc*

A Linguística de Corpus e os estudos relacionados à linguagem em si, conforme discutido em seções anteriores, hoje têm acesso a ferramentas computacionais que permitem uma melhor coleta e análise de *corpora*. O programa Antconc é uma dessas ferramentas. Desenvolvido por Lawrence Anthony, o Antconc é um *software* livre e possui a vantagem de ser um arquivo bem leve (apenas 4Mb), e além de não haver a necessidade de instalá-lo. Além disso, é possível rodá-lo em qualquer computador, já que existem versões para Windows, Mac e Linux. O programa possui uma interface simples, o que torna o trabalho fácil até mesmo para iniciantes, e em uma mesma janela é possível selecionar diferentes opções de análise. Para usar esse programa, é necessário que antes se faça uma seleção dos textos em questão. Depois disso, os textos deverão ser convertidos para o formato *plain text* (txt.) para depois serem abertos no programa. Concluída essa fase inicial, basta selecionar a guia desejada e iniciar sua análise. Em nosso trabalho, usaremos as ferramentas *Word List* (que gera uma lista das palavras frequentes no corpus), *Concordance* (que mostra a frase, ou linha de texto, na qual o termo pesquisado está inserido) e *Collocates* (que nos mostra os colocados, isto é, os termos que mais se colocam com uma determinada palavra chave, e sua freqüência no texto). Na próxima seção, daremos início a nossa análise quanto ao uso de tais ferramentas do programa *Antconc.*

Análise quantitativa de excertos da obra e suas traduções

A proposta de Mona Baker (1996) procurar analisar o *corpus* de textos traduzidos, não somente para compreender como esses textos são semelhantes, mas sim entender como o fenômeno da tradução ocorre. Baker faz com que seja possível enxergar a tradução como um comportamento variante da linguagem através de técnicas da Linguística De Corpus. Através de seu estudo, a autora apresenta a possibilidade de textos traduzidos terem uma função diferente do texto original, fazendo com que os tradutores tenham que usar estratégias tradutórias diferentes ao realizar a tradução de diferentes tipos de textos fonte.

Ao nos aprofundarmos nessa reflexão, podemos argumentar que os corpora das traduções podem nos ajudar a melhor compreender a moldura sociocultural da

época em que essas traduções foram feitas. Isso se deve ao fato de que a linguagem reflete e expõe características sociais que envolvem a pessoa que as produz, seja por meio de escolhas específicas, como expressões idiomáticas ou gírias, por exemplo. Entretanto, existem traços bem mais discretos que podem refletir características sócio–culturais, como é o caso do léxico e da sintaxe. Ao compararmos duas traduções de épocas distintas, porém do mesmo texto fonte, argumentaremos que existem divergências que percorrem toda a escrita de cada um desses tradutores, pequenas características estilísticas que, muitas vezes, refletem os aspectos socioculturais e ideológicos mais amplos a princípio.

Podemos assumir que essas características presentes em textos produzidos/traduzidos de diferentes momentos históricos refletem, portanto, características sociais e ideológicas que os permeiam e, logo, podem ser interpretadas como elementos que nos fazem entender melhor o polissistema no qual esses tradutores ou escritores estavam inseridos. Um exemplo dessa situação seria, por exemplo, quando comparamos um texto traduzido mais antigo com um texto mais contemporâneo; no mais antigo haverá, muito provavelmente, um léxico mais elaborado, mostrando, talvez, maior cuidado com a linguagem e até mesmo certo elitismo, evidenciando, dessa forma, para quem as obras literárias provavelmente eram destinadas.

Assim, as escolhas tradutórias realizadas nas traduções de 1985 e 2014, se relacionadas com as estratégias de Baker (1996) e com as ferramentas da Linguística De Corpus e, em última instância, com a Teoria Dos Polissistemas de Zohar (1990) e a manipulação, reescritura e patronagem de Lefevere (2007), nos trazem reflexões importantes sobre o cenário de produção, tanto da obra original quanto de suas respectivas traduções. Nas próximas seções aprofundaremos nossa análise, dando início a essa na seção seguinte, quando observaremos mais a fundo o corpus das traduções para o português brasileiro, buscando atrelar tal análise ao seu contexto de produção e recepção.

Word List

Ao executarmos a funcionalidade *Word List* no programa *Antconc*, nos é apresentada uma lista com todas as palavras do corpus que selecionamos,

juntamente com a frequência de cada uma delas. Além disso, essa ferramenta gera também os chamados *types* (tipos) e *tokens* (ocorrências de tipos). Esses itens dizem respeito à quantidade de palavras no *corpus* selecionado para análise. Os *types* correspondem a cada item ou palavra que estão presentes no texto, sem considerar a repetição desses; e os *tokens* correspondem ao número total de itens ou palavras, incluindo a repetição desses no corpus. Portanto, essa ferramenta possibilita que vejamos as palavras mais usadas dentro da obra ou que pesquisemos por uma em especial para analisar quantas ocorrências dessa existem no *corpus*.

As unidades lexicais “woman” e “women”

Daremos início a nossa análise pela obra *A room of one’s own,* de Virginia Woolf, que será o primeiro *corpus* a ser analisado. Dado o contorno feminista que a obra apresenta, por se tratar de um ensaio sobre a condição da mulher na sociedade da época e sua busca por maior protagonismo social, optamos por pesquisar o corpus quanto às palavras chave “woman” e “man”, na tentativa de mapear as relações estabelecidas entre os sexos no contexto da obra wolfiana.

A imagem abaixo mostra os resultados da pesquisa pelo termo anteriormente citado. A unidade lexical “woman” aparece 123 vezes no *corpus*, enquanto que seu plural “women” aparece 194 vezes no total. Logo, os termos aparecem nas posições 43 e 28, respectivamente, no que diz respeito à razão tipo/ocorrência (type/tokenratio), os valores foram 5568 tipos de palavras(types) para um total de 38289 ocorrências de palavras (tokens), isto é, razão de 14,54%.

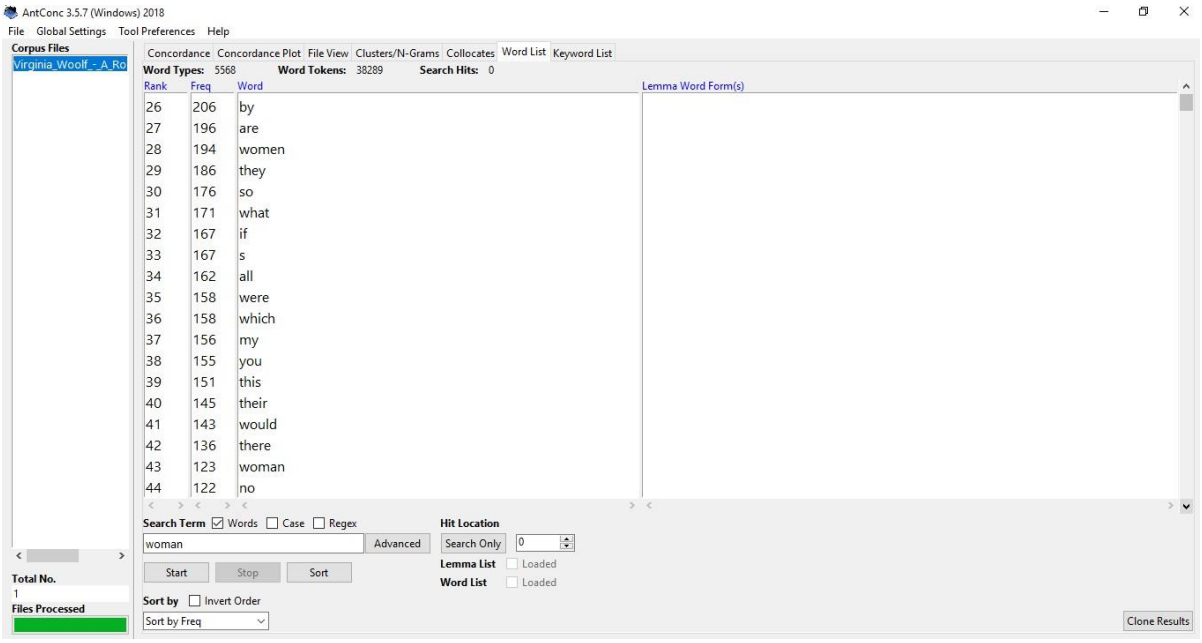


Imagem 1 – termo "woman" pesquisado na ferramenta *Word List,* corpus de 1929.

Entretanto, tal foco permaneceria nas traduções para o português brasileiro? Em decorrência dessa questão, usamos a ferramenta *Word List* para pesquisar os termos “mulher” e “mulheres” em cada um dos corpora selecionados, o da tradução de 1985 e o de 2014. Analisando a tradução de 1985, nos parece que a unidade lexical “mulheres” obteve maior frequência, assim como no texto original em inglês. Podemos deduzir isso pelas ocorrências dos termos “mulher” e “mulheres”, apresentados a seguir:

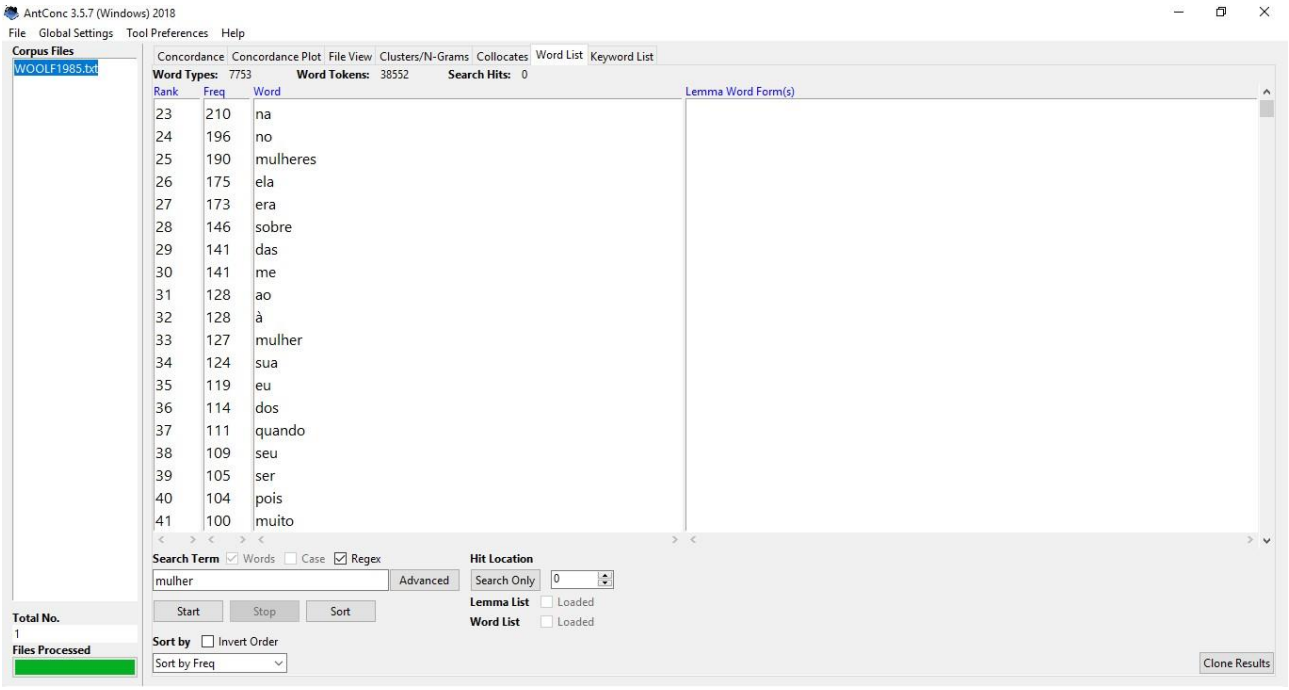


Imagem 2 - termo "mulher" pesquisado na ferramenta *Word List*, corpus de 1985.

O primeiro termo teve 127 ocorrências, e ficou na posição 33 de termos mais frequentes no corpus. Já o segundo termo, “mulheres”, teve 190 ocorrências e ocupou a posição 25. Tais dados numéricos demonstram que houve um pequeno aumento em relação à palavra “mulher”, que no inglês (*woman*) teve 123 ocorrências. Já o termo “mulheres”, teve uma pequena queda, pois no original aparecia 194 vezes (*women)*, enquanto que no português esse termo aparece 190 vezes. Apesar da pequena diferença numérica entre os dados coletados do corpus da tradução de 1985 e do original de 1929, podemos dizer que houve uma forte correspondência entre os dados.

Outro fato que nos chamou a atenção foi com relação aos dados referentes aos *types* e *tokens* presentes no corpus dessa tradução. Nesse corpus, houve 7753 *types* e 38552 *tokens*, ou seja, uma razão de 20,11 %, um aumento relativo em relação à obra original em inglês, cuja razão tipo/ocorrência foi de 14,54%. Entretanto, tal aumento se mostra compreensível, visto que traduções para a língua portuguesa, de modo geral, tendem a ser mais longas que os textos da língua inglesa (fonte).

Na tradução de 2014, como veremos a seguir, os números de *types* e *tokens* foram mais expressivos.

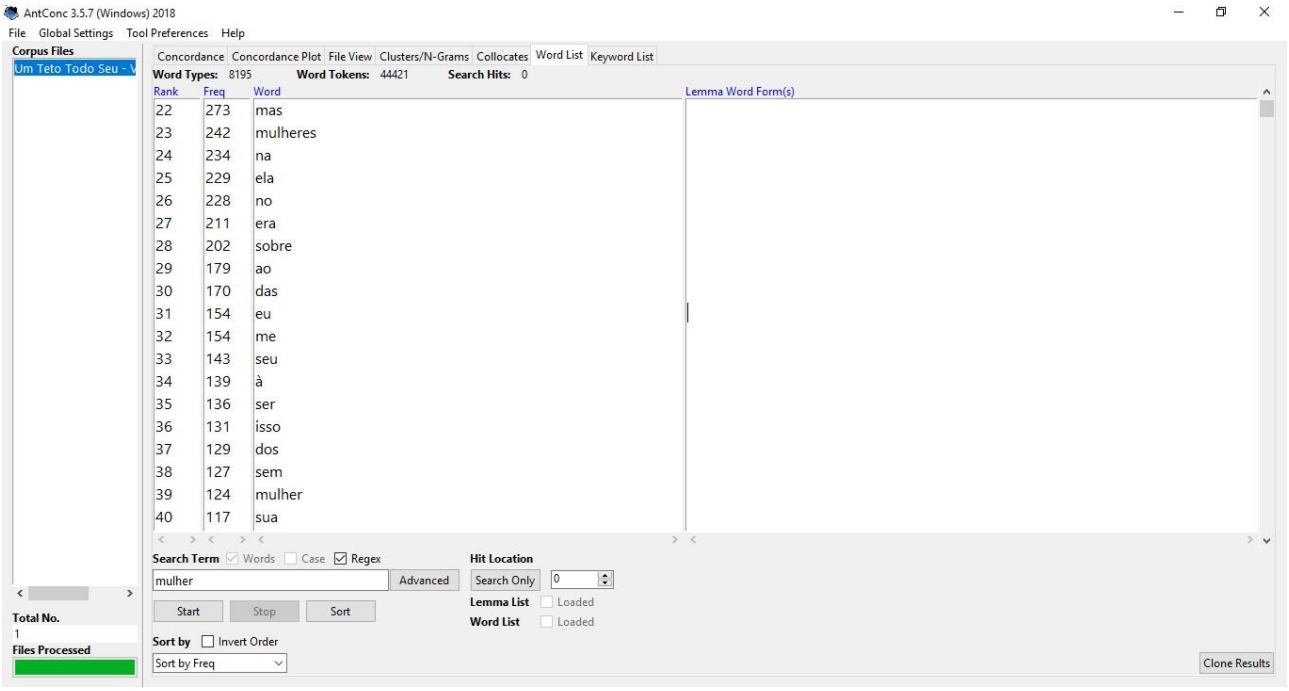


Imagem 3- termo "mulher" pesquisado na ferramenta Word List, corpus de 2014.

Nesse corpus foram identificados 8195 *types* e 44421 *tokens*, Isto é, uma razão tipo/ocorrência de 18,44%, superior ao original, que foi de 14, 54%, mas um pouco inferior à tradução de 1985, que foi de 20,11%. O corpus da tradução de 1985 tem 442 *types* e 5.896 *tokens* a mais. Tais dados recolhidos demonstram um aumento significativo do volume entre as traduções de 1985 e a contemporânea, de 2014. Além disso, o termo “mulher” apareceu na posição 39, com 124 ocorrências. Já o termo “mulheres” apareceu 242 vezes no corpus, ocupando a posição 23 de termos mais frequentes na obra. Portanto, a tradução de 2014 foi o corpus em que houve mais ocorrências do termo “mulheres”, superando a tradução de 1985, que teve 190 ocorrências, e o texto original de Virginia Woolf, que teve 194 ocorrências (no original, “*women”*). Em termos de densidade lexical, isto é, variedade vocabular, os índices mais altos indicam maior variedade vocabular, o que faz da tradução de 1985 a mais proeminente nesse aspecto.

As unidades lexicais “man” e “men”

Pesquisamos também pelo termo “man” (“homem”, em inglês).

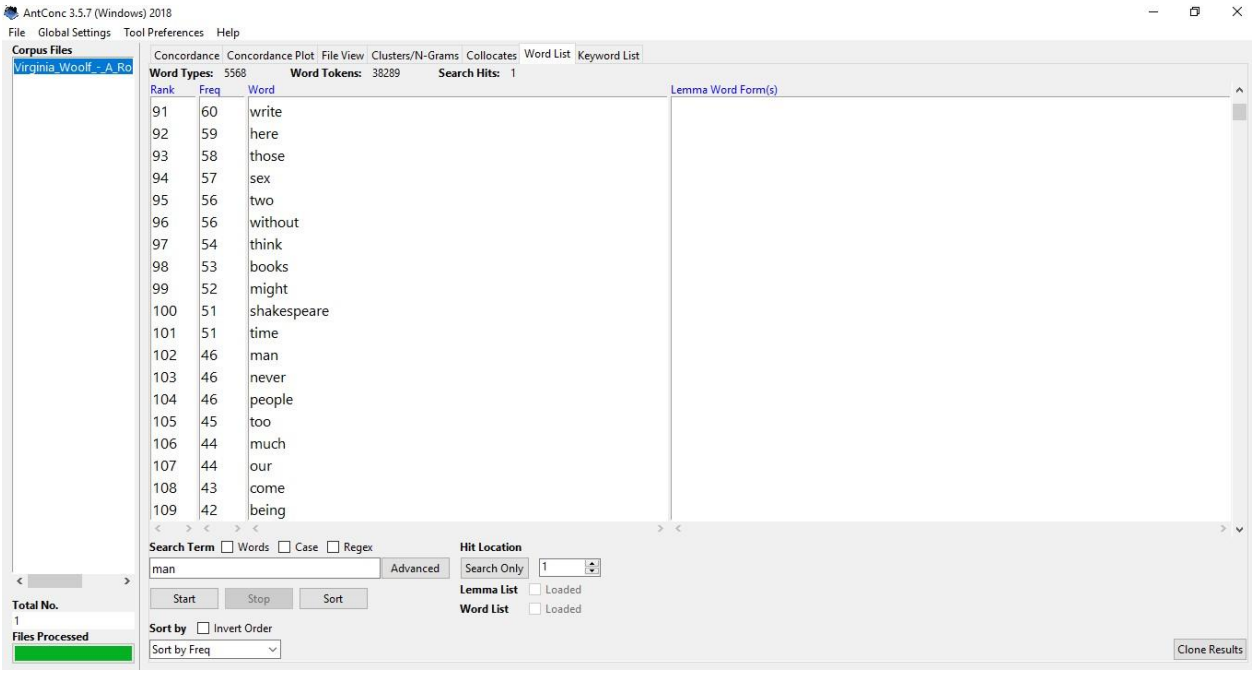


Imagem 4 - termo "man" pesquisado na ferramenta *Word List*, corpus de 1929.

Esse termo ocorreu 46 vezes no corpus selecionado, e aparece na 102ª posição. Já a unidade lexical “men” (homens) teve 89 ocorrências, praticamente o dobro, e apareceu na 64ª posição de termos mais frequentes. Isso provavelmente se deu porque durante a obra Woolf se refere aos homens, em vários momentos, no coletivo. Conforme já apontado, nessa versão a relação tipo/ocorrência foi de 5568 para 38289, isto é, 14,54%.

Já nas traduções de *A room of one’s own* para o português brasileiro foi possível constatar que houve um aumento da relação tipo/ocorrência, como veremos no quadro a seguir. Na tradução de 1985, houve uma relação tipo/ocorrência de 7753 para 38552, ou seja, de 20,11%, o que representa um aumento significativo em relação à obra original. O termo “homem”, por sua vez, apareceu na 142 ª posição, com 33 ocorrências;

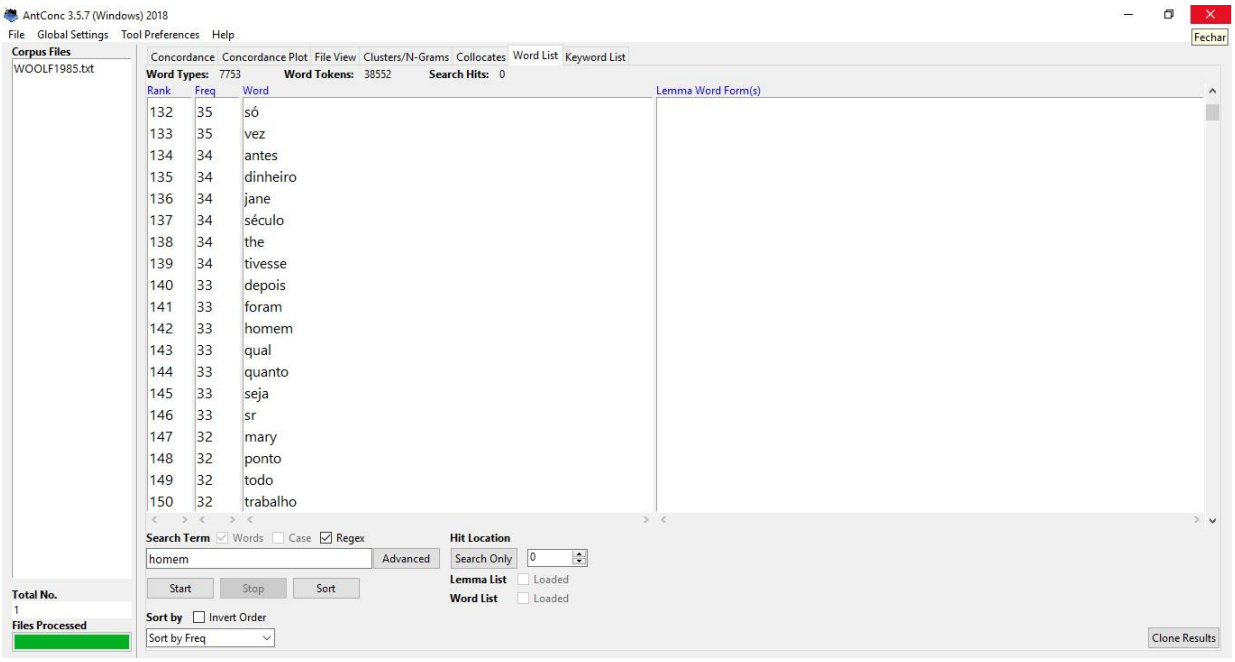


Imagem 5 - termo "homem" pesquisado na ferramenta Word List, corpus de 1985.

Quando procuramos pelo plural de tais termos, observamos que as posições que esses ocupam no *ranking* possuíam maior destaque. A palavra “homens”, por exemplo, aparece na posição 45 na tradução de 1985, enquanto que na tradução de 2014, o mesmo termo apareceu na 46 ª posição.

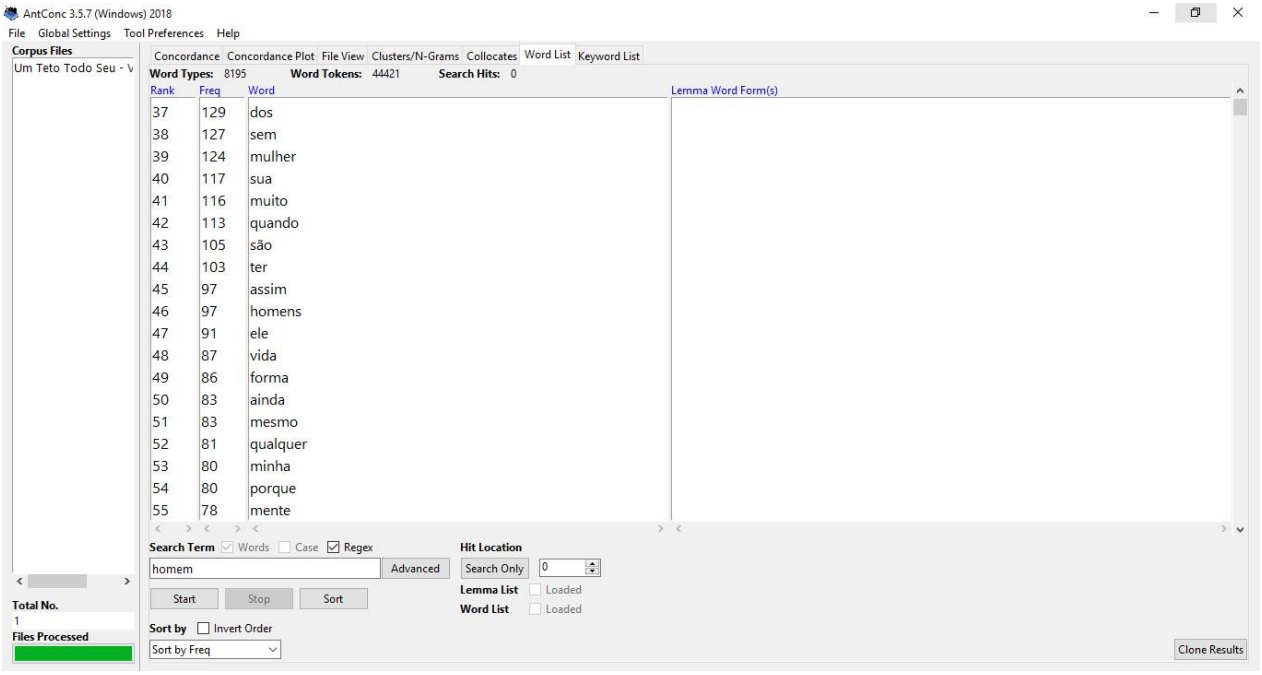


Imagem 6 - termo "homens" pesquisado na ferramenta Word List, corpus de 2014.

Por fim, na tradução de 2014, como podemos ver na imagem abaixo, o mesmo termo teve a relação tipo ocorrência de 8195 para 44421, isto é, de 18,44%, demonstrando, portanto, uma leve queda nas ocorrências do termo “homem” na tradução de 2014 em relação à tradução de 1985.

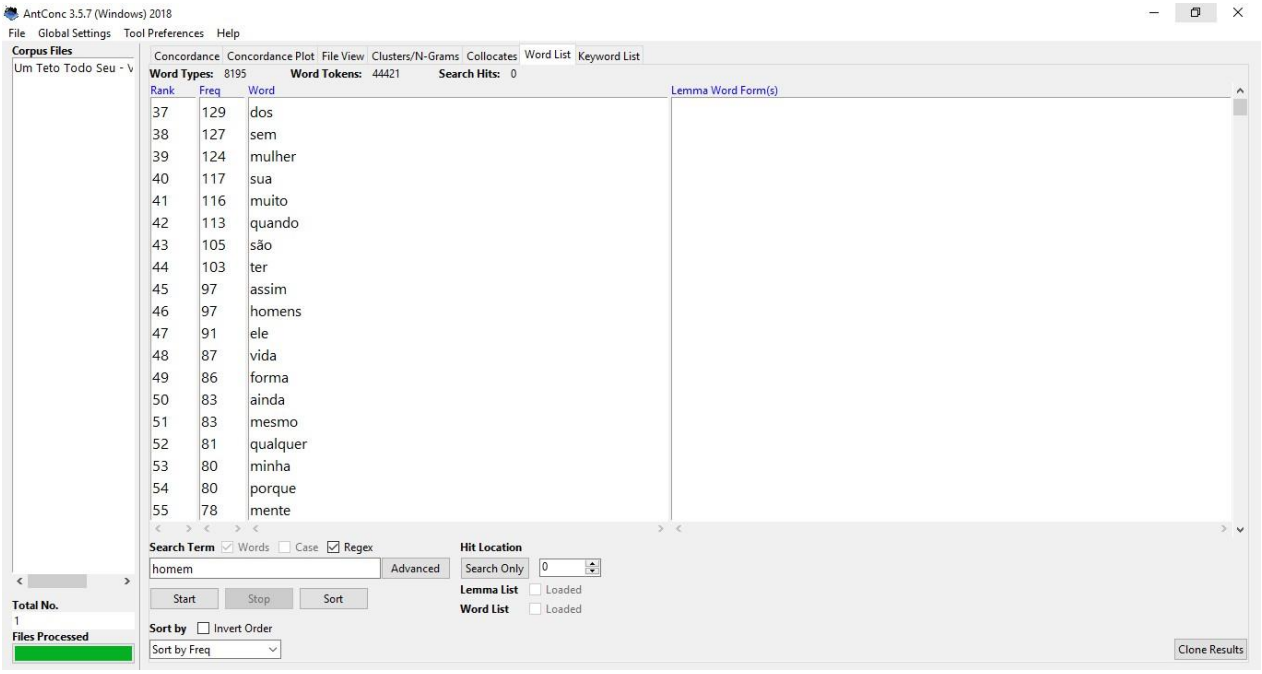


Imagem 7 - termo "homem" pesquisado na ferramenta Word List, corpus de 2014.

Na próxima seção iremos dar continuidade a nossa análise, agora voltando nossa atenção à ferramenta *Collocates*, na qual iremos pesquisar os termos que estão ligados às palavras que já pesquisamos nessa seção – homem, mulher etc – e o teor semântico que predomina em cada *corpus* quando pesquisamos por essas palavras especificamente.

Collocates

Nessa seção iremos continuar a nossa análise utilizando a ferramenta C*ollocates*. Ao utilizarmos tal funcionalidade, nos será apresentado um quadro que mostrará os termos que “se colocam” com aquele que nós pesquisamos anteriormente, como “homem” e “mulher”. Quando nos for apresentado o resultado de tal pesquisa, nós analisaremos o valor semântico dos mais relevantes, procurando sinalizar o contorno semântico predominante em cada uma das obras.

Os termos colocados para “woman/women”

Daremos início a nossa análise pelo corpus da obra original de Virginia Woolf, pesquisando os colocados estatisticamente mais relevantes para termo “*woman*”.

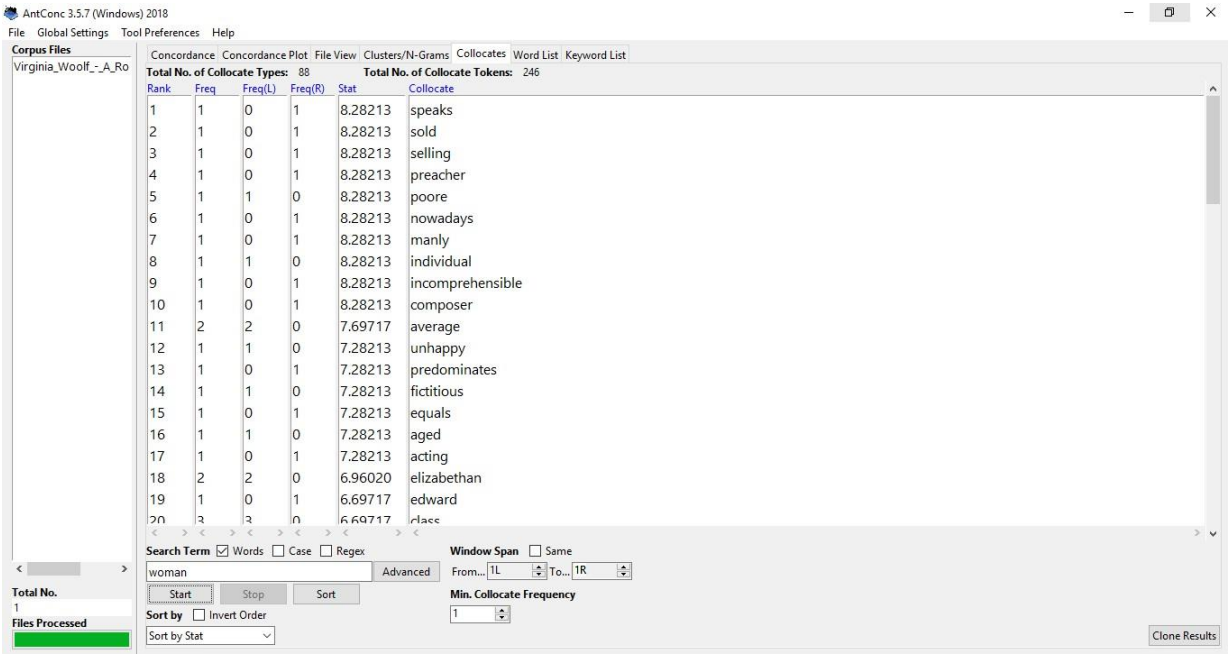


Imagem 8 - termo "*woman*" pesquisado na ferramenta *Collocates*, corpus de 1929.

Ao realizarmos a pesquisa referente ao termo "*woman*", foi possível notar uma presença muito marcada de adjetivos em relação a essa unidade lexical que pesquisamos. Os verbos exibidos nessa tela, por sua vez, em sua maioria não possuem semântica negativa, mas sim, neutra. Já os poucos adjetivos que tivemos em nossos resultados apresentam um valor semântico mais negativo, como é o caso das palavras “*poore”* (pobre) e *“unhappy”* (infeliz). Outro fato que nos chamou atenção foi a quantidade de *types* e *tokens* relacionados ao termo “*woman”, a* razão tipo/ocorrência, que foi de 88 tipos para 246 ocorrências, isto é, uma razão de 35,77%.

Assim como no corpus original em inglês, os resultados referentes à tradução de 1985 demonstram uma presença maior de verbos do que adjetivos ligados a palavra “mulher”.

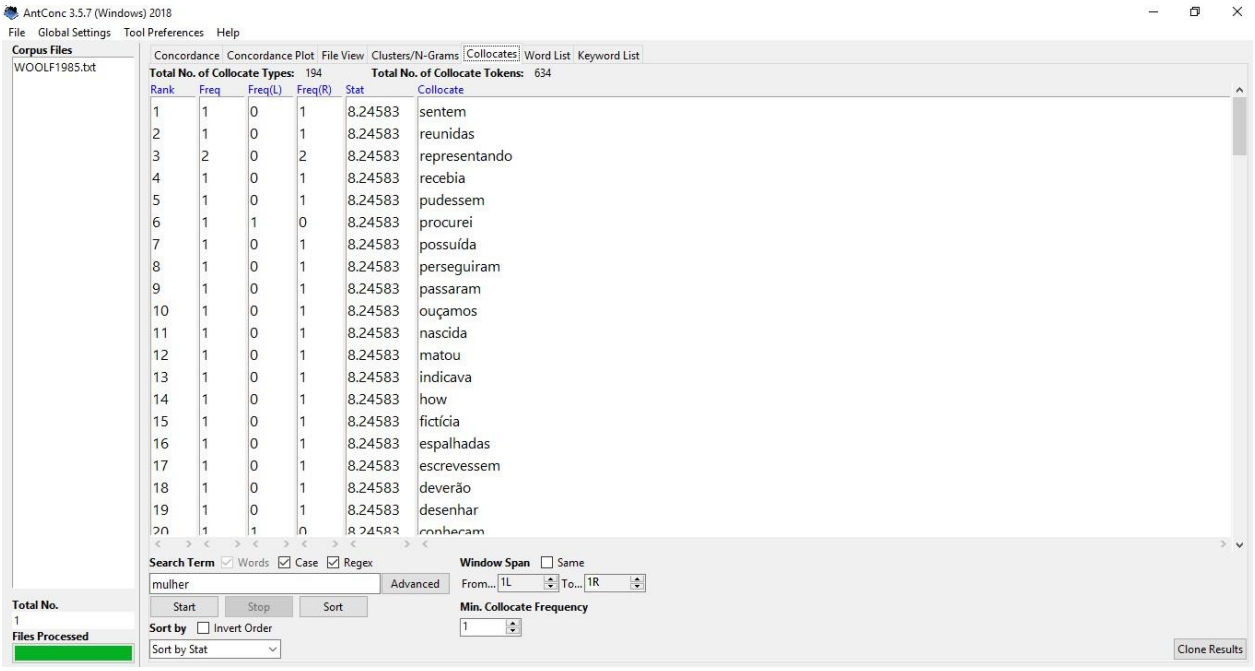


Imagem 9- termo "mulher" pesquisado na ferramenta *Collocates*, corpus de 1985.

Entretanto, podemos observar que a diferença está presente na carga semântica dos verbos. No corpus de 1985, podemos notar uma presença maior de verbos com carga semântica neutra ou mesmo negativa, além disso, esses verbos estão presentes em colocações mais altas, por exemplo, na posição 12, com o termo “matou”. Outro fato curioso foi o termo que apareceu em primeiro lugar: “sentem”. Enquanto no corpus original a primeira palavra era “falar”,"speaks" no original, no corpus de 1985 temos “sentem” como o primeiro termo a aparecer. “Sentem” do verbo “sentir”, expressa uma ideia de sensibilidade das mulheres em questão, enquanto o termo “falar” sinaliza protagonismo por parte das mulheres. Portanto, de forma geral podemos dizer que o corpus de 1985 possui mais verbos de carga semântica, em sua maioria, negativa exibidos em tela, como “matou” ou “perseguiram”, que revelam uma maior vulnerabilidade ou mesmo subordinação da condição feminina. Já em se tratando de adjetivos, o que parece ser mais relevante é o da posição sete, o termo “possuída”. Em relação aos *types* e *tokens* presentes no corpus, obtivemos 194 e 634 respectivamente, demonstrando um aumento em relação aos valores individuais obtidos no corpus original em inglês, mas com uma razão tipo/frequência de 30,60%.

Os resultados do corpus de 2014 demonstram uma certa diferença em relação ao corpus de 1985 no que tange à posição dos termos com carga semântica negativa, conforme pode- se observar abaixo:.

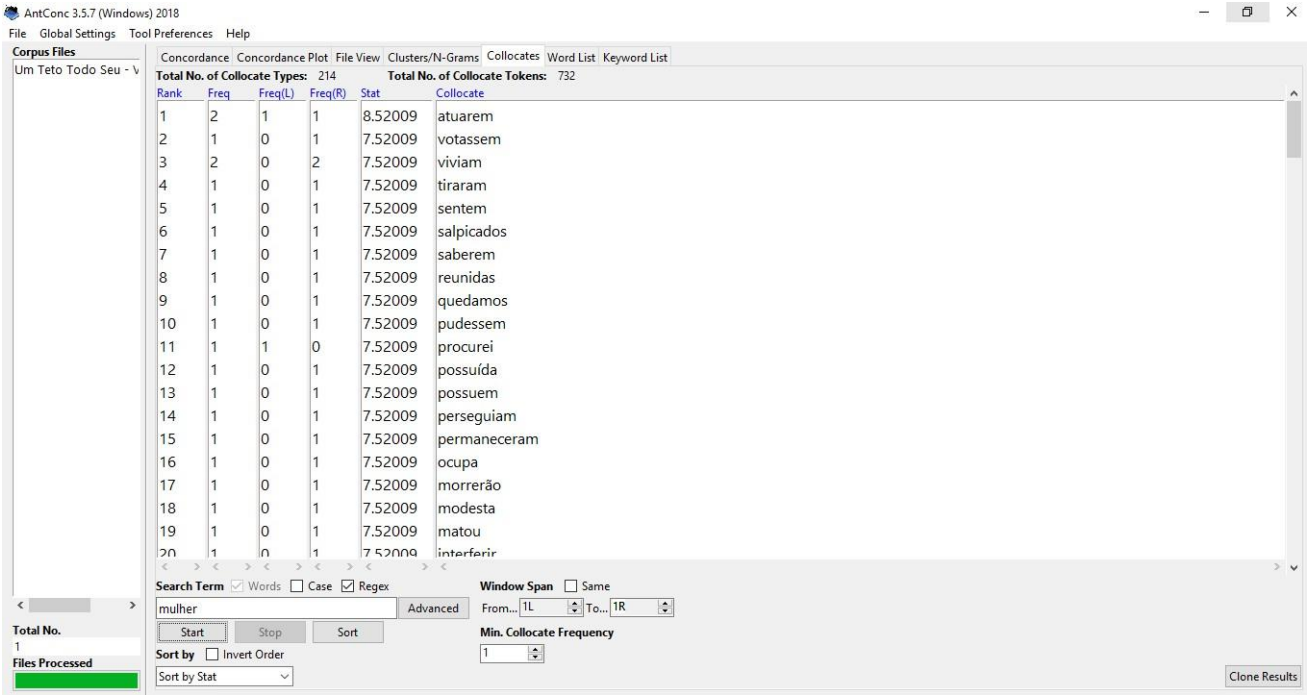


Imagem 10 - termo "mulher" pesquisado na ferramenta *Collocates*, corpus de 2014.

Como já mostramos anteriormente, no corpus de 1985 vimos que termos ligados à unidade lexical “mulher” com carga semântica negativa aparecia em posições expressivas ou representativas. Ao contrário, no corpus de 2014 podemos perceber que termos com carga semântica negativa aparecem em posições mais baixas, ou com menos destaque. Uma semelhança que o corpus de 2014 compartilha com os outros resultados apresentados anteriormente é o fato de possuir mais verbos que adjetivos, mas a diferença na carga dos verbos aqui presentes é no que queremos nos deter. Os verbos presentes no quadro acima possuem uma carga semântica que demonstra mais independência e autonomia, em outras palavras, maior protagonismo com relação à unidade lexical analisada,como, por exemplo, das mulheres a quem esses verbos estão ligados, por exemplo, nos termos “atuarem”, “votassem”, “viviam” e “possuem”. De forma geral os termos listados em tela possuem uma carga semântica mais neutra, com pequenas exceções para os termos “Possuída”, “perseguiam”, “morreram” e “matou”.

Por fim ao observamos os *types* e *tokens*, podemos ver que o corpus referente à tradução de 2014 é o que possui mais termos ligados à unidade lexical

“mulher”. Ao realizarmos a pesquisa, chegamos a um total de 214 t*ypes* e 732 *tokens;* isto é, uma razão tipo/frequência de 29,23%. Portanto, esse corpus é o que mais apresenta volume de ocorrências de termos ligados à unidade lexical “mulher”, mas com menor densidade lexical, ou seja, menor variação vocabular.

Os termos colocados para “man/men”

Daremos continuidade a nossa análise da ferramenta *collocates* com o termo “*man”* da obra original em inglês, conforme o quadro abaixo:

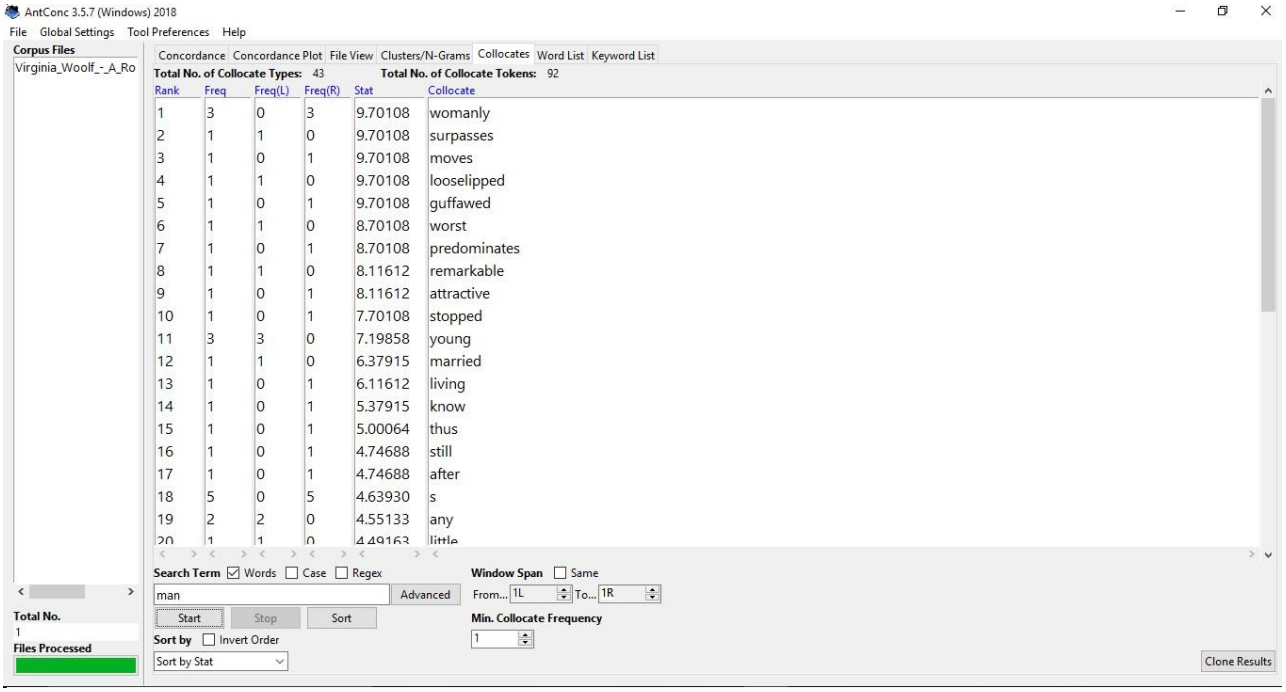


Imagem 11 - termo "man" pesquisado na ferramenta Collocates, corpus de 1929.

Na imagem acima podemos ver o resultado da pesquisa do termo “*man*”, em português “homem”. O que nos chamou atenção nesse quadro referente ao corpus original foram os adjetivos. Esse é um quadro que possuí muitos adjetivos ligados ao termo “*man*”, sendo que a maioria desses tem carga semântica positiva ou neutra, por exemplo, *remarkable* (notável)*, attractive* (atraente), *young* (jovem) como os de valor positivo, e *marriedI* (casado) e *living* (vivendo) como os de valor neutro. Entretanto, há também alguns termos com valor semântico negativo, como termo *womanly* (feminino, afeminado), por exemplo, que no contexto em que estava

inserido possuía um valor negativo. Algo notável é que esse termo tão marcante não se mostrou presente nas traduções para o português brasileiro.

Outro item que devemos dar destaque em nossa análise foi o número de *types* e *tokens* referentes ao termo pesquisado. O total de *types* relacionados a palavra “*man*”, em português, “homem", foi de 43 tipos (*types*), e de 92 ocorrências (*tokens)*, isto é, uma razão tipo/ocorrência de 46,74%. Esses dados serão relevantes à medida que avançarmos em nossa análise.

Na tela a seguir, nós pesquisamos a unidade lexical “homem” no corpus referente à tradução de “Um teto todo seu”, de 1985.

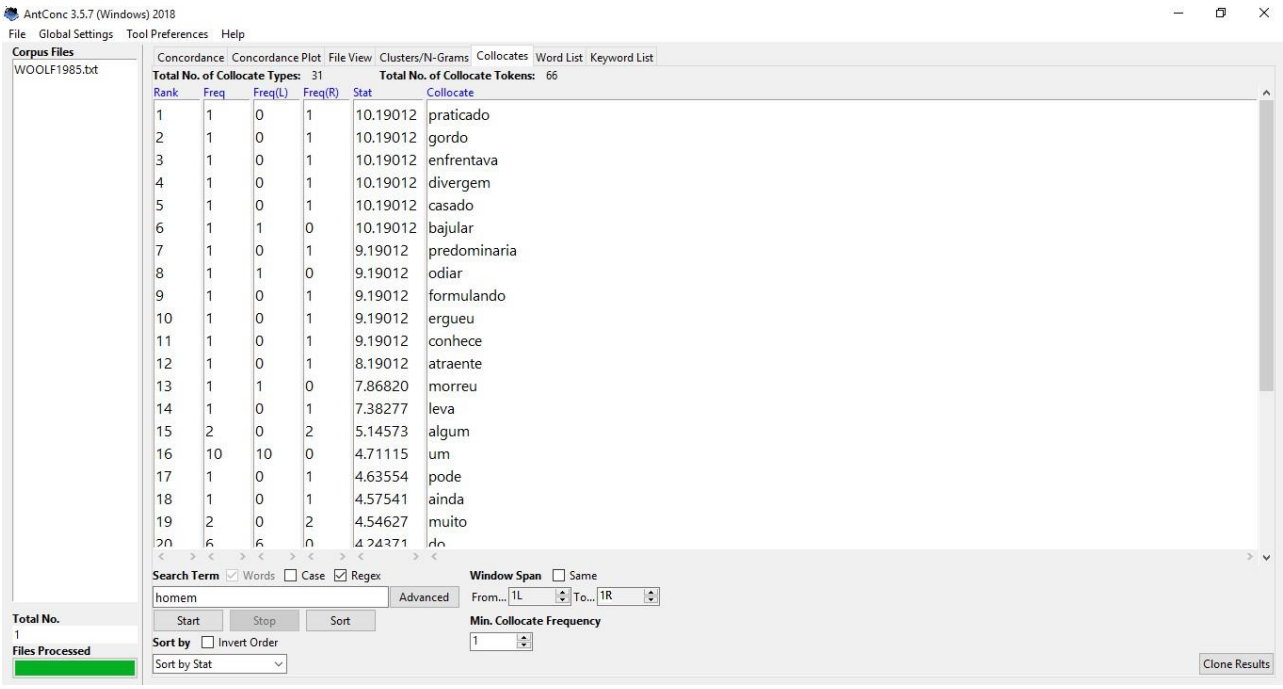


Imagem 12 - termo "homem" pesquisado na ferramenta *Collocates*, corpus de 1985.

O que mais chama atenção nos resultados da tradução de 1985 para o português é a existência de mais verbos ligados à unidade lexical “homem” do que no texto original ligado a palavra “*man”*. No corpus referente ao texto fonte, podemos notar uma maior quantidade de adjetivos, enquanto que no corpus referente à tradução de 1985, há mais verbos, como por exemplo, “praticado”, “bajular”, “odiar”, “ergueu” e “conhece” – sendo o segundo e o terceiro verbo aqui citados de carga semântica negativa. De forma geral, podemos notar uma carga semântica mais negativa se comparada ao resultado do texto original de Virginia Woolf.

Outro elemento que se mostra relevante para nossa análise é o número de *types* e *tokens* gerados em nossa pesquisa. Na tradução de 1985, a unidade lexical "homem" apresenta 31 *types* e 66 *tokens,* isto é, uma razão tipo/ocorrência de

46,97%. Esse número é consideravelmente menor que os dados do texto original de Virginia Woolf, pois este contém 43 *types* e 92 *tokens* referentes à unidade lexical "*man*", o que revela também que a densidade lexical ou variedade vocabular é ligeiramente superior na tradução de 1985.

Os resultados referentes à tradução de 2014 são os mais surpreendentes. Ao realizarmos nossa pesquisa pela unidade lexical "homem" no corpus da tradução mais contemporânea, notamos uma maior quantidade de verbos.

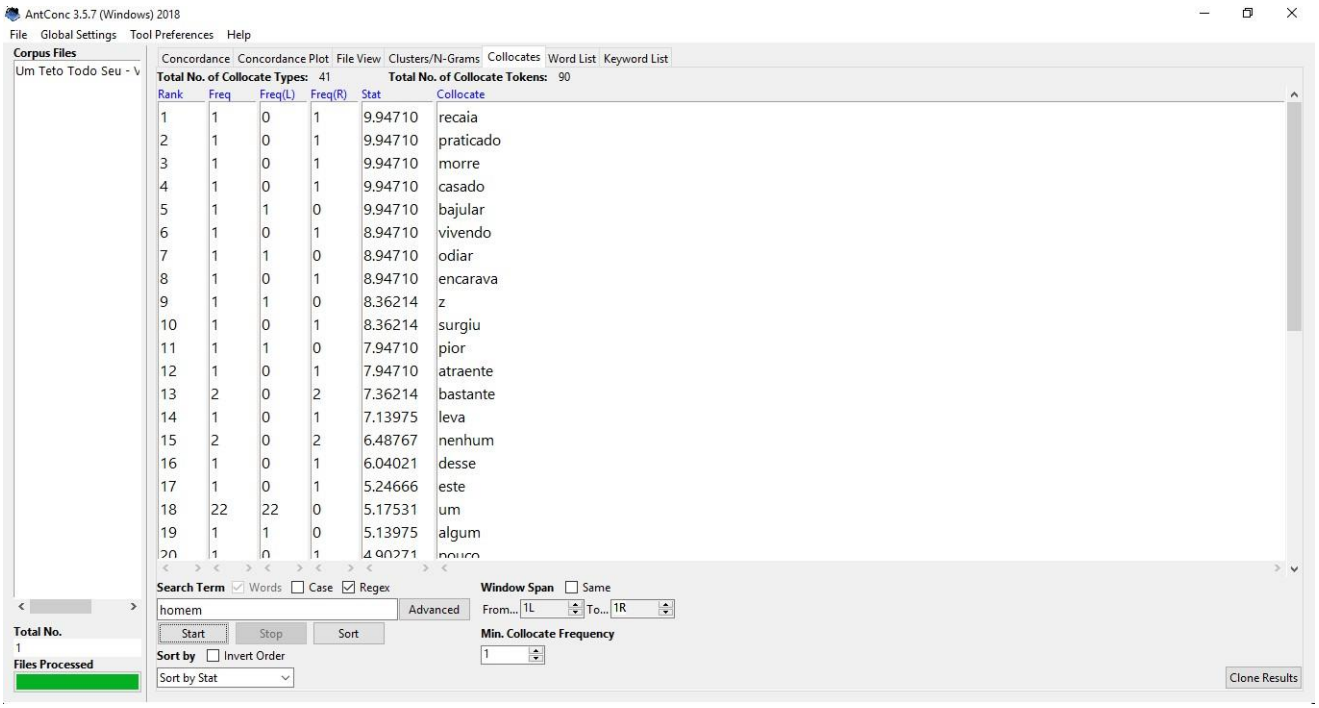


Imagem 13 - termo "homem" pesquisado na ferramenta *Collocates*, corpus de 2014.

Esse corpus é o que apresenta a menor quantidade de adjetivos se comparado com os outros corpora anteriormente citados. Podemos ver isso ao analisarmos mais detalhadamente na tela acima. Temos apenas dois adjetivos, o número 4 no ranking, a palavra “casado”, e o número 12, "atraente". Todo o resto são verbos ou outra classe de palavra. Podemos afirmar que há cerca de 4 palavras com carga semântica negativa, entre elas “morre”, “bajular” e “odiar”. Com exceção de tais termos, a maioria dos termos presentes na tabela se mostram neutros.

Já em se tratando do número de *types* e *tokens*, a produção mais recente apresenta um corpus mais similar ao texto original, conforme discutiremos mais detalhadamente na seção de análise qualitativa. No corpus referente à tradução de 2014, há 41 *types* e 90 *tokens*, isto é, uma razão tipo/frequência de 45,55%, enquanto que no corpus original há 43 e 90 (razão tipo/frequência de 46,74%), respectivamente. Esses dados nos fazem acreditar que existe uma maior

correspondência em relação ao uso e tradução da unidade lexical "homem" entre a tradução de 2014 e o texto original, ou seja, eles exibem menor variação vocabular (ou densidade lexical).

Na próxima seção, iremos continuar nossa análise utilizando a ferramenta *concordance*. Esta será utilizada para que possamos avaliar as unidades lexicais sob análise em uma perspectiva mais contextualizada, observando-se as linhas de concordância para essas unidades.

Concordance

Nessa última seção de análise quantitativa, iremos dar continuidade a nossa análise utilizando a funcionalidade denominada *concordance* do programa *Antconc.* Tal ferramenta nos auxiliará a ver como as unidades lexicais, “homem” e “mulher”, são contextualizadas em cada uma das obras, a original, de Virginia Woolf e suas respectivas traduções, de 1985 e de 2014. Essa funcionalidade poderá nos auxiliar a compreender qual o nível de adequação presente em cada um dos corpora em relação à obra original e qual é a visão predominante na obra por parte dos tradutores e da própria autora sobre os termos pesquisados.

As linhas de concordância para as unidades lexicais “woman/women”

Daremos início a nossa análise pelo corpus de 1929, da obra original

de

Virginia Woolf, a partir da palavra chave “*woman*”, conforme ilustrado nas linhas de concordância a seguir.

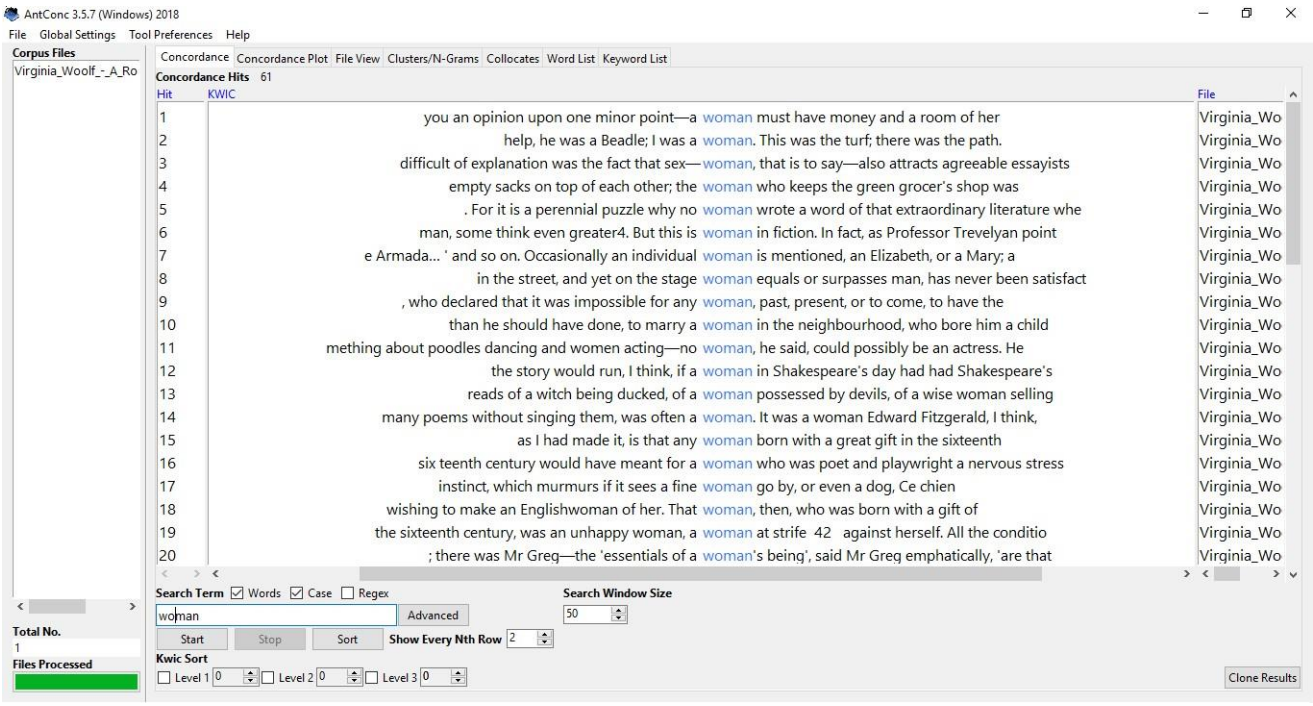


Imagem 14 - termo "*woman*" pesquisado na ferramenta *Concordance*, corpus de 1929.

Um fato que nos chamou a atenção foi o número de ocorrências da unidade lexical "*woman"* nesse corpus, um total de 61 ocorrências, quase o dobro de ocorrências da palavra "*man*", explicitando, portanto, o maior foco na figura feminina ao longo da obra. Além disso, foi possível perceber um tom diferente em relação a como esse termo, "*woman*" era usado pela autora. De forma geral, foi possível notar certo tom negativo em relação à mulher, visto que, em grande parte das frases que nos foi dada como resultado, o termo "*woman*" está inserido em sentenças que descrevem ações que essas não podem realizar ou situações nas quais as mulheres são utilizadas como sujeitos de ações que essas poderiam vir a realizar, mas que infelizmente, os costumes da época não lhes permitiam.

Entretanto existem similaridades entre as análises feitas anteriormente em relação ao indivíduo masculino. Apesar de possuir um tom mais negativo, a palavra "*woman"* também foi usada para designar grupos de mulheres ou para citar exemplos de mulheres particulares. Nas linhas sete e doze, podemos ver a ocorrência de frases que usam o termo "*woman"* como exemplos de situações específicas, como na linha sete, em que a autora menciona que mulheres em particular são citadas ao longo da história, como Elizabeth ou Mary, ou no exemplo doze, quando a autora menciona uma mulher que poderia viver nos tempos de

Shakespeare e como seria a sua vida. Portanto, podemos concluir que o termo "*woman*" foi utilizado, em sua maioria, para designar um conjunto de mulheres ou mulheres de forma geral, e quase sempre as retratando como restritas aos costumes machistas aos quais estavam sujeitas.

Ao analisarmos o corpus da tradução de 1985, podemos notar algumas grandes semelhanças com os resultados referentes ao corpus original em inglês da obra de Virginia Woolf, as quais detalharemos mais adiante:

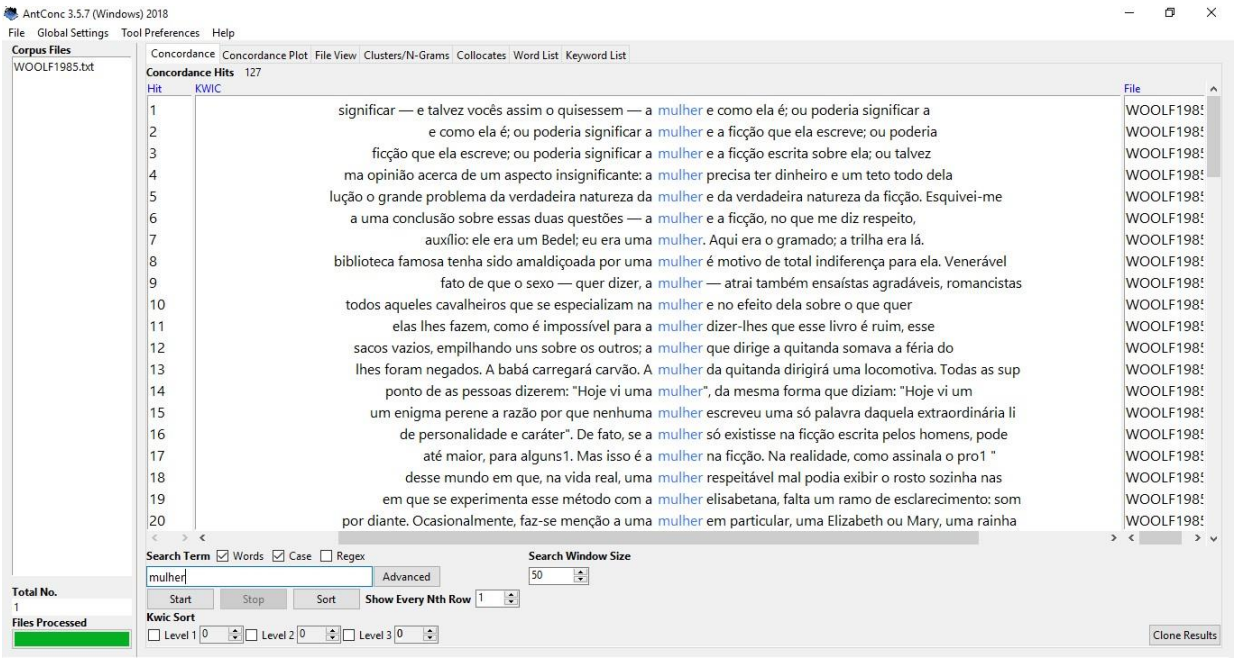


Imagem 15 - termo "mulher" pesquisado na ferramenta *Concordance*, corpus de 1985.

Antes, devemos notar a diferença de ocorrências de unidades lexicais. Enquanto no primeiro corpus houve 66 ocorrências do termo "*woman*", no corpus referente à tradução de 1985 tivemos 127 ocorrências do termo "mulher", demonstrando um aumento significativo de um corpus para o outro. Assim como no texto original, o termo foi utilizado para designar um conjunto de mulheres, apesar de esse estar no singular. É possível notar tal fato nos segmentos 19, 16 e 14. Entretanto, houve um segmento em particular que chamou nossa atenção. No segmento 4, podemos ver a tradução da frase "(...) *an opinion upon one minor point"*, que no português foi traduzido como "uma opinião acerca de um ponto insignificante". Essa escolha lexical demonstra certa mudança no sentido da frase

original, visto que “*minor point*”[20] teria um sentido de algo menor, um detalhe a ser explorado, e não algo insignificante ou sem valor.

Analisaremos agora o corpus referente à tradução de 2014, focando também na unidade lexical “mulher”. O primeiro resultado que nos chamou atenção foi o número de ocorrências de tal termo, um total de 363 vezes que a unidade “mulher” apareceu ao longo da obra, um número muito maior que na obra original em inglês e na obra traduzida de 1985.

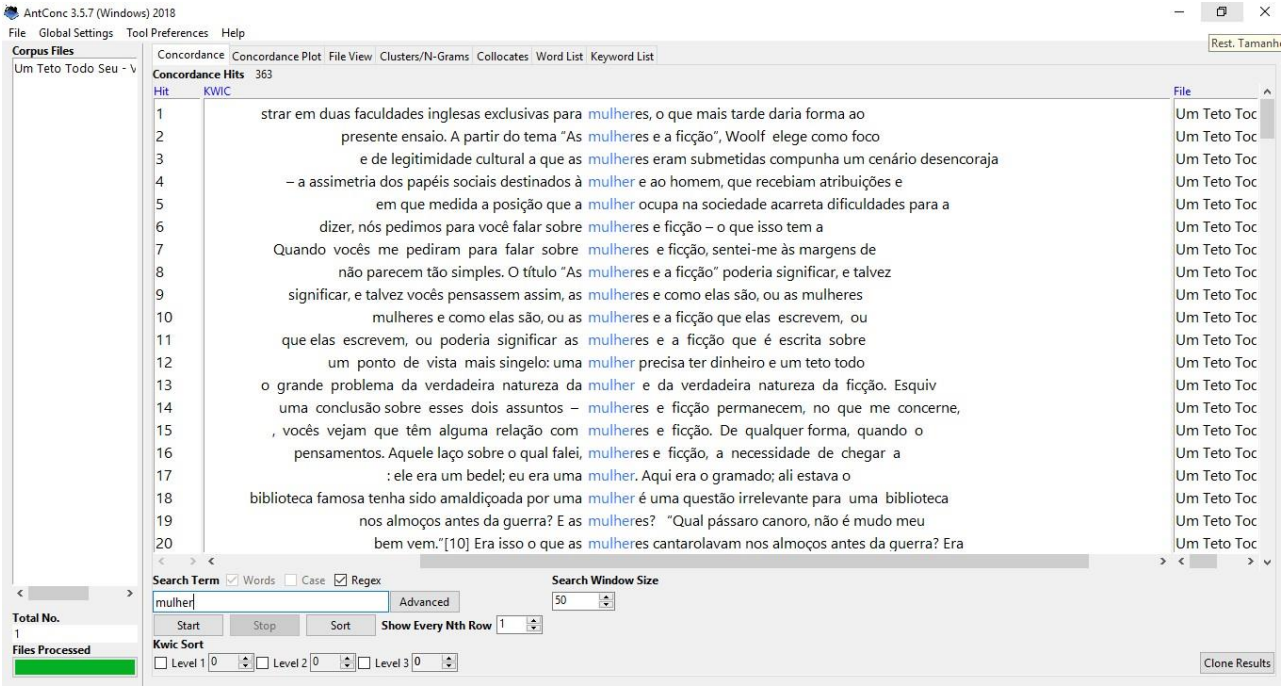


Imagem 16 - termo "mulher" pesquisado na ferramenta *Concordance*, corpus de 2014.

O uso do termo “mulher”, de forma geral, foi o mesmo que nos outros dois corpora: designar um grupo de mulheres, ou um conjunto de indivíduos femininos. Entretanto, consideramos relevante discutir a tradução da linha 12, que já foi discutido anteriormente. Enquanto que na tradução de 1985 a frase foi traduzida como “uma opinião acerca de um ponto insignificante”, na tradução de 2014 a frase foi traduzida como “um ponto de vista mais singelo”, mostrando-se ser, assim, uma

[20] Minor point: having little importance, influence, or effect. (ter pouca importância, influência ou efeito, tradução nossa). Disponível em: < https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/minor>.

escolha lexical mais fiel ao original e menos linguisticamente marcada que a tradução de 1985.

As linhas de concordância para as unidades lexicais “man/men”

Ao rodarmos tal ferramenta, o primeiro resultado que encontramos que se mostra expressivo sobre a unidade lexical “*man”* foi o *Concordance Hits*, ou seja, o número de vezes que o termo apareceu ao longo do texto:

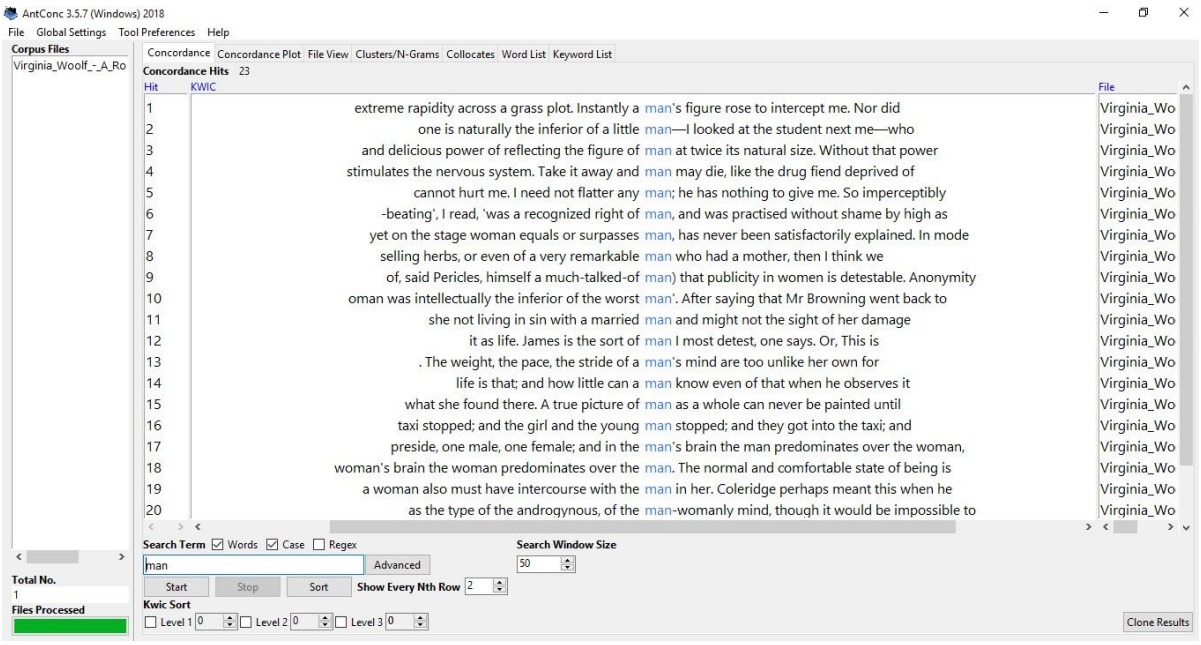


Imagem 17 - termo "*man*" pesquisado na ferramenta *Concordance*, corpus de 1929.

Nesse corpus tivemos um total de 23 ocorrências da unidade “*man”,* que, de forma geral, foi utilizado para descrever, muitas vezes, um homem em particular, uma figura masculina específica. Para ilustrar isso, podemos utilizar o número 1 como exemplo, no qual a autora diz que viu a figura de um homem específico, ou no exemplo 12, no qual a autora utiliza o termo para identificar que James, enquadrando-o como um tipo de homem que ela mais detesta, ou seja, integrando tal sujeito num conjunto geral de homens ou de perfis de homens que a autora desaprova.

Portanto, podemos dizer que nesse primeiro corpus foi encontrado, em grande parte, o homem é retratado como uma figura detentora de poder ou de soberania sobre as mulheres. Além disso, o homem aparece como figura utilizada para realizar uma comparação com a mulher, como podemos ver nos exemplos 17 e 18, em que a autora discorre sobre as semelhanças e diferenças entre os cérebros masculinos e femininos.

Em seguida, analisaremos o corpus da tradução de 1985. Ao utilizar a ferramenta *concordance*, foi possível perceber que houve um aumento de *hits* nesse corpus, já que o original continha 23 ocorrências do termo "*man"*, enquanto que nesse corpus houve 33 ocorrências do termo "homem".

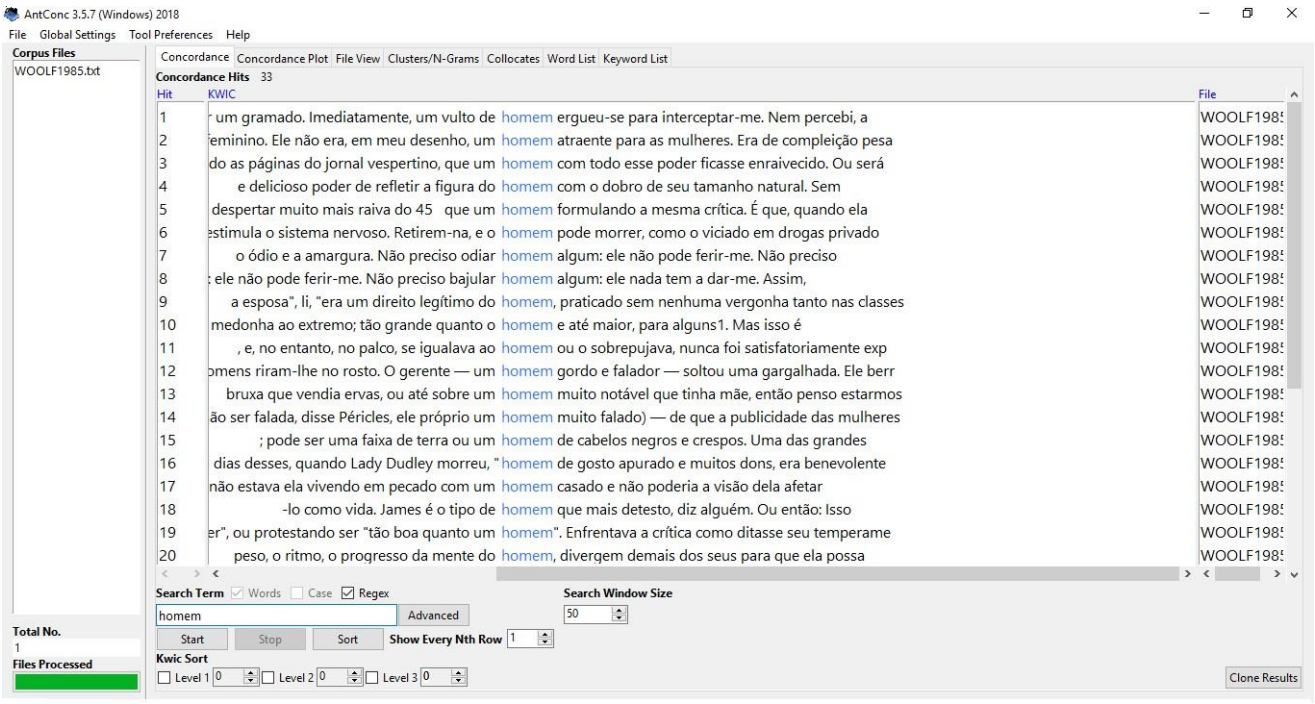


Imagem 18 - termo "homem" pesquisado na ferramenta *Concordance*, corpus de 1985.

De maneira geral, podemos dizer que houve bastante semelhanças quanto à utilização da figura do "homem" nessa tradução com relação à obra original. Em ambas, a figura masculina foi usada para descrever a figura de um homem em particular e também de homens em geral, como parte de um sistema ou grupo. Tal fidelidade pode ser vista no exemplo da linha sete, na frase "não preciso odiar homem algum: ele não pode ferir-me". Essa frase é a tradução da frase em inglês "*I need no flatter any man; He has nothing to give me*.".

Por fim, chegamos à análise do corpus da tradução de 2014 de “Um teto todo seu”. A funcionalidade *concordance* nos mostrou que houve 45 ocorrências da palavra “homem”, ou seja, 22 ocorrências a mais que o texto original em inglês. Tal fato pode nos levar a argumentar que a obra de 2014 se mostra mais longa do que os outros dois corpora anteriormente analisados.

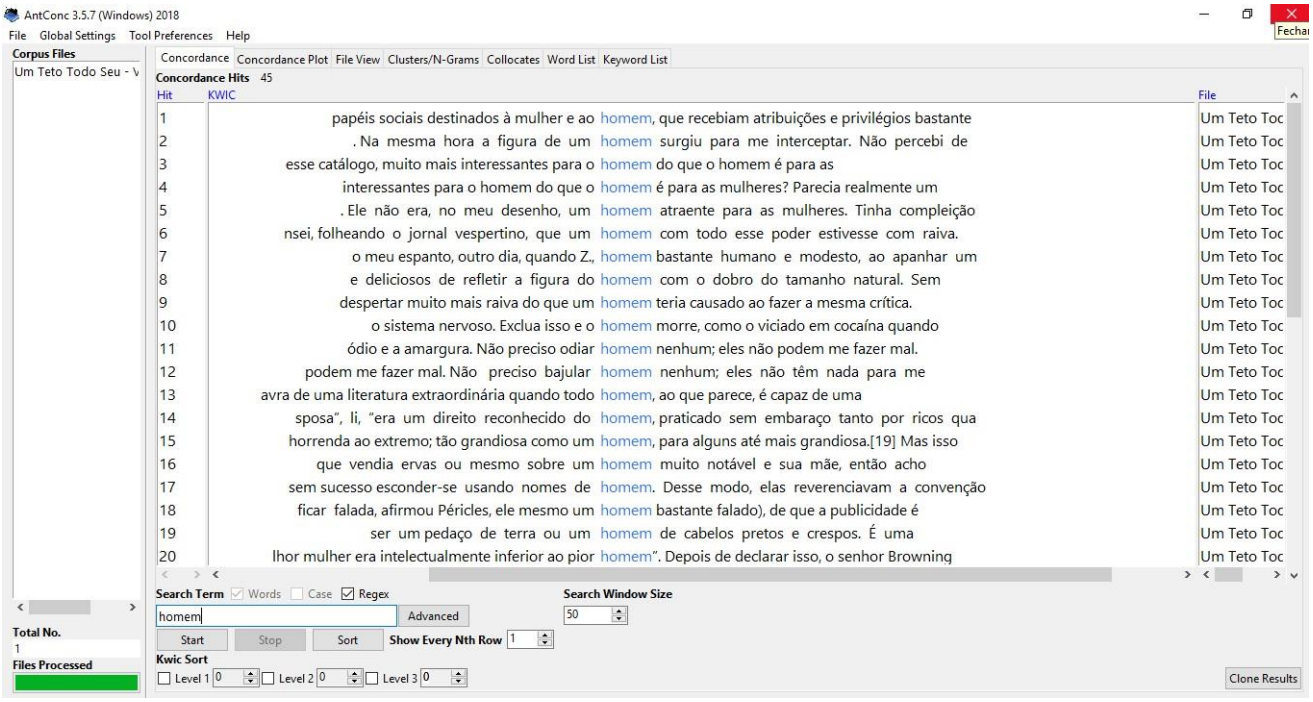


Imagem 19 - termo "homem" pesquisado na ferramenta *Concordance*, corpus de 2014.

Ao continuarmos a nossa leitura comparativa entre os resultados de nossas análise, foi possível perceber que a tradução de 2014 apresenta, nessas frases em particular, uma linguagem mais generalista em relação ao homem. É possível observarmos isso no exemplo 12, em que, ao contrário dos dois corpora anteriores, a tradutora não se referencia a apenas um homem, mas sim a um grupo na frase “não preciso bajular homem nenhum; ele não tem nada para me (...)”. Além disso, podemos ver isso também no exemplo 11, quando a tradutora faz uso da mesma lógica ao traduzir a frase “não preciso odiar homem nenhum; eles não podem me fazer mal.”. Ao utilizar a unidade lexical “homem” como parte de um conjunto nessas frases em particular, a tradutora pode estar refletindo uma visão mais contemporânea em relação à visão feminista de homens como parte de um conjunto, refletindo a ideia do patriarcado como grupo que propaga o machismo.

O uso da unidade lexical “homem” se assemelha aos corpora anteriores, visto que o termo continua sendo usado para descrição de uma figura em particular ou um grupo como um todo. A diferença principal no corpus de 2014 é que a ideia de grupo é mais evidente, como já exemplificamos nos exemplos 11 e 12. Além disso, existem resultados que nos fazem argumentar que a tradução de 2014 se mostra mais incisiva, mais direta em alguns pontos, no que se refere ao lugar do homem na sociedade e, por extensão, na obra. Um exemplo que nos faz observar isso é o exemplo 10, no qual a tradutora escreve “exclua isso e o homem morre”, enquanto que na tradução de 1985 e no original em inglês são usadas as frases “pode morrer” ou “may die”, mostrando como a tradução de 2014 pode ser mais assertiva ou ter uma visão mais definida em certos pontos.

Síntese da análise quantitativa

Ao longo das últimas seções, nós utilizamos as funcionalidades *Word List*, *Collocates* e *Concordance* do programa *Antconc* para realizar uma análise quantitativa comparativa de três corpora diferentes, sendo um da obra original de Virginia Woolf, outro da primeira tradução para o português brasileiro de “Um teto todo seu”, de 1985, e o terceiro, da tradução mais recente, de 2014.

Iniciamos a nossa análise pela ferramenta *Word List*, que através de seus resultados nos mostrou como as obras traduzidas são mais longas que a obra original em inglês, por meio dos respectivos números de *types* e *tokens*. Apesar de tal fato ser esperado em textos traduzidos, o uso da ferramenta nos possibilitou a comprovação desse fato. Além disso, essa ferramenta nos deu indícios de que a tradução de 2014 é mais longa do que as outras duas obras, a original e a tradução de 1985. Também foi possível comprovar o maior foco da obra nas mulheres como de fato a nossa hipótese já previa, visto que houve maior ocorrência dos termos “mulher/mulheres nas traduções e “*woman*/women” na obra original, comparativamente às unidades lexicais “man”/”men”..

Em seguida, demos continuação a nossa análise através da ferramenta *collocates*, por meio da qual procuramos mapear o valor semântico dos termos que estavam conectados, isto é, “colocados” com as palavras “*man*”, “homem”, “*woman*” e “mulher”. Com os resultados que obtivemos, foi possível compreender que, em sua

maioria, tais termos estavam ligados a verbos, entretanto, na obra de 2014, foi possível perceber uma maior quantidade de verbos que possuíam uma carga que demonstrava maior protagonismo por parte das mulheres mencionadas na obra, como “atuarem” e “votassem”. Os termos que designavam indivíduos masculinos possuíam uma carga semântica mais negativa nas traduções do que na obra original, que de maneira curiosa, possuía termos com carga semântica neutra, ou até mesmo, positiva em sua maioria. Já os termos que designavam o indivíduo feminino possuíam carga semântica mais neutra, mas ainda assim, havia alguns termos com carga semântica negativa ligados a eles. A diferença reside principalmente na posição em que os termos de carga semântica negativa apareciam no *ranking* das palavras. Na tradução de 1985, por exemplo, termos com carga semântica negativa apareciam em posições mais altas, enquanto que no corpus referente à tradução de 2014 os termos com tal carga apareciam em posições mais baixas e com menos destaque.

Por fim, utilizamos a ferramenta C*oncordance* para analisarmos a forma como os elementos feminino e masculino são representados em cada um dos corpora. A conclusão que chegamos foi de que ambos os elementos, masculino e feminino, foram utilizados, em sua maioria, para designar um conjunto de indivíduos ou um grupo de determinado sexo. Entretanto, foi possível perceber que houve um aumento na utilização dos termos (“*man*”, “homem”, “*woman*”, “mulher”) nas traduções, principalmente na de 2014, que mostrou uma maior quantidade das unidades lexicais “mulher” (363) e “homem” (45), uma diferença numérica muito grande entre a obra original em inglês e a tradução de 1985.

Na próxima seção iremos iniciar a nossa análise qualitativa. Faremos isso por meio da seleção e discussão mais aprofundada de alguns excertos – retirados da obra original *“A room of one’s own*” e das traduções “Um teto todo seu”, de 1985 e 2014 – que foram selecionados de modo aleatório ao longo dos respectivos volumes – original e tradução -formando, assim, um corpus paralelo comparável de excertos e aprofundaremos nossa discussão a partir disso.

Análise qualitativa de excertos da obra e suas traduções

Após discutirmos os dados obtidos em nossa análise quantitativa feita na seção anterior, daremos continuidade ao nosso trabalho por meio de uma análise qualitativa. Através de uma leitura comparativa das obras – original em inglês, datada de 1929, da tradução de “Um teto todo seu” de 1985, e da tradução contemporânea de 2014 – extraímos 36 excertos de cada uma delas aleatoriamente, totalizando, portanto, 108 excertos retirados das obras. Nossa análise qualitativa será feita através da leitura e interpretação de alguns excertos dentro desses 108 selecionados , com base nas estratégias tradutórias propostas por Baker (1996), quais sejam, simplificação, explicitação, normalização e nivelamento.

Vamos desenvolver a nossa análise com base nos excertos abaixo. Este primeiro excerto já foi abordado anteriormente, na seção de análise quantitativa, quando discutimos os dados obtidos através de uma das ferramentas do programa *Antconc* em que tal linha de concordância foi abordada. Discutiremos, agora, essa ocorrência em um contexto mais amplo:

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
All I could do was to offer you an opinion upon one minor point—a woman must have money and a room of her own if she is to write fiction; and that, as you will see, leaves the great problem of the true nature of woman and the true nature of fiction unsolved. (p. 4).	Tudo o que poderia fazer seria oferecer lhes uma opinião acerca de um aspecto insignificante: a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção; e isso, como vocês irão ver, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. (p. 8).	Tudo o que eu poderia fazer seria dar-lhes a minha opinião sob um ponto de vista mais singelo: uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. (p. 10).

Quadro 2- excerto da obra original e de suas traduções.

Ao compararmos os excertos acima, a primeira característica que nos salta aos olhos é o volume textual. O excerto original se mostra menor do que suas traduções, entretanto, tal fato é esperado em textos traduzidos. Como dissemos anteriormente, há uma diferença semântica entre a tradução de 1985 e a de 2014 em se tratando da frase “*All I could do was to offer you an opinion upon one minor point”* que se

mostra relevante. Na tradução de 1985, a frase é traduzida como "(...) uma opinião acerca de um aspecto insignificante". A escolha da palavra "insignificante"[21] revela uma carga semântica depreciativa mais forte do que a expressão "*minor point*"[22] – ter pouca importância, influência ou efeito – no original em inglês, explicitando assim, a opinião de falta de importância em relação às necessidades mencionadas por Virginia Woolf em seu texto original. Na tradução de 2014 a mesma frase foi traduzida como "dar-lhes a minha opinião sob um ponto de vista mais singelo[23]", possuindo assim, uma carga semântica mais positiva, que faz o leitor interpretar que o fato citado após tal frase é simples, porém, possui importância, demonstrando uma maior proximidade ao texto woolfiano. Considerando a inserção das respectivas traduções em dois momentos distintos do polissistema cultural brasileiro, podemos argumentar ainda que tais diferenças evidenciam, também, o tratamento dado às questões femininas em face de uma sociedade que, à época de 1985, ainda tinha o elemento masculino como norteador das ações em sociedade, deixando a mulher, assim, relegada a um plano secundário ou de pouco importância. A tradução de 2014, por sua vez, remete à noção de singeleza, que embora não reflita precisamente a ideia original, também não anula o lugar feminino ali representado. Da mesma forma, as escolhas tradutórias explicitantes conferem à mulher um maior protagonismo, mais evidente na tradução de 2014.

Na continuação da frase, podemos notar outros dois traços que nos chamam atenção em cada uma das traduções. Na tradução de 1985 a tradutora adiciona o termo "mesmo", à frase "a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção". O uso do termo "mesmo" demonstra certa opinião acerca do tema, visto que essa palavra não estava presente no texto original em inglês, demonstrando, portanto, uma estratégia de explicitação por parte da tradutora, estratégia defendida por Baker (1996) como uma tendência em tornar explícito algo que se encontra apenas implícito no texto. Na tradução de 2014, há também a ocorrência da estratégia de explicitação, visto que há a adição da frase "um espaço próprio" na sentença traduzida. Tal constatação nos leva a argumentar

[21] Insignificante: que não tem valor nem importância; desprezível. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=insignificante >.

[22] *Minor*: having little importance, influence, or effect, especially when compared with other things of the same type. Disponível em: < https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/minor>.

[23] Singelo: simples; não dobrado; não composto; único. Disponível em: < https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=singelo>.

que a tradutora procurou explicitar a importância de que a mulher assuma seu espaço, sua individualidade, para produzir sua ficção.

Na próxima seleção de excertos, o que mais chamou a atenção no primeiro momento foi a escolha de palavras usadas para designar um homem em um contexto específico, o que a autora faz de forma sarcástica.

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Nor did I at first understand that the gesticulations of a curious-looking object, in a cut-away coat and evening shirt, were aimed at me. His face expressed horror and indignation. Instinct rather than reason came to my help, he was a Beadle; I was a woman. This was the turf; there was the path. Only the Fellows and Scholars are allowed here; the gravel is the place for me. (p. 6).	Nem percebi, a princípio, que os gestos daquela pessoa de aparência curiosa, de fraque e camisa engomada, eram a mim dirigidos. Seu rosto revelava horror e indignação. O instinto, mais que a razão, veio em meu auxílio: ele era um Bedel; eu era uma mulher. Aqui era o gramado; a trilha era lá.Somente os *Fellows1*e os Estudantes têm permissão de estar aqui; meu lugar é no cascalho. (p. 10).	Não percebi de pronto que as gesticulações daquele objeto curioso, de fraque e camisa formal, eram dirigidas a mim. O rosto dele expressava horror e indignação. O instinto, em vez da razão, veio me socorrer: ele era um bedel; eu era uma mulher. Aqui era o gramado; ali estava o caminho. Somente os estudantes e os professores eram admitidos aqui; o cascalho era o meu lugar. (p. 11).

Quadro 3 - excerto da obra original e de suas traduções.

Como mencionamos anteriormente, há uma descrição no início de cada um dos excertos sobre um determinado indivíduo. Na obra original em inglês, temos a frase "*Nor did I at first understand that the gesticulations of a curious-looking object* (...)". Nesse segmento, podemos ver que a autora optou por descrever o indivíduo como "objeto"[24]. Essa escolha provavelmente foi feita para demonstrar um distanciamento, ou certo desprezo em relação a tal homem. Na tradução de 1985, houve um apagamento em tal tradução, por meio da substituição pela palavra "pessoa". Tal substituição se mostra problemática, haja visto que o termo "pessoa" – definido como indivíduo considerado por si mesmo; ser humano, criatura – não possui a mesma carga semântica do termo "objeto" havendo, portanto, um apagamento do desprezo expresso pela autora no original e, consequentemente, um abrandamento

[24] Objeto: coisa material que pode ser percebida pelos sentidos. Disponível em: < https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=objeto>.

no texto por parte da tradutora; o que não ocorreu na tradução de 2014, na qual o termo “objeto” foi mantido, assim como, defendemos, a intenção original da autora.

Outro termo que nos chamou atenção foi “engomada” na tradução de 1985, que na tradução de 2014 foi traduzido como “formal”. Portanto, a tradução de 1985 demonstrou também uma certa tendência à simplificação (BAKER, 1996), visto que tal termo é mais próximo da oralidade.

As escolhas tradutórias encontradas na tradução de 1985 corroboram nossa argumentação de que houve uma relação de confronto em relação ao texto original, visto que a tradutora escolheu a não reprodução da visão de Virginia Woolf em relação ao homem descrito. Em vez disso, a tradutora optou por fazer o contrário, atenuar a descrição objetificadora do indivíduo masculino. Tal escolha evidencia, a nosso ver, o momento sócio-histórico da tradução, inserida no polissistema cultural do Brasil dos anos 80, em franco processo de abertura politica, que atingia também os demais subsistemas, mas que marcava, de modo subjacente, referências ao papel centralizador que a figura masculina ainda desempenhava nas relaçoes sociais.

As ocorrências que mais chamaram atenção nos próximos excertos que selecionamos para serem analisados são relacionadas ao agente da ação nas frases traduzidas e a presença do gênero[25] evidenciadas nas escolhas tradutórias que serão discutidas a seguir:

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Now if she had gone into business; had become a manufacturer of artificial silk or a magnate on the Stock Exchange; if she had left two or three hundred thousand pounds to Fernham, we could have been sitting at our ease to-night and the subject of our talk might have been archaeology, botany, anthropology, physics, the nature of the	Agora, se ela tivesse entrado no mundo dos negócios; se tivesse se tornado fabricante de seda artificial ou magnata da Bolsa de Valores; se tivesse deixado duzentas ou trezentas mil libras para Fernham, poderíamos ter nos sentado à vontade essa noite e talvez o assunto de nossa conversa tivesse sido arqueologia,	Agora, se ela tivesse montado um negócio próprio; se tivesse se tornado uma fabricante de seda artificial ou uma magnata na bolsa de valores; se tivesse deixado duzentas ou trezentas mil libras para Fernham, nós poderíamos estar sentadas à vontade nesta noite, e o assunto da conversa poderia ter sido arqueologia,

[25] Entende-se gênero nesse ponto como categoria das línguas que distingue classes de palavras a partir de contrastes como masculino/feminino/neutro.

atom, mathematics, astronomy, relativity, geography. (p. 18).	botânica, antropologia, física, a natureza do átomo, matemática,astronomia, a relatividade ou geografia. (p. 28).	botânica, antropologia,física, a natureza do átomo, matemática, astronomia, relatividade, geografia. (p. 21).

Quadro 4 - excerto da obra original e de suas traduções.

Como podemos ver, o segmento da obra original "*Now if she had gone into business* (…)" foi traduzida de maneira distinta em cada uma das traduções. Na tradução de 1985, a frase foi traduzida como "se ela tivesse entrado no mundo dos negócios". Em contrapartida, na tradução de 2014, a mesma frase foi traduzida como "se ela tivesse montado um negócio próprio". Ao compararmos essas traduções podemos perceber que na primeira houve um efeito menos protagonizante por parte da mulher, enquanto que a de 2014 demonstra um maior protagonismo, um maior poder de ação e de escolha, colocando a mulher como chefe, e, portanto, agente de poder.

Outra ocorrência que nos chamou atenção foi o segmento posterior ao termo Fernham. Na tradução de 1985 a tradutora traduziu praticamente de forma literal do inglês a frase "poderíamos ter nos sentado", ao passo que a edição de 2014 optou por traduzir por "nós poderíamos estar sentadas", demarcando intencionalmente o gênero feminino, enquanto que na obra original e na obra de 85 a questão do gênero é compreendida contextualmente, estando, assim, implícita. Essa explicitação por parte da tradução de 2014 talvez tenha ocorrido em decorrência de a tradutora optar por marcar mais o gênero feminino, e as mulheres em termos de coletividade, de maneira a dar mais destaque e enfatizar a posição dessas na obra.

Já nos excertos seguintes, daremos continuidade à nossa análise com o foco nas escolhas lexicais de cada segmento em particular em cada um dos textos.

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Here is Pope: Most women have no character at all. And here is La Bruyère: Les femmes sont extrêmes, ells sont meilleures oupires que les hommes—— a direct contradiction by	Ouçamos Pope: "A maioria das mulheres não tem absolutamente caráter algum". E La Bruyère: "As mulheres são extremadas; elas são melhores	Veja-se Pope: "A maioria das mulheres não tem nenhum caráter". E La Bruyère: "As mulheres são o extremo: elas são melhores ou piores do que os homens", uma contradição clara entre

keen observers who were contemporary. Are they capable of education or incapable? Napoleon thought them incapable. Dr Johnson thought the opposite2. Have they souls or have they not souls? Some savages say they have none. Others, on the contrary, maintain that women are half divine and worship them on that account3. Some sages hold that they are shallower in the brain; others that they are deeper in the consciousness. Goethe honoured them; Mussolini Despises them. Wherever one looked men thought about women and thought differently. (p. 25).	ou piores que os homens..." Uma contradição direta, segundo os observadores agudos que lhes foram contemporâneos. São elas capazes ou incapazes de se instruir? Napoleão as considerava incapazes. O dr. Johnson pensava o oposto. Elas têm ou não têm alma? Alguns selvagens afirmam que não. Outros, ao contrário, sustentam que as mulheres são semi divinas e adoram-nas em função disso. Alguns sábios asseguram que elas são mais vazias de cabeça; outros, que *têm* uma consciência mais profunda. Goethe exaltou-as; Mussolini despreza-as. Para onde quer que se olhasse, os homens pensavam nas mulheres, e pensavam diferentemente. (p. 38).	dois observadores mordazes que eram contemporâneos. Elas são capazes de aprender ou incapazes? Napoleão achava que eram incapazes. O doutor Johnson pensava o contrário. Teriam alma ou não? Alguns selvagens dizem que elas não têm. Outros, por outro lado, afirmam que as mulheres são metade divinas e as idolatram por isso. Alguns sábios declaram que o cérebro delas é mais superficial; outros, que sua consciência é mais profunda. Goethe as honrava; Mussolini as desprezava. Para onde se olhasse, os homens pensavam sobre as mulheres, e pensavam diversamente. (p. 26).

Quadro 5 - excerto da obra original e de suas traduções.

No trecho original, Virginia descreve falas ditas por dois indivíduos e as questiona, por serem de natureza pejorativa. Em seguida ela começa a questionar o pensamento de Napoleão e posteriormente o do Dr. Johnson. Embora todo o excerto apresente marcas da contextualização das respectivas traduções, iremos nos deter nos segmentos que nos interessa analisar, como podemos ver no original em inglês "*Others, on the contrary, maintain that women are half divine and worship them on that account*". Em "Um teto todo seu", na edição de 1985, tal frase foi traduzida como "outros ao contrário sustentam que as mulheres são semi divinas e adoram-nas em função disso". Portanto, o termo "adoram" foi utilizado como tradução de "Workship" [26] – que significa ter ou mostrar um forte sentimento de respeito e admiração por Deus ou um deus. Entretanto a palavra "adoram" (gostar muito de (algo); ter grande predileção por) possui uma carga semântica que expressa afeição a algum objeto e não propriamente a afeição esperada para os

[26] Workship: to have or show a strong feeling of respect and admiration for God or a god. Disponível em: < https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/worship>.

seres que, como autora descreve, são quase divinos, demonstrando, portanto, uma escolha lexical mais suavizada do que no texto original. Na tradução de 2014, o termo foi traduzido como “idolatram” (adorar ídolos; cultuar com idolatria), sendo mais compreensível tal escolha visto que tal termo estava relacionado com a palavra divindade, demonstrando maior fidelidade à obra original. Nesse mesmo excerto, há outro segmento que se refere à forma como Goethe se referiu às mulheres. Na tradução de 1985, a escolha tradutória foi pelo termo “exaltar” (pôr em ponto elevado; erguer, levantar), enquanto que na de 2014, foi pelo termo “honrar” (conferir honras a, dar crédito ou merecimento a), que foi também a opção da autora da obra original. Mais uma vez, a tradução mais contemporânea se alinha ao original, atribuindo à mulher um lugar de maior destaque que na tradução de 1985, em que tal representação ainda carece de “exaltação” . Em termos semânticos, podemos argumentar, então, que a estratégia de normalização proposta por Baker (1996), em que determinadas características do texto alvo são potencializadas nas traduções, ou mesmo exageradas, pode ser observada com mais freqüência na tradução de 1985, em que há uma compressão do sistema linguístico alvo sobre o sistema fonte, descaracterizando, por vezes, o tom feminista que a obra pretende difundir.

Na tradução da sentença “men thought about women and thought differently” ocorreram divergências nas traduções também. Na tradução de 1985, a frase foi traduzida como “os homens pensavam nas mulheres”, ocultando o termo “about”, presente no original em inglês. Essa sentença corrobora o argumento anterior de que a tradutora tratava as mulheres como “objetos de afeição” em seu texto, que mesmo designadas como semi divinas, ainda eram vistas como objetos de afeição. Ao contrário, a tradução de 2014 traduziu a frase como “os homens pensavam sobre as mulheres”, mantendo portanto a tradução do termo “about”, e criando assim o questionamento se os homens pensavam nas mulheres como uma categoria ou um grupo com características próprias, pois tal tradução nos faz inferir que talvez sim. Por fim, podemos perceber que a tradução de 2014 possui um menor volume em tal excerto e a tradução de 1985 possui uma linguagem mais rebuscada, com a presença de ênclise de forma constante. Argumentamos, ainda, que o uso da ênclise é um recurso sintático bem representativo na tradução de 1985, tornando-se, mais uma vez, uma estratégia de normalização , conforme defendido por Baker

(1996), no sentido de potencializar tal recurso estilístico característico da língua alvo, que foi usado com bem menos freqüência na tradução de 2014.

A seguir analisaremos um outro conjunto de excertos mais longos, igualmente relevantes para o propósito analítico aqui delineado:

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Does it explain my astonishment of the other day when Z, most humane, most modest of men, taking up some book by Rebecca West and reading a passage in it, exclaimed, 'The arrant feminist! She says that men are snobs!' The exclamation, to me so surprising—for why was Miss West an arrant feminist for making a possibly true if uncomplimentary statement about the other sex?—was not merely the cry of wounded vanity; it was a protest against some infringement of his power to believe in himself. (p. 30).	Será que explica meu assombro do outro dia, quando Z, um sujeito extremamente humano, o mais despretensioso dos homens, pegando um livro de Rebecca West e lendo-lhe um trecho, exclamou: "Essa rematada feminista! Ela diz que os homens são esnobes!"? A exclamação, para mim tão surpreendente — pois por que seria a srta. West uma rematada feminista, por fazer uma afirmação possivelmente verdadeira, se bem que pouco elogiosa, sobre o sexo oposto? —, não era simplesmente o brado da vaidade ferida: era um protesto contra alguma violação de seu poder de acreditar em si mesmo. (p. 45).	Explica o meu espanto, outro dia, quando Z., homem bastante humano e modesto, ao apanhar um livro escrito por Rebecca West e ler um trecho, exclamou: "É uma feminista completa! Diz que os homens são uns esnobes!".A exclamação, tão surpreendente para mim – pois, por que a senhorita West era uma feminista completa ao fazer uma afirmação possivelmente verdadeira, ainda que descortês, sobre o outro sexo? –, não era só o brado da vaidade ferida; era um protesto contra a violação do poder de acreditar em si mesmo. (p. 30).

Quadro 6 - excerto da obra original e de suas traduções.

Nos excertos selecionados acima, podemos notar que houve uma atenuação da carga semântica dos termos que se referem ao gênero masculino na frase "homem bastante humano e modesto", da tradução de 2014, referente a frase da obra original "most humane, most modest of men". Já na edição de 1985 de "Um teto todo seu", a mesma frase foi traduzida como "um sujeito extremamente humano, o mais despretensioso dos homens", demonstrando um valor semântico mais marcado para o elemento masculino em decorrência do uso de "extremamente". Portanto, podemos ver que na tradução de 1985 houve uma tendência de exaltação maior ao sujeito masculino, enquanto que na tradução de 2014 houve uma atenuação do

elogio feito a determinado homem, o que, argumentamos, nos parece mais próximo ao tom pretendido na obra original.

Outro fato que podemos ver nesse excerto, e conforme já apontamos anteriormente, referentes à tradução de 1985 é o uso de uma linguagem mais rebuscada. Temos alguns exemplos particulares nesse trecho que selecionamos, como o uso de ênclise como “lendo-lhe”, que pudemos notar ao longo de todo o texto dessa tradução, e de termos que podem ser considerados datados, até mesmo para a época que o texto foi publicado, como “rematada” (a que se pôs remate, refinada). Inclusive, tal termo tem uma conotação que poderia ser interpretada como sexista, pois tal termo faz alusão à costura, o que no contexto em que foi inserido, demonstra uma explicitação por parte da tradutora.

Na tradução de 2014, podemos notar particularidades também, como um tom mais crítico, especialmente no trecho que selecionamos acima. É possível notar isso através da frase que diz que “os homens são uns esnobes”, no uso do termo “uns”, que torna a tradução mais depreciativa do que a tradução de 1985, visto que nessa, a frase foi traduzida como “os homens são esnobes”, em tom mais generalizante e, dessa forma, mais neutro. Além disso, no mesmo excerto temos o uso do termo traduzido “pouco elogiosa”.

Por fim, nos deparamos com a tradução referente ao segmento “it was a protest against some infringement of his power to believe in himself”, que em cada uma das traduções teve uma abordagem tradutória diferente. Na tradução de 1985, por exemplo, a tradutora optou por traduzir a frase como “era um protesto contra alguma violação”. Essa tradução demonstra que a questão que estava sendo protestada ainda estava em processo, parece demonstrar dúvida por parte da tradutora, ou uma visão que reflete pouca especificidade acerca da natureza de tal protesto. Já na tradução de 2014 houve a opção por parte da tradutora por traduzir a mesma frase por “era um protesto contra a violação do poder”, o que demonstra mais certeza por parte da tradutora acerca do tipo de violação que foi precisamente delineado em seu texto.

No próximo excerto, exploramos a questão da violência doméstica e a abordagem que esta recebeu na tradução de 1985 e na tradução de 2014:

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Indeed, if woman had no existence save in the fiction written by men, one would imagine her a person of the utmost importance; very various; heroic and mean; splendid and sordid; infinitely beautiful and hideous in the extreme; as great as a man, some think even greater4. But this is woman in fiction. In fact, as Professor Trevelyan points out, she was locked up, beaten and flung about the room. (p.36).	De fato, se a mulher só existisse na ficção escrita pelos homens, poderíamos imaginá-la como uma pessoa da maior importância: muito versátil; heróica e mesquinha; admirável e sórdida; infinitamente bela e medonha ao extremo; tão grande quanto o homem e até maior, para alguns1. Mas isso é a mulher na ficção. Na realidade, como assinala o professor Trevelyan, ela era trancafiada, surrada e atirada no quarto. (p.55).	De fato, se a mulher não existisse a não ser na ficção escrita por homens, era de se imaginar que ela fosse uma pessoa da maior importância; muito variada; heróica e cruel, esplêndida e sórdida; infinitamente bela e horrenda ao extremo; tão grandiosa como um homem, para alguns até mais grandiosa. Mas isso é a mulher na ficção. Na vida real, como o professor Trevelyan apontou, ela era trancada, espancada e jogada de um lado para outro. (p. 35).

Quadro 7 - excerto da obra original e de suas traduções.

Na última frase de cada uma das traduções há a descrição de uma mulher sofrendo violência doméstica, entretanto, em cada uma delas houve uma escolha tradutória e uma abordagem diferenciada. Na produção de 1985, podemos notar a frase “ela era trancafiada, surrada e atirada no quarto.”, o que demonstra uma violência mais pontual, sendo circunstanciada até mesmo pela opção de traduzir “*room”* como “quarto”, parecendo assim que tais agressões só aconteciam neste ambiente, “entre quatro paredes”, relegando o ato ao ambiente doméstico e a mulher ao isolamento, ou “trancafiamento”. Já na tradução de 2014, a mesma frase foi traduzida como “ela era trancada, espancada e jogada de um lado para o outro.”. Nessa última tradução podemos perceber que o grau de violência está mais evidenciado semanticamente, isso se dá provavelmente porque social e culturalmente hoje em dia temos mais Informação sobre o assunto e sabemos de sua frequência e abrangência, visto que após a Lei Maria da Penha a violência contra mulher hoje é mais frequentemente abordada e mais dialogada em nosso cotidiano, por isso mesmo a linguagem de 2014 parece falar mais abertamente sobre tal ação. Assim, podemos argumentar mais uma vez, que a moldura sociocultural de cada das traduções impõem às respectivas tradutoras, mesmo que insconscientemente, valores que se refletem em suas escolhas, marcando espaço temporalmente essas reescrituras.

Já nos excertos seguintes, o que nos mostrou ser mais relevante foi o último segmento de cada um de excertos selecionados.

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
The indifference of the world which Keats and Flaubert and other men of genius have found so hard to bear was in her case not indifference but hostility. The world did not say to her as it said to them, Write if you choose; it makes no difference to me. The world said with a guffaw, Write? What's the good of your writing? (p. 44).	A indiferença do mundo, que Keats e Flaubert e outros homens de gênio tiveram tanta dificuldade de suportar, não era, no caso da mulher, indiferença, mas, sim, hostilidade. O mundo não lhe dizia, como a eles: "Escreva, se quiser; não faz nenhuma diferença para mim". O mundo dizia numa gargalhada: "Escrever? E que há de bom no fato de você escrever?" (p. 66).	A indiferença do mundo, que Keats, Flaubert e outros homens geniais achavam tão difícil de suportar, não era, no caso dela, indiferença, mas hostilidade. O mundo não dizia a ela, como dizia a eles: “Escreva se quiser, não faz diferença para mim”. O mundo dizia, gargalhando: “Escrever? O que há de bom na sua escrita?” (p. 40).

Quadro 8 - excerto da obra original e de suas traduções.

Ao interpretarmos a frase em inglês, “*The world said with a guffaw, Write? What's the good of your writing?”*, compreendemos que a autora observa o resto do mundo questionar, em meio a uma gargalhada, com um tom irônico, o que haveria de bom na escrita de uma autora. Tal interpretação se mostrou presente na tradução de 2014, na qual a mesma frase foi traduzida como “O mundo dizia, gargalhando: “Escrever? O que há de bom na sua escrita?”. Contudo, na tradução de 1985, a frase foi traduzida como “O mundo dizia numa gargalhada: "Escrever? E que há de bom no fato de você escrever?". Essa última tradução não pressupõe que haja algo de bom no fato dessa mulher escrever, ou que essa esteja apta a escrever, há um maior foco na ação de escrever, enquanto que no texto original e na tradução de 2014, o foco da crítica é voltado para o produto escrito. Assim, considerando a moldura espaço temporal de cada uma das traduções, a de 1985, coloca em cheque, ainda, o protagonismo feminino, tomado aqui com a perspectiva ou possibilidade de produzir literatura. Na de 2014, porém, tal perspectiva já e tomada como licenciada e efetivada, visto que não se questiona o ato, mas o produto. Embora ambas sejam sexistas no seu teor, elas fornecem, nas escolhas tradutórias, evidências de um processo de agentividade e de protagonismo social que percorreu longas etapas. É importante observar, ainda, que o texto original deixa tal

interpretação implícita,visto que a estrutura sintática em –ING pode referir-se ao processo ou ao produto. Sendo assim, ambas as tradutoras lançam mão, mais uma vez, da estratégia de explicitação (BAKER, 1996), mas com efeitos distintos, informadas pela moldura sociocultural de suas reescrituras.

Finalmente, analisaremos nosso último conjunto de excertos. Nesses segmentos procuraremos discutir a escolha de certos termos que foram utilizados nas traduções e sua relação com o contexto sociohistórico e cultural dessas produções:

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
If only Mrs Seton and her mother and her mother before her had learnt the great art of making money and had left their money, like their fathers and their grandfathers before them, to found fellowships and lectureships and prizes and scholarships appropriated to the use of their own sex, we might have dined very tolerably up here alone off a bird and a bottle of wine; we might have looked forward without undue confidence to a pleasant and honourable lifetime spent in the shelter of one of the liberally endowed professions. We might have been exploring or writing; mooning about the venerable places of the earth; sitting contemplative on the steps of the Parthenon, or going at ten to an office and coming home comfortably at half past four to write a little poetry. (p. 19).	Se apenas a sra.Seton e sua mãe e a mãe de sua mãe tivessem aprendido a grande arte de ganhar dinheiro e tivessem deixado seu dinheiro, como fizeram seus pais e seus avós antes deles, para instituir *fellowships*e docências- livres e prêmios e bolsas de estudo apropriadas para o uso dos membros de seu próprio sexo, poderíamos ter jantado aqui em cima, sozinhas e bem razoavelmente, uma ave e uma garrafa de vinho; poderíamos ter antecipado, sem indevida confiança, uma vida agradável e honrada no refúgio de uma das profissões generosamente beneficiadas. Poderíamos ter estado explorando ou escrevendo; vagueado pelos lugares veneráveis da Terra; sentado, contemplativas, nos degraus do Partenon, ou ido para um escritório às dez da manhã e voltado tranquilamente para casa às quatro e meia para escrever um pouco de poesia. (p. 28).	Se ao menos a senhora Seton, sua mãe e sua avó tivessem aprendido a grande arte de ganhar dinheiro e tivessem destinado o seu dinheiro, como fizeram os pais e os avôs delas, a criar bolsas para pesquisas ou palestras e prêmios e bolsas de estudos específicas para o uso de seu próprio sexo, nós poderíamos ter jantado decentemente uma ave e uma garrafa de vinho aqui em cima; poderíamos esperar, com confiança desmedida, viver uma vida agradável e honrada sob a proteção de uma dessas profissões prodigamente rentáveis. Nós poderíamos estar explorando ou escrevendo; divagando sobre os lugares mais veneráveis da terra; em contemplação, sentadas nos degraus do Pártenon ou chegando a um escritório às dez e voltando à vontade para casa às quatro e meia para escrever um pouco de poesia. (p. 21).

Quadro 9 - excerto da obra original e de suas traduções.

O primeiro termo que nos chamou a atenção foi o uso de "*fellowships*e", outra escolha estrangeirizante feita pela tradução de 1985, enquanto que na tradução de 2014 o mesmo termo foi traduzido como "bolsas", algo que poderia ser compreendido pela maioria dos leitores com facilidade. A seguir temos a tradução da frase "we might have dined very tolerably up here alone off a bird and a bottle of wine;". Na tradução de 1985 a frase foi traduzida como "poderíamos ter jantado aqui em cima, sozinhas e bem razoavelmente, uma ave e uma garrafa de vinho;", e na de 2014 como "nós poderíamos ter jantado decentemente uma ave e uma garrafa de vinho aqui em cima;". Na primeira tradução, há a sinalização do feminino na frase, "sozinhas", que não há no original; já na tradução de 2014 temos a presença de coletivização e não da feminização, com o termo "poderíamos". Talvez a escolha tradutória feita na tradução de 2014 reflita o sentido maior de coletivo que o feminismo ao longo dos anos desenvolveu, o que não era tão exposto nos anos 80, quando a primeira tradução foi realizada.

Outros termos que também chamaram a atenção foi o uso dos termos "indevida"[27] (Contrária à razão ou aos usos e às regras; imprópria, inconveniente, injustificada) na tradução de 1985 e "desmedida" (ausência de medida; descomedimento, exorbitância, excesso), na tradução de 2014. O termo "indevida" dá uma idéia que remete a razões para a segregação que ocorria entre as mulheres e os homens nas universidades. Já "desmedida", remete à uma maior liberalização da mulher, algo que não seria medido. Por fim, temos os termos "beneficiadas" (que recebeu vantagem, benefício ou mercê) e "rentáveis" (que produz rendimento satisfatório), utilizados nas traduções de 1985 e 2014, respectivamente. Enquanto o primeiro termo remete à benefício, uma idéia de favor ou auxílio que é expressado na tradução de 1985, na tradução de 2014, há a idéia de rentabilidade, de valor de mercado, ou seja, uma tradução que foi bem empregada, visto que a autora falava de empregos em que as mulheres teriam igualdade econômica com os homens, o que é um direito, e não um benefício.

[27] Dicio:dicionário online de Português. Disponível em: < https://www.dicio.com.br/>.

Síntese da análise qualitativa

Ao realizarmos a análise qualitativa ao longo da última seção, obtivemos resultados que convergem em alguns aspectos com os dados anteriormente analisados, na abordagem quantitativa dos mesmos. No que tange à linguagem, a tradução de 1985 se mostrou mais normalizadora (BAKER, 1996), na medida em que, sintática e lexicalmente, se apoiou mais frequentemente no sistema lingüístico alvo. Assim, é possível afirmar que essa tradução também apresentou uma linguagem mais rebuscada e formal, com uso frequente de ênclise e anteposição de adjetivos ou mesmo uso de inversões de constituintes da oração. Em se tratando de carga semântica, podemos afirmar que a tradução de 1985 possui uma carga mais forte e negativa, principalmente em se tratando de segmentos descritivos e argumentativos apresentados pela autora. Em se tratando da descrição de mulheres, essa tradução as retrata de forma mais reprimida, abordando de elogios e demandas que essas fazem, as retrata de forma mais passiva e menos protagonizante. Os homens, entretanto, são retratados de maneira mais “gentil” que no original, principalmente quando há alguma crítica direta, ocorrendo quase sempre a ação de atenuação de tais segmentos em que o teor é avaliativo ou mesmo depreciativo.

A tradução de 2014, por sua vez, possui uma linguagem mais acessível ao leitor, com menos floreios, mais direta, com uma sintaxe de menor complexidade, chegando, até mesmo, a ter trechos que a sua sintaxe se aproxime da oralidade. Ao que permeia o tom crítico da obra original, podemos afirmar que houve a preservação de tal tom nessa tradução, porém, em alguns momentos, o tom crítico foi mais acentuado no texto traduzido. A descrição das mulheres no texto de 2014 é permeada pela coletividade, havendo em vários momentos a compreensão da mulher como um grupo, um coletivo. Além disso, as mulheres são descritas de forma mais protagonizante e mais incisiva. Os homens, ao contrário, são tratados com um tom mais crítico e fiel ao original em inglês, havendo até mesmo, atenuação na linguagem quando esses são elogiados.

No que diz respeito às estratégias tradutórias propostas por de Mona Baker (1996) foi possível observar a ocorrência de três das quatro estratégias defendidas pela autora. A estratégia de simplificação foi observada em alguns excertos que selecionamos, mas foi mais recorrente na tradução de 2014. Já a

estratégia de explicitação, foi percebida em ambas as traduções. A estratégia de normalização, isto é, de aproximação ao sistema alvo, seja de que natureza for, foi mais expressiva na tradução de 1985, ao ponto de "normativizar" ou mesmo "deformar" aspectos característicos da obra, que pretende defender para a mulher um lugar de maior protagonismo na sociedade. Como a estratégia de nivelamento prevê a relação entre textos individuais de um corpus traduzido em comparação com textos individuais de um corpus original em uma dada língua, não foi possível atestar tal estratégia nesse trabalho, embora os achados aqui apresentados possam, e devam, ser discutidos á luz de um corpus de referência em língua portuguesa, principalmente com relação a termos que se mostram culturalmente marcados e compreendidos no âmbito da moldura espaço temporal em que se deram as respectivas reescrituras.

Na próxima seção iremos rever os resultados que obtivemos ao longo de nossas análises e apresentaremos as considerações finais que as embarque.

Considerações finais

Neste trabalho nos propusemos a analisar as traduções da obra “A Room of One’s Own” (1929), escrita por Virginia Woolf, para o português brasileiro. Tal obra foi traduzida com o título “Um Teto Todo Seu”, e teve sua primeira tradução realizada por Vera Ribeiro em 1985, e posteriormente, por Bia Nunes de Souza e Glauco Mattoso – que traduziu apenas os poemas presentes na obra – em 2014.

Nosso intuito foi o de examinar as traduções realizadas e procurar qual o tratamento que cada uma delas deu ao discurso feminista e a representação da mulher presentes na obra original. Para tal, realizamos uma leitura comparativa entre os três textos, aplicando a eles as ferramentas da Linguística de Corpus (Baker, 1996; Berber Sardinha, 2000; Tagnin, 2002), a saber: *Wordlist*, *Collocates* e *Concordance*, do programa *AntConc* (ANTHONY, 2018) para fins de uma análise quantitativa. Em um segundo momento e de modo aleatório, selecionamos excertos alo longo das obras, o que nos retornou 36 dados em cada volume, totalizando 108 dados no total, que foram qualitativamente analisados e comparados, utilizando-se as estratégias tradutórias propostas por Baker (1996), a saber; simplificação, explicitação, normalização e nivelamento. Esses excertos foram analisados, ainda, levando em consideração a Teoria Dos Polissistemas, de Even-Zohar (1990), e os conceitos de manipulação, reescritura e patronagem, de Lefevere (2007).

Tendo em vista tal objetivo, no primeiro capítulo realizamos uma contextualização histórica sobre a situação da mulher ao longo dos anos, no Brasil e em outros países. Aprofundamos-nos no surgimento do movimento feminista, detalhando cada uma das chamadas “ondas” desse movimento, procurando listar suas principais características, reivindicações e conquistas, além do contexto que as permeava. Nesse mesmo capítulo, consideramos relevante também diferenciar literatura feminina de literatura feminista, procurando sinalizar as características de cada uma delas e suas contribuições. Assim, tal capítulo teve como principal objetivo realizar uma contextualização histórica do movimento feminista e do cenário que permeava cada uma das tradutoras quando as traduções foram realizadas, assim como contextualizar a produção literária de Virginia Woolf dentro da história e do próprio movimento das mulheres.

No segundo capítulo, abordamos os conceitos da Teoria dos Polissistemas, de Even-Zohar (1990), e de Lefevere (2007), sobre reescritura, patronagem e manipulação. Tais conceitos foram discutidos à luz da produção, tradução e recepção da literatura feminista no mundo e no Brasil, para que fosse possível realizarmos uma leitura crítica sobre tais textos no capítulo de análise.

No terceiro capítulo, retomamos os conceitos de Even-Zohar (1990), Lefevere (2006) e apresentamos a proposta de estratégias ou tendências tradutórias propostas por Baker (1996), em um viés com a Línguística de Corpus

Baker, 1996; Berber Sardinha, 2000, 2004; Tagnin, 2002). Realizamos primeiramente uma análise quantitativa e posteriormente, uma análise qualitativa. Nessa primeira análise, analisamos os três corpora por meio do programa *Antconc*: o livro original *A room of one's own* e as duas traduções, a de 1985 e a de 2014. Nesse programa, utilizamos as ferramentas *Word List, Collocates* e *Concordance* para analisarmos a freqüência de palavras mais comuns em cada um dos textos, as palavras que estavam mais frequentemente "colocadas" com cada um dos termos pesquisados e o contexto em que cada um desses termos estavam inseridos, respectivamente. Os termos que pesquisamos foram "*woman", "man",* homem e mulher e suas variações, para que pudéssemos compreender como cada um dos termos foi utilizado e retratado em cada um dos corpora.

Podemos dizer que nas duas traduções houve o uso de tal estratégia, porém, a tradução de 2014 parece que a utilizou mais, visto que seu volume é maior. De forma geral, foi possível perceber muitas similaridades entre os textos traduzidos, apesar de algumas escolhas tradutórias divergirem. Porém, como tal estratégia prevê também a comparação com um corpus de referência, que se encontrava fora do escopo de nossa pesquisa, optamos por não nos determos em tal estratégia.

Ao confrontarmos os resultados da nossa análise quantitativa, foi possível perceber que as traduções possuem um maior volume textual que a obra em original em inglês, o que já era esperado, visto que tal fato se mostra comum em meio aos textos traduzidos. Ademais, as traduções mostraram uma maior frequência de ocorrências de verbos ligados aos termos home/mulher, enquanto que no texto original vimos uma maior frequência de adjetivos. Entretanto, na tradução de 1985 houve uma maior frequência de palavras com carga semântica negativa, principalmente ligadas à palavra "mulher". Ambas as traduções mostraram um foco bem maior na mulher dentro da obra em detrimento do elemento masculino. Com a ferramenta *Collocates*, vimos que apesar de haver uma grande quantidade de verbos conectados aos termos pesquisados, tais verbos expressavam uma maior agentividade, ou protagonismo feminino na tradução de 2014. Por fim, com a ferramenta *Concordance*, foi possível observar, pelas linhas de concordância, que os homens eram retratados, na maioria das vezes, como detentores de poder, e as mulheres eram retratadas como sujeitas a

essa soberania. Contudo, na tradução de 2014 houve maior ocorrência do termo “mulher” designando um coletivo e protagonismo.

Após reunirmos dados com a nossa pesquisa quantitativa, demos início a nossa análise qualitativa. Realizando uma leitura comparativa prévia entre a obra original em inglês e suas respectivas traduções, conseguimos reunir 108 excertos no total, e analisamos 24 excertos que julgamos como os mais representativos e relevantes, sempre levando em conta os conceitos das teorias de Eve-Zohar (1990) e Lefevere (2006) e as estratégias tradutórias propostas por Baker (1996).para realizarmos nossa leitura. Por meio da análise de 24 excertos e, foi possível certificar que de fato há uma linguagem mais formal e normalizante ao sistema alvo na tradução de 1985, de forma a impactar na mensagem feminista transmitida pela obra original, visto que o papel da mulher é comprimido pelo polissistema alvo, em seus mais diferentes aspectos. Assim, em termos de sistema linguístico, os dados também mostraram que houve uma atenuação na linguagem feminista que permeia a obra. Essa atenuação se mostrou presente nas críticas que eram feitas aos homens e ao patriarcado, assim como nos elogios feitos às mulheres na referência à violência doméstica. A tradução de 2014 se mostrou ser mais linguisticamente acessível ao público leitor, chegando a possuir trechos em que seu léxico se aproximava da oralidade, além de revelar, por suas escolhas tradutórias, uma maior abertura ao papel da mulher na sociedade atual, com maior atividade, independência e maior valor social. Além disso, a tradução de 2014 se mostrou ser mais incisiva quanto a assuntos mais delicados, como violência doméstica ou às críticas feitas na obra original, chegando, até mesmo, a acentuá-las. Essa mesma tradução retratou as mulheres mais como um grupo, um coletivo, dando uma ideia maior de corpo social.

Concluímos, portanto, que a tradução de 1985 apresentou um léxico mais formal, uma sintaxe mais complexa, que pode ser explicada pela sua contextualização temporal. Tal fato nos faz acreditar que, justamente devido a essas características, essa obra era destinada a uma elite, a um grupo mais instruído intelectualmente, visto que, em 1985, no Brasil, o público leitor ainda era relativamente restrito, se comparamos com as mídias a que a contemporaneidade tem acesso. Além disso, as escolhas lexicais presentes ao longo dessa tradução são socialmente marcadas, há a marcação, por meio das escolhas tradutórias,da posição subjugada da mulher perante o patriarcado. O sexismo (atitude de

discriminação fundamentada no sexo), ou mesmo o machismo se mostra intrínseco nas escolhas da tradutora, como foi demonstrado ao longo do presente trabalho com vários dados.

Já a tradução de 2014, a nosso ver, é um reflexo dos avanços que o feminismo e que a sociedade como um todo alcançou ao longo dos anos, visto que há uma linguagem mais politicamente correta, respeitando mais as diferenças e os sexos. Além disso, foi possível perceber que esta tradução possuía um objetivo diferente da de 1985, principalmente no tocante às escolhas lexicais. Na tradução de 2014 há um léxico menos formal, há uma sintaxe mais livre, uma escrita que, por vezes, beira a oralidade. Podemos argumentar também que isso provavelmente ocorreu devido à intenção de se comunicar diretamente com o leitor da obra e de atingir público leitor mais amplo. Além disso, essa tradução parece querer se aproximar daquele que seria um discurso feito por Virginia Woolf, de querer se assemelhar a uma palestra escrita. Além disso, essa tradução se mostrou bem menos sexista, com descrições mais respeitosas as mulheres e uma maior fidelidade as críticas feitas por Virginia Woolf na obra original. Essa também manteve uma visão das mulheres como um conjunto, como grupo, o que também pode ser visto como um reflexo dos avanços do feminismo e como hoje esse é amplamente discutido.

Portanto, por meio de nosso trabalho foi possível perceber que o meio no qual estamos inseridos, a forma como somos influenciados pelo polissistema em seus mais diferentes aspectos, acaba por influenciar diretamente o nosso discurso, seja ele oral ou escrito. Afinal, até mesmo a tradução de um livro com ideologia feminista por um lado sofreu com o machismo intrínseco em nossa sociedade e, por outro, foi influenciado pelos avanços e pela popularidade que o movimento feminista adquiriu na atualidade, revelando, assim, em suas respectivas reescrituras, diferentes graus de manipulação, possivelmente informados por distintas estruturas de patronagem implícitas ao polissistema cultural de suas respectivas épocas de produção.

Diante da importância do movimento das mulheres e da literatura de Virginia Woolf, esperamos que nosso trabalho tenha contribuído para os estudos literários e para os estudos da tradução, ao demonstrar como um período sócio histórico e o contexto no qual as pessoas se encontram inseridas podem influenciar tradutores e autores, mesmo que esses não percebam.

REFERÊNCIAS

ANTHONY, L. *AntConc* (Versão 3.5.7) [Software de computador]. Tóquio, Japão: Universidade de Waseda. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/software.>. 2018.

BARBOZA, Beatriz Regina Guimarães; CASTRO, Olga. (Re) examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda?. **Tradterm**, v. 29, p. 216-250, 2017.

BIBEL, Barbara M. et al. **Feminism in literature : a Gale critical companion.** United States of America: Thomson Gale, 2005.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia et al. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Editora UEM, 2009.

BUCKINGHAM, Will. **O livro da filosofia**. São Paulo: Editora Globo, 2014.

Cambridge Dictionary. 2018. Disponível em: < https://dictionary.cambridge.org/pt/ >. Acesso em: 24 Out. 2018.

CARVALHO, Christian. **A Revolução Dos Bichos, De George Orwell: Tradução E Manipulação Durante A Ditadura Militar No Brasil.** UFJF, 2002.

CONSOLIM, Veronica. **A história da primeira onda feminista**. Justificando, 2017. Disponível em: < http://www.justificando.com/2017/09/14/historia-da-primeira-onda-feminista/>. Acesso em: 12 de Jun. 2018.

CONSOLIM, Veronica. **O que pede a terceira onda feminista?**. Justificando, 2017. Disponível em: < http://www.justificando.com/2017/09/15/o-que-pede-terceira-onda-feminista/>. Acesso em: 17 Jun. 2018.

CONSOLIM, Veronica. **Segunda onda feminista: desigualdade, discriminação e política das mulheres**. Justificando, 2017. Disponível em: < http://www.justificando.com/2017/09/14/segunda-onda-feminista-desigualdades-culturais-discriminacao-e-politicas-das-mulheres/>. Acesso em: 10 Ago. 2018

CONSOLIM, Veronica. **Um pouco da história de conquistas dos direitos das mulheres e do feminismo**. Justificando, 2017. Disponível em: <http://www.justificando.com/2017/09/13/um-pouco-da-historia-de-conquistas-dos-direitos-das-mulheres-e-do-feminismo/>. Acesso em: 20 Ago. 2018.

Dicio. 2018. Disponível em: < https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 24 Out. 2018.

Dicionário Google. 2018. Disponível em: < https://www.google.com.br/search?q=google+dicion%C3%A1rio&oq=google+dicion%C3%A1rio&aqs=chrome..69i57j0l5.5988j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 24 Out. 2018.

EVEN-ZOHAR, Itamar. POLYSYSTEM STUDIES. International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication, v. 11, n. 1, p. 1 -262. 1990.

EVEN-ZOHAR, Itamar. **Teoria dos Polissistemas**. Tradução de MAROZO, L. RIZZON, C; CUNHA, Y. Revista Translatio. Porto Alegre: UFRGS, v.1, n.5. 2013.

FRANCHINI, Bruna. **O que são as ondas do feminismo?**. QG Feminista, 2018. Disponível em: < https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>. Acesso em: 7 Set. 2018

FRASER, Nancy. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. **Estudos feministas**, v. 15, n. 2, p. 291, 2007.

GARCIA, Carla Cristina. Breve histórico do Movimento feminista no Brasil. 2015.

GARCIA, Carla. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Editora Claridade, 2015.

HARARI, Yuval. **Uma breve história da humanidade: Sapiens**. Porto Alegre: L&PM Editores. 2012.

HEMMINGS, Clare. Contando estórias feministas. **Estudos Feministas**, v. 17, n. 1, p. 215, 2009.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Edusc, 2007.

LEITE, Marília Dantas Tenório. **Orlandos: um olhar feminista sobre as traduções do romance de Virginia Woolf no Brasil. 126 f**. 2017. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado)-Curso de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em estudo**, v. 11, n. 3, p. 647-654, 2006.

OLIVEIRA, Maria. **Tradução & Gênero: tradutoras brasileiras das décadas de 1930 e 1940**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. **Masculino, feminino, plural. Florianópolis: Ed. Mulheres**, p. 25-37, 1998.

RIBEIRO, DJAMILA**. As Diversas Ondas Do Feminismo Acadêmico**. Carta Capital, 2014. Disponível em: < https://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/feminismo-academico-9622.html >. Acesso em: 20 Ago. 2018.

SARDINHA, Tony. **Lingüística de corpus: Histórico e problemática**. DELTA. São Paulo: PUC-SP, v. 16, n. 2, 2000.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos feministas**, p. 35-50, 2004.

SCOTT, Ana et al. **Nova História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 2016.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiler. Os Corpora: instrumentos de auto-ajuda para o tradutor. **Cadernos de tradução**, v. 1, n. 9, p. 191-219, 2002.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

WOOLF, Virginia. A Room of One's Own. 1929.

WOOLF, Virginia. Um Teto todo Seu.(tradução de Vera Ribeiro). **Rio de Janeiro: Nova Fronteira**, 1985.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Sousa, Bia; MATTOSO, Glauco. Tordesilhas, 2014.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Crítica feminista. **BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**, v. 3, p. 217-242, 2009.

ZINANI, CJA. Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura. **IX Seminário Internacional de História da Literatura**, p. 407-415, 2012.

ANEXO

ANEXO B – Quadros dos excertos selecionados

1)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Nor did I at first understand that the gesticulations of a curious-looking object, in a cut-away coat and evening shirt, were aimed at me. His face expressed horror and indignation. Instinct rather than reason came to my help, he was a Beadle; I was a woman. This was the turf; there was the path. Only the Fellows and Scholarsare allowed here; the gravel is the place for me.	Nem percebi, a princípio, que os gestos daquela pessoa de aparência curiosa, de fraque e camisa engomada, eram a mim dirigidos. Seu rosto revelava horror e indignação. O instinto, mais que a razão, veio em meu auxílio: ele era um Bedel; eu era uma mulher. Aqui era o gramado; a trilha era lá.Somente os *Fellows1* e os Estudantes têm permissão de estar aqui; meu lugar é no cascalho.	Não percebi de pronto que as gesticulações daquele objeto curioso, de fraque e camisa formal, eram dirigidas a mim. O rosto dele expressava horror e indignação. O instinto, em vez da razão, veio me socorrer: ele era um bedel; eu era uma mulher. Aqui era o gramado; ali estava o caminho. Somente os estudantes e os professores eram admitidos aqui; o cascalho era o meu lugar.

2)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
At the thought of all those women working year after yearand finding it hard to get two thousand pounds together, andas much as they could do to get thirty thousand pounds, weburst out in scorn at the	Ao pensarmos em todas aquelas mulheres trabalhando ano após ano e sentindo dificuldade em reunir duas mil libras, e que fizeram tudo o que puderam para obter trinta mil libras,	Com o pensamento em todas aquelas mulheres que trabalhavam ano após ano, lutando para juntar duas mil libras, e no tanto que precisariam fazer para juntar trinta mil libras, irrompemos em

reprehensible poverty of our sex.	irrompemos numa explosão de escárnio diante da repreensível pobreza de nosso sexo.	escárnio ante a pobreza repreensível do nosso sexo.

3)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Now if she had goneinto business; had become a manufacturer of artificial silk or a magnate on the Stock Exchange; if she had left two or threehundred thousand pounds to Fernham, we could have been sittingat our ease to-night and the subject of our talk might havebeen archaeology, botany, anthropology, physics, the nature ofthe atom, mathematics, astronomy, relativity, geography.	Agora, se ela tivesse entrado no mundo dos negócios; se tivessese tornado fabricante de seda artificialou magnata da Bolsa de Valores; se tivesse deixado duzentas ou trezentas mil libras para Fernham, poderíamos ternos sentado à vontade essa noite e talvez o assunto de nossa conversa tivesse sido arqueologia, botânica,antropologia, física, a natureza do átomo, matemática,astronomia, a relatividade ou geografia.	Agora, se ela tivesse montado um negócio próprio; se tivesse se tornado uma fabricante de seda artificial ou uma magnata na bolsa de valores;se tivesse deixado duzentas ou trezentas mil libras para Fernham, nós poderíamos estar sentadas à vontade nesta noite, e o assunto da conversa poderia ter sido arqueologia, botânica, antropologia,física, a naturezado átomo, matemática, astronomia, relatividade, geografia.

4)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
If only Mrs Seton and her mother and her mother before her had learnt the great art of making money and had left their money, like their fathers and their grandfathers before them, to found fellowships and lectureships and prizes and scholarships appropriated to the use of their own sex, we might have dined	Se apenas a sra. Seton e sua mãe e a mãe de sua mãe tivessem aprendido a grande arte de ganhar dinheiro e tivessem deixado seu dinheiro, como fizeram seus pais e seus avós antes deles, para instituir *fellowships* e docências- livres e prêmios e bolsas de estudo apropriadas para o uso dos	Se ao menos a senhora Seton, sua mãe e sua avó tivessem aprendido a grande arte de ganhar dinheiro e tivessem destinado o seu dinheiro, como fizeram os pais e os avôs delas, a criar bolsas para pesquisas ou palestras e prêmios e bolsas de estudos específicas para o uso de seu

very tolerably up here alone off a bird and a bottle of wine; we might have looked forward without undue confidence to a pleasant and honourable lifetime spent in the shelter of one of the liberally endowed professions. We might have been exploring or writing; mooning about the venerable places of the earth; sitting contemplative on the steps of the Parthenon, or going at ten to an office and coming home comfortably at halfpast four to write a little poetry.	membros de seu próprio sexo, poderíamos ter jantado aqui em cima, sozinhas e bem razoavelmente, uma ave e uma garrafa de vinho; poderíamos ter antecipado, sem indevida confiança, uma vida agradável e honrada no refúgio de uma das profissões generosamente beneficiadas. Poderíamos ter estado explorando ou escrevendo; vagueado pelos lugares veneráveis da Terra; sentado, contemplativas, nos degraus do Partenon, ou ido para um escritório às dez da manhã e voltado tranquilamente para casa às quatro e meia para escrever um pouco de poesia.	próprio sexo, nós poderíamos ter jantado decentemente uma ave e uma garrafa de vinho aqui em cima; poderíamos esperar, com confiança desmedida, viver uma vida agradável e honrada sob a proteção de uma dessas profissões prodigamente rentáveis. Nós poderíamos estar explorando ou escrevendo; divagando sobre os lugares mais veneráveis da terra; em contemplação, sentadas nos degraus do Pártenon ou chegando a um escritório às dez e voltando à vontade para casa às quatro e meia para escrever um pouco de poesia.

5)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
For that visit to Oxbridge and the luncheon and the dinner had started a swarm of questions. Why did men drink wine and women water? Why wasone sex so prosperous and the other so poor? What effect has poverty on fiction? What conditionsare necessary for the creation of works of art?—a thousand questions at once suggested themselves.	Pois a visita a Oxbridge e o almoço e o jantar tinham dado início a um enxame de perguntas. Porque os homens bebiam vinho e as mulheres, água? Por que um sexo era tão próspero e o outro, tão pobre? Que efeito tinha a pobreza na ficção? Quais as condições necessárias para a criação de obras de arte? — faziam-se mil perguntas a um só tempo.	Pois a visita a Oxbridge e o almoço e o jantar despertaram um enxame de perguntas. Por que os homens bebem vinho e as mulheres, água? Por que um sexo é tão próspero e o outro, tão pobre? Que efeito tem a pobreza sobre a ficção? Quais as condições necessárias para a criação de obras de arte? – milhares de perguntas se insinuaram ao mesmo tempo.

6)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Here is Pope: Most women have no character at all. And here is La Bruyère: Les femmes sont extrêmes, elles sont meilleures ou pires que les hommes—— a direct contradiction by keen observers who were contemporary. Are they capable of education or incapable? Napoleon thought them incapable. Dr Johnson thought the opposite2. Have they souls or have they not souls? Some savages say they have none. Others, on the contrary, maintain that women are half divine and worship them on that account3. Some sages hold that they are shallower in the brain; others that they are deeper in the consciousness. Goethe honoured them; Mussolini Despises them. Wherever one looked men thought about women and thought differently.	Ouçamos Pope: "A maioria das mulheres não tem absolutamente caráter algum". E La Bruyère: "As mulheres são extremadas; elas são melhores ou piores que os homens..." Uma contradição direta, segundo os observadores agudos que lhes foram contemporâneos. São elas capazes ou incapazes de se instruir? Napoleão as considerava incapazes. O dr. Johnson pensava o oposto. Elas têm ou não têm alma? Alguns selvagens afirmam que não. Outros, ao contrário, sustentam que as mulheres são semi divinas e adoram-nas em função disso. Alguns sábios asseguram que elas são mais vazias de cabeça; outros, que *têm* uma consciência mais profunda. Goethe exaltou-as; Mussolini despreza-as. Para onde quer que se olhasse, os homens pensavam nas mulheres, e pensavam diferentemente.	Veja-se Pope: “A maioria das mulheres não tem nenhum caráter”. E La Bruyère: “As mulheres são o extremo: elas são melhores ou piores do que os homens”, uma contradição clara entre dois observadores mordazes que eram contemporâneos. Elas são capazes de aprender ou incapazes? Napoleão achava que eram incapazes. O doutor Johnson pensava o contrário. Teriam alma ou não? Alguns selvagens dizem que elas não têm. Outros, por outro lado, afirmam que as mulheres são metade divinas e as idolatram por isso. Alguns sábios declaram que o cérebro delas é mais superficial; outros, que sua consciência é mais profunda. Goethe as honrava; Mussolini as desprezava. Para onde se olhasse, os homens pensavam sobre as mulheres, e pensavam diversamente.

7)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
The most transient visitor to this planet, I thought, who picked up this paper could not fail to be aware, even from this scattered testimony, that England is under the rule of a patriarchy.	O mais transitório dos visitantes deste planeta, pensei, que apanhasse esse jornal não poderia deixar de perceber, mesmo a partir desse testemunho disperso, que a Inglaterra está sob o domínio de um patriarcado.	Mesmo o visitante mais transitório deste planeta, pensei, que apanhasse este jornal não conseguiria deixar de notar, mesmo a partir desses testemunhos dispersos, que a Inglaterra está sob as regras de um patriarcado.

8)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
With the exception of the fog he seemed to control everything. Yet he was angry. Iknew that he was angry by this token. When I read what he wrote about women—I thought, not of what he was saying, but of himself. When an arguer argues dispassionately he thinksonly of the argument; and the reader cannot help thinking of the argument too. If he had written dispassionately about women, had used indisputable proofs to establish his argument and had shown no trace of wishing that the result should be one thing rather than another, one would not have been angry	Com exceção da neblina, ele parecia controlar tudo. E mesmo assim, estava com raiva. Eu sabia que ele estava com raiva devido a esse sinal. Quando li o que escreveu sobre as mulheres, pensei não no que ele dizia, mas nele mesmo.Quando um argumentador argumenta desapaixonadamente,pensa apenas na argumentação, e o leitor não consegue deixar de pensar também no argumento. Se ele tivesse escrito imparcialmente sobre as mulheres, se tivesse usado provas inquestionáveis para estabelecer sua argumentação e não tivesse demonstrado sinal algum de desejar que o resultado fosse uma coisa e não outra, ninguém teria ficado com raiva também. Ter-se-ia aceitado o fato, como se aceita o fato de que a	Com exceção do nevoeiro, ele parece controlar tudo. Ainda assim, ele estava com raiva. Eu sabia que estava com raiva por esses sinais. Quando li o que escreveu sobre as mulheres, pensei não no que ele estava dizendo, mas nele mesmo. Quando um argumentador argumenta sem paixão, ele pensa somente no argumento, e o leitor não pode deixar de pensar no argumento também. Se ele tivesse escrito sem paixão sobre as mulheres, se tivesse usado provas indiscutíveis para construir seu argumento e não tivesse mostrado indícios de que o

either. One would have accepted the fact, as one accepts the fact that a pea is green or a canary yellow. So be it, I should have said. But I had been angry because he was angry.	ervilha é verde e o canário, amarelo. Pois que seja assim, eu teria dito. Mas eu ficara com raiva porque ele estava com raiva.	resultado deveria ser um em vez de outro, também não ficaríamos com raiva. Teríamos aceitado o fato, como aceitamos o fato de uma ervilha ser verde e um canário, amarelo. Que assim seja, eu deveria ter dito. Mas eu tinha ficado com raiva porque ele estava com raiva.

9)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Yet it seemed absurd, I thought, turning over the evening paper, that a man with all this power should be angry. Or is anger, I wondered, somehow, the familiar, the attendant sprite on power?	E, no entanto, parecia absurdo, pensei, virando as páginas do jornal vespertino, que um homem com todo esse poder ficasse enraivecido. Ou será que a raiva, indaguei-me, é de algum modo o duende familiar que acompanha o poder?	Ainda assim parecia absurdo, pensei, folheando o jornal vespertino, que um homem com todo esse poder estivesse com raiva. Ou, ponderei, a raiva é de alguma forma o usual, o espírito auxiliar do poder?

10)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Possibly when the professor insisted a little too emphatically upon the inferiority of women, he was concerned not with their inferiority, but with his own superiority.	Possivelmente, quando o professor insistia com ênfase demais na inferioridade das mulheres, não estava preocupado com a inferioridade delas, mas com sua própria superioridade.	É possível que, quando o professor insistiu de forma um pouco enfática na inferioridade das mulheres, ele estivesse preocupado não com a inferioridade delas, mas com sua própria superioridade.

11)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014

Does it explain my astonishment of the other day when Z, most humane, most modest of men, taking up some book by Rebecca West and reading a passage in it, exclaimed, 'The arrant feminist! She says that men are snobs!' The exclamation, to me so surprising—for why was Miss West an arrant feminist for making a possibly true if uncomplimentary statement about the other sex?—was not merely the cry of wounded vanity; it was a protest against some infringement of his power to believe in himself.	Será que explica meu assombro do outro dia, quando Z, um sujeito extremamente humano, o mais despretensioso dos homens, pegando um livro de Rebecca West e lendo-lhe um trecho, exclamou: "Essa rematada feminista! Ela diz que os homens são esnobes!"? A exclamação, para mim tão surpreendente — pois por que seria a srta. West uma rematada feminista, por fazer uma afirmação possivelmente verdadeira, se bem que pouco elogiosa, sobre o sexo oposto? —, não era simplesmente o brado da vaidade ferida: era um protesto contra alguma violação de seu poder de acreditar em si mesmo.	Explica o meu espanto, outro dia, quando Z., homem bastante humano e modesto, ao apanhar um livro escrito por Rebecca West e ler um trecho, exclamou: “É uma feminista completa! Diz que os homens são uns esnobes!”.A exclamação, tão surpreendente para mim – pois, por que a senhorita West era uma feminista completa ao fazer uma afirmação possivelmente verdadeira, ainda que descortês, sobre o outro sexo? –, não era só o brado da vaidade ferida; era um protesto contra a violação do poder de acreditar em si mesmo.

12)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Women have served all these centuries as looking-glasses possessing the magic and delicious power of reflecting the figure of man at twice its natural size.	Em todos esses séculos, as mulheres têm servido de espelhos dotados do mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro de seu tamanho natural.	As mulheres têm servido há séculos como espelhos, com poderes mágicos e deliciosos de refletir a figura do homem com o dobro do tamanho natural.

13)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
That is why Napoleon and Mussolini both insist so emphatically upon the inferiority of women, for if they were not inferior, they would cease to enlarge. That serves to explain in part the necessity that women so often are to men. And it serves to explain how restless they are under her criticism; how impossible it is for her to say to them this book is bad, this picture is feeble, or whatever it may be, without giving far more pain and rousing far more anger than a man would do who gave the same criticism. For if she begins to tell the truth, the figure in the looking-glass shrinks; his fitness for life is diminished. How is he to go on giving judgement, civilizing natives, making laws, writing books, dressing up and speechifying at banquets, unless he can see himself at breakfast and at dinner at least twice the size he really is? So I reflected, crumbling my bread and stirring my coffee and now and again looking at the people in the street.	Eis por que tanto Napoleão quanto Mussolini insistem tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois, não fossem elas inferiores, eles deixariam de engrandecer-se. Isso serve para explicar, em parte, a indispensável necessidade que as mulheres tão freqüentemente representam para os homens. E serve para explicar quanto se inquietam ante a crítica que elas lhes fazem, como é impossível para a mulher dizer-lhes que esse livro é ruim, esse quadro é fraco, ou seja lá o que for, sem magoar muito mais e despertar muito mais raiva do que um homem formulando a mesma crítica. É que, quando ela começa a falar a verdade, o vulto no espelho encolhe, sua aptidão para a vida diminui. Como pode ele continuar a proferir julgamentos, civilizar nativos, fazer leis, escrever livros, arrumar-se todo e deitar falação nos banquetes, se não puder se ver no café da manhã e ao jantar com pelo menos o dobro do seu tamanho real? Assim refleti eu, esfarelando o pão e mexendo o café e olhando vez por outra	É por isso que tanto Napoleão quanto Mussolini insistiam tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois, se elas não fossem inferiores, eles deixariam de crescer. Isso explica, em parte, a necessidade que as mulheres representam para os homens. E serve para explicar como eles ficam incomodados com as críticas delas; como é impossível para elas dizerem que tal livro é ruim, tal quadro é medíocre, ou o que quer que seja, sem infligir muito mais tormento e despertar muito mais raiva do que um homem teria causado ao fazer a mesma crítica. Pois se ela resolver falar a verdade, a figura refletida no espelho encolherá; sua disposição para a vida diminuirá. Como ele continuará a fazer julgamentos, civilizar nativos, criar leis, escrever livros, vestir-se bem e discursar em banquetes, a menos que consiga ver a si mesmo no café da manhã e no jantar com pelo menos o dobro do tamanho que realmente tem? Então refleti, partindo meu pão e mexendo o café e olhando de vez em quando para as pessoas na rua.

	para as pessoas na rua.	

14)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
No force in the world can take from me my five hundred pounds. Food, house and clothing are mine forever. Therefore not merely do effort and labour cease, but also hatred and bitterness. I need not hate any man; he cannot hurt me. I need not flatter any man; he has nothing to give me. So imperceptibly I found myself adopting a new attitude towards the other half of the human race. It was absurd to blame any class or any sex, as a whole.	Nenhuma força no mundo pode arrancar-me minhas quinhentas libras. Comida, casa e roupas são minhas para sempre. Assim, cessam não apenas o esforço e o trabalho árduo, mas também o ódio e a amargura. Não preciso odiar homem algum: ele não pode ferir-me. Não preciso bajular homem algum: ele nada tem a dar-me. Assim, imperceptivelmente, descobri-me adotando uma nova atitude em relação à outra metade da raça humana. Era absurdo responsabilizar qualquer classe ou qualquer sexo como um todo.	Nada no mundo pode tirar de mim as quinhentas libras que me pertencem. Comida,casa e vestimentas são minhas para sempre. Portanto, não somente cessam o esforço e o trabalho, mas também o ódio e a amargura. Não preciso odiar homem nenhum; eles não podem me fazer mal. Não preciso bajular homem nenhum; eles não têm nada para me dar. Assim, imperceptivelmente, vi-me adotando uma nova atitude em relação à outra metade da raça humana. Era absurdo culpar qualquer classe ou qualquer sexo por si só.

15)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
And, as I realized these drawbacks, by degrees fear and bitterness modified themselves into pity and toleration; and	E, ao reconhecer tais obstáculos, medo e amargura converteram-se gradativamente em piedade e tolerância; e	E, conforme compreendi esses obstáculos, aos poucos o medo e a amargura transformaram-se em

then in a year or two, pity and toleration went, and the greatest release of all came, which is freedom to think of things in themselves. That building, for example, do I like it or not? Is that picture beautiful or not? Is that in my opinion a good book or a bad? Indeed my aunt's legacy unveiled the sky to me, and substituted for the large and imposing figure of a gentleman, which Milton recommended for my perpetual adoration, a view of the open sky.	depois, passados um ou dois anos, a piedade e a tolerância se foram, e chegou a maior de todas as liberações, que é a liberdade de pensar nas coisas em si. Aquele prédio, por exemplo, gosto dele ou não? E aquele quadro, é belo ou não? Será esse, em minha opinião, um bom ou um mau livro? Com efeito, o legado de minha tia me desvendou o céu e substituiu a grande e imponente figura de um cavaleiro, que Milton recomendava para minha perpétua adoração, por uma visão do céu aberto.	pena e tolerância; depois, em um ano ou dois, a pena e a tolerância se foram, e a maior de todas as libertações veio, que é a liberdade de pensar nas coisas em si. Aquele prédio, por exemplo, gosto dele ou não? Aquele quadro é bonito ou não? Aquele livro é, na minha opinião, bom ou ruim? Deveras, o legado da minha tia revelou os céus para mim e substituiu a figura grande e impositiva de um cavalheiro, que Milton recomendava para minha adoração perpétua, por uma vista do céu aberto.

16)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Is it better to be a coal-heaver or a nursemaid; is the charwoman who has brought up eight children of less value to the world than, the barrister who has made a hundred thousand pounds? it is useless to ask such questions; for nobody can answer them.	É melhor ser carregador de carvão ou uma babá? Terá a faxineira que criou oito filhos menos valor para o mundo que o advogado que ganhou cem mil libras? É inútil fazer tais perguntas, pois ninguém pode respondê-las.	É melhor ser um carregador de carvão ou uma ama seca; teria a faxineira que criou oito filhos menos valor para o mundo do que o advogado que juntou cem mil libras? É inútil fazer essas perguntas porque ninguém consegue responder a elas.

17)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Indeed, if woman had no existence save in the fiction written by men, one would imagine her a person of the utmost importance; very various; heroic and mean; splendid and sordid; infinitely beautiful and hideous in the extreme; as great as a man, some think even greater4. But this is woman in fiction. In fact, as Professor Trevelyan points out, she was locked up, beaten and flung about the room.	De fato, se a mulher só existisse na ficção escrita pelos homens, poderíamos imaginá-la como uma pessoa da maior importância: muito versátil; heróica e mesquinha; admirável e sórdida; infinitamente bela e medonha ao extremo; tão grande quanto o homem e até maior, para alguns1. Mas isso é a mulher na ficção. Na realidade, como assinala o professor Trevelyan, ela era trancafiada, surrada e atirada no quarto.	De fato, se a mulher não existisse a não ser na ficção escrita por homens, era de se imaginar que ela fosse uma pessoa da maior importância; muito variada; heroica e cruel, esplêndida e sórdida; infinitamente bela e horrenda ao extremo; tão grandiosa como um homem, para alguns até mais grandiosa. Mas isso é a mulher na ficção. Na vida real, como o professor Trevelyan apontou, ela era trancada, espancada e jogada de um lado para outro.

18)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
A very queer, composite being thus emerges. Imaginatively she is of the highest importance; practically she is completely insignificant. She pervades poetry from cover to cover; she is all but absent from history. She dominates the lives of kings and conquerors in fiction; in fact she was the slave of any boy whose parents forced a ring upon her finger. Some of the most inspired words, some of the most profound thoughts in literature fall from her lips; in	Uma criatura muito estranha, complexa, emerge então. Na imaginação, ela é da mais alta importância; em termos práticos, é completamente insignificante. Atravessa a poesia de uma ponta à outra; por pouco está ausente da história. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era escrava de qualquer rapazola cujos pais lhe enfiassem uma aliança no dedo. Algumas das mais inspiradas palavras, alguns dos mais profundos	Assim, surge um ser muito complexo e esquisito. É de se imaginar que ela seja da maior importância; na prática, ela é completamente insignificante. Ela permeia a poesia de capa a capa; está sempre presente na história. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era a escrava de qualquer garoto cujos pais lhe enfiassem um anel no dedo. Algumas das palavras mais inspiradas, alguns dos pensamentos mais profundos da literatura

real life she could hardly read, could scarcely spell, and was the property of her husband.	pensamentos saem-lhe dos lábios na literatura; na vida real, mal sabia ler e escrever e era propriedade do marido.	vieram de seus lábios; na vida real, ela pouco conseguia ler, mal conseguia soletrar e era propriedade do marido.

19)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Yet genius of a sort must have existed among women as it must have existed among the working classes. Now and again an Emily Brontë or a Robert Burns blazes out and proves its presence. But certainly it never got itself on to paper. When, however, one reads of a witch being ducked, of a woman possessed by devils, of a wise woman selling herbs, or even of a very remarkable man who had a mother, then I think we are on the track of a lost novelist, a suppressed poet, of some mute and inglorious Jane Austen, some Emily Brontë who dashed her brains out on the moor or mopped and mowed about the highways crazed with the torture that her gift had put her to. Indeed, I would venture to guess that Anon, who wrote so many poems without singing them, was often a woman.	Não obstante, alguma espécie de talento deve ter existido entre as mulheres, como deve ter existido entre as classes operárias. Vez por outra, uma Emily Brontë, ou um Robert Burns, explode numa chama e prova sua presença. Mas certamente esse talento nunca chegou ao papel. Quando, porém, lemos sobre uma feiticeira atirada às águas, sobre uma mulher possuída por demônios, sobre uma bruxa que vendia ervas, ou até sobre um homem muito notável que tinha mãe, então penso estarmos na trilha de uma romancista perdida, uma poetisa reprimida, de alguma Jane Austen muda e inglória, alguma Emily Brontë que fazia saltar os miolos no pantanal ou careteava pelas estradas, enlouquecida pela tortura que o talento lhe impunha. De fato, eu me arriscaria a supor que Anônimo, que escreveu tantos poemas sem assiná-los, foi muitas vezes	Ainda assim, gênios desse tipo hão de ter existido entre as mulheres, da mesma forma que hão de ter existido entre as classes trabalhadoras. Vez ou outra uma Emily Brontë ou um Robert Burns se inflama e comprova essa presença. Mas com certeza nunca foi colocada no papel. Quando, porém, lemos sobre o afogamento de uma bruxa, sobre uma mulher possuída por demônios, sobre uma feiticeira que vendia ervas ou mesmo sobre um homem muito notável e sua mãe, então acho que estamos diante de uma romancista perdida, uma poeta subjugada, uma Jane Austen muda e inglória, uma Emily Brontë que esmagou o cérebro em um pântano ou que vivia vagando pelas ruas, enlouquecida pela tortura que seu dom lhe impunha. Na verdade, arrisco-me a dizer que Anônimo, que escreveu tantos poemas sem cantá-los, com frequência

	uma mulher.	era uma mulher.

20)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
(…) is that any woman born with a great gift in the sixteenth century would certainly have gone crazed, shot herself, or ended her days in some lonely cottage outside the village, half witch, half wizard, feared and mocked at. For it needs little skill in psychology to be sure that a highly gifted girl who had tried to use her gift for poetry would have been so thwarted and hindered by other people, so tortured and pulled asunder by her own contrary instincts, that she must have lost her health and sanity to a certainty.	(...) é que qualquer mulher nascida com um grande talento no século XVI teria certamente enlouquecido, se matado com um tiro, ou terminado seus dias em algum chalé isolado, fora da cidade, meio bruxa, meio feiticeira, temida e ridicularizada. Pois não é preciso muito conhecimento de psicologia para se ter certeza de que uma jovem altamente dotada que tentasse usar sua veia poética teria sido tão contrariada e impedida pelas outras pessoas, tão torturada e dilacerada pelos próprios instintos conflitantes, que teria decerto perdido a saúde física e mental.	(...), é que qualquer mulher que tenha nascido com um grande talento no século XVI certamente teria enlouquecido, atirado em si mesma ou terminado seus dias em um chalé nos arredores da vila, meio bruxa, meio feiticeira, temida e escarnecida. Não é preciso ter grandes habilidades em psicologia para afirmar que qualquer garota muito talentosa que tenha tentado usar seu dom para a poesia teria sido tão impedida e inibida por outras pessoas, tão torturada e feita em pedaços por seus próprios instintos contrários, que deve ter perdido a saúde e a sanidade, com certeza.

21)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
The indifference of the world which Keats and Flaubert and other men of genius have found so hard to bear was in her case not indifference but hostility. The world did not say to her as it said to them, Write if you choose; it makes no difference to me.	A indiferença do mundo, que Keats e Flaubert e outros homens de gênio tiveram tanta dificuldade de suportar, não era, no caso da mulher, indiferença, mas, sim, hostilidade. O mundo não lhe dizia, como a eles: "Escreva, se	A indiferença do mundo, que Keats, Flaubert e outros homens geniais achavam tão difícil de suportar, não era, no caso dela, indiferença, mas hostilidade. O mundo não dizia a ela, como dizia a eles: “Escreva se quiser, não faz diferença para

The world said with a guffaw, Write? What's the good of your writing?	quiser; não faz nenhuma diferença para mim". O mundo dizia numa gargalhada: "Escrever? E que há de bom no fato de você escrever?"	mim”. O mundo dizia, gargalhando: “Escrever? O que há de bom na sua escrita?”

22)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Alas! a woman that attempts the pen, Such a presumptuous creature is esteemed, The fault can by no virtue be redeemed. They tell us we mistake our sex and way; Good breeding, fashion, dancing, dressing, play, Are the accomplishments we should desire; To write, or read, or think, or to enquire, Would cloud our beauty, and exhaust our time, And interrupt the conquests of our prime. Whilst the dull manage of a servile house Is held by some our utmost art and use.	"Alas! a woman that attempts the pen, Such a presumptuous creature is esteemed, The fault can by no virtue be redeemed. They tell us we mistake our sex and way; Good breeding, fashion, dancing, dressing, play, Are the accomplishments we should desire; To write, or read, or think, or to enquire, Would cloud our beauty, and exhaust our time, And interrupt the conquests of our prime, Whilst the dull manage of a servile house Is held hy some our utmost art and use."1 1 Tradução livre: "Quão degradadas estamos! Degradadas por regras errôneas, / E joguetes mais da Educação que da Natureza / Excluídas de todo aprimoramento da mente / E para a estupidez pretendidas e destinadas; / E quando alguém se eleva acima do resto, /	“Ai! Pobre da mulher que escrever quer! Tamanha pretensão ninguém perdoa naquela que, em lugar de ser ‘patroa’ ou ‘dona’ em sua casa, quer colher meter, torta, nas letras! Se lhe der na telha fazer versos, lhe dirão que tempo vai perder e transgressão tal mesmo uma virtude não redime. Vigora em sociedade esse regime, pois temos que ser belas; cultas, não.”

	Com imaginação mais ardente e premida pela ambição, / Tão forte surge ainda a facção oposta, / Que as esperanças de prosperar nunca suplantam os temores". (N. da T.)	

23)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
One could have sworn that she had the makings of a writer in her. But 'if I should not sleep this fortnight I should not come to that'—one can measure the opposition that was in the air to a woman writing when one finds that even a woman with a great turn for writing has brought herself to believe that to write a book was to be ridiculous, even to show oneself distracted.	Seria possível jurar que havia nela as qualidades essenciais de uma escritora. Mas "nem que não dormisse por duas semanas eu chegaria a isso" — podese medir a conspiração que havia no ar contra a mulher que escrevesse, quando se constata que até mesmo uma mulher com um grande pendor para a literatura fora levada a crer que escrever um livro significava ser ridícula, e até mesmo mostrar-se perturbada.	Poderia jurar que ela tem o que é preciso para ser escritora. Mas “mesmo que eu não conseguisse dormir nos próximos quinze dias, não chegaria a tanto”... é possível mensurar a oposição que havia no ar a que uma mulher escrevesse quando percebemos que até uma mulher com grande inclinação para a escrita foi levada a acreditar que escrever um livro era ridículo a ponto de indicar confusão mental.

24)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Women are supposed to be very calm generally: but women feel just as men feel; they need exercise for their faculties and a field for their efforts as much as their brothers do; they suffer from too rigid a restraint, too absolute a stagnation, precisely as men would suffer; and it is narrow-minded in their	Supõe-se que as mulheres sejam geralmente muito calmas, mas as mulheres sentem exatamente como os homens — elas precisam de exercício para suas faculdades e de um campo para seus esforços, tanto quanto seus irmãos; elas sofrem de uma contenção rígida	Supõe-se que em geral as mulheres sejam muito calmas: mas as mulheres sentem da mesma forma que os homens; precisam de exercício para suas faculdades e de um campo de atuação para seus esforços tanto quanto seus irmãos; sofrem com restrições rígidas, estagnações

more privileged fellow-creatures to say that they ought to confine themselves to making puddings and knitting stockings, to playing on the piano and embroidering bags. It is thoughtless to condemn them, or laugh at them, if they seek to do more or learn more than custom has pronounced necessary for their sex.	demais, de uma estagnação absoluta demais, precisamente como sofreriam os homens; e é tacanhice de seus semelhantes mais privilegiados dizer que elas devem limitar-se a fazer pudins e costurar meias, a tocar piano e bordar sacolas. É impensado condená-las ou rir delas quando buscam fazer mais ou aprender mais do que os costumes declararam ser necessário para seu sexo.	absolutas, da mesma forma que sofreriam os homens; e o fato de seus pares mais privilegiados dizerem que elas deveriam se confinar a assar bolos e cerzir meias, tocar piano e bordar bolsas, não passa de mesquinhez. É leviano condená-las ou rir-se delas se elas procurarem fazer ou aprender mais do que os costumes impuseram a seu sexo.

25)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Then I may tell you that the very next words I read were these—'Chloe liked Olivia… ' Do not start. Do not blush. Let us admit in the privacy of our own society that these things sometimes happen. Sometimes women do like women.	Bem, então posso dizer-lhes que as palavras que li imediatamente a seguir foram: "Chloe gostava de Olivia..." Não se espantem. Não enrubesçam. Vamos admitir, na privacidade de nossa própria sociedade, que essas coisas às vezes acontecem. Às vezes, as mulheres realmente gostam de mulheres.	Então eu posso dizer a vocês que as palavras que li em seguida foram estas: “Chloe gostava de Olivia...” Não se espantem. Não se ruborizem. Vamos admitir, na privacidade de nossa própria sociedade, que essas coisas às vezes acontecem. Às vezes as mulheres gostam realmente de mulheres.

26)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
One could not go to the map and say Columbus discovered America and Columbus was a woman; or take an apple and remark, Newton discovered the laws of gravitation and	Não era possível consultar o mapa e dizer que Colombo descobriu a América e que Colombo era uma mulher; ou pegar uma maçã e observar: Newton descobriu as leis da gravidade e	Uma pessoa não pode apontar para o mapa e dizer que Colombo descobriu a América e Colombo era mulher, ou apanhar uma maçã e observar que Newton descobriu as leis da gravidade e

Newton was a woman; or look into the sky and say aeroplanes are flying overhead and aeroplanes were invented by women. There is no mark on the wall to measure the precise height of women. There are no yard measures, neatly divided into the fractions of an inch, that one can lay against the qualities of a good mother or the devotion of a daughter, or the fidelity of a sister, or the capacity of a housekeeper. Few women even now have been graded at the universities; the great trials of the professions, army and navy, trade, politics and diplomacy have hardly tested them. They remain even at this moment almost unclassified.	Newton era uma mulher; ou olhar para o céu e, ao ver os aviões que voam lá no alto, dizer que foram inventados por mulheres. Não há nenhuma marca na parede para medir a altura exata das mulheres. Não há metros, criteriosamente divididos nas frações de um centímetro, que se possam dispor sobre as qualidades de uma boa mãe ou a dedicação de uma filha, a fidelidade de uma irmã ou a capacidade de uma dona de casa. Poucas mulheres, mesmo hoje, diplomaram-se em universidades; as grandes provações das profissões liberais, do exército e da marinha, do comércio, da política e da diplomacia mal chegaram a testá-las. Elas permanecem, até este momento, quase sem classificação.	Newton era mulher, ou olhar para o céu e dizer que há aviões voando sobre nossa cabeça e os aviões foram inventados por mulheres. Não há marcas na parede para determinar a altura precisa das mulheres. Não há fitas métricas, cuidadosamente divididas em frações de centímetro, que alguém possa usar para as qualidades de uma boa mãe ou para a devoção de uma filha, ou a fidelidade de uma irmã, ou a competência de uma governanta. Poucas mulheres, mesmo hoje, se formaram nas universidades; os grandes desafios das profissões, exército e marinha, comércio, política e diplomacia, mal as testaram. Elas permanecem, até este momento, quase sem classificação.

27)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
No age can ever have been as stridently sex-conscious as our own; those innumerable books by men about women in the British Museum are a proof of it. The Suffrage campaign was no doubt to blame. It must	Nenhuma era jamais conseguirá ser tão ruidosamente consciente do sexo quanto a nossa; esses incontáveis livros escritos por homens acerca de mulheres no Museu Britânico são prova disso. A	Nenhuma época pode ter sido tão consciente do sexo, de forma tão aguda, como a nossa; os inúmeros livros sobre homens e mulheres que há no Museu Britânico são a prova disso.A campanha pelo

have roused in men an extraordinary desire for self-assertion; it must have made them lay an emphasis upon their own sex and its characteristics which they would not have troubled to think about had they not been challenged. And when one is challenged, even by a few women in black bonnets, one retaliates, if one has never been challenged before, rather excessively.	campanha pelo sufrágio sem dúvida teve culpa. Ela deve ter despertado nos homens um extraordinário desejo de auto-afirmação; deve tê-los feito colocar no próprio sexo e em suas características uma ênfase em que não se teriam dado o trabalho de pensar, se não tivessem sido desafiados. E quando se é desafiado, mesmo por umas poucas mulheres de bonés pretos, retalia-se, caso nunca se tenha sido desafiado antes, com bastante excesso.	sufrágio, sem dúvida, teve parte nisso. Deve ter despertado nos homens o desejo extraordinário de autoafirmação; deve tê-los feito enfatizar o próprio sexo e suas características, no que eles não precisariam pensar se não tivessem sido desafiados. E quando alguém é desafiado, mesmo que seja por umas poucas mulheres usando boinas pretas, há retaliação, e, se essa pessoa nunca tiver sido desafiada antes, das pesadas.

28)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Indeed, it was delightful to read a man's writing again. It was so direct, so straightforward after the writing of women. It indicated such freedom of mind, such liberty of person, such confidence in himself. One had a sense of physical well-being in the presence of this well-nourished, well-educated, free mind, which had never been thwarted or opposed, but had had full liberty from birth to stretch itself in whatever way it liked. All this was admirable. But after reading a chapter or two a shadow seemed to lie across the page.	De fato, era delicioso reler um texto de homem. Era tão direto, tão fácil de compreender depois dos escritos das mulheres! Indicava tanta liberdade mental, tanta liberdade pessoal, tanta confiança em si mesmo! Tinha-se uma sensação de bem-estar físico na presença dessa mente bem nutrida, bemeducada e livre, que nunca fora impedida ou contrariada, mas tivera ampla liberdade, desde o nascimento, para estender-se da maneira que bem lhe aprouvesse. Tudo isso	De fato, era uma delícia ler a escrita de um homem de novo. Era tão direta, tão franca, em comparação à escrita das mulheres... Indicava tanta liberdade de pensamento, tanta liberdade de personalidade, tanta confiança em si mesmo... Era possível ter uma sensação de bem-estar físico na presença daquela mente bem-nutrida, bem-educada, livre, que nunca fora contrariada ou sofrera oposições, e sempre tivera liberdade desde o nascimento para estender-se em todos

It was a straight dark bar, a shadow shaped something like the letter 'I'. One began dodging this way and that to catch a glimpse of the landscape behind it.	era admirável. Mas, após ler um ou dois capítulos uma sombra pareceu estirar-se sobre a página. Era uma barra escura e reta, uma sombra de forma algo semelhante ao da letra I'. Começava-se a espreitar de um lado e de outro, para vislumbrar a paisagem por trás dela.	os sentidos que quisesse. Tudo era admirável. Mas depois de ler um capítulo ou dois, uma sombra parecia jazer sobre a página. Era uma faixa escura e reta, uma sombra parecida com a da letra I. Era preciso esquivar-se de um lado para outro para conseguir um vislumbre da paisagem atrás dela.

29)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
One must turn back to Shakespeare then, for Shakespeare was androgynous; and so were Keats and Sterne and Cowper and Lamb and Coleridge. Shelley perhaps was sexless. Milton and Ben Jonson had a dash too much of the male in them. So had Wordsworth and Tolstoi. In our time Proust was wholly androgynous, if not perhaps a little too much of a woman. But that failing is too rare for one to complain of it, since without some mixture of the kind the intellect seems to predominate and the other faculties of the mind harden and become barren.	Devemos retornar a Shakespeare, portanto, pois ele era andrógino; e também o eram Keats e Sterne e Cowper e Lamb e Coleridge. Shelley talvez fosse assexuado. Milton e Ben Jonson tinham em si uma pitada excessiva do masculino. Assim como Wordsworth e Tolstói. Em nossa época, Proust foi totalmente andrógino, se não talvez um pouco demasiadamente feminino. Mas essa falha é rara demais para que nos queixemos dela, já que, sem alguma mistura desse tipo, o intelecto parece predominar e as outras faculdades da mente se enrijecem e tornam-se estéreis.	É preciso se voltar para Shakespeare, pois Shakespeare era andrógino, assim como Keats, Sterne, Cowper, Lamb e Coleridge. Shelley talvez fosse assexuado. Milton e Ben Jonson tinham um pouco mais do masculino em si. Da mesma forma Wordsworth e Tolstói. Em nosso tempo, Proust era completamente andrógino, se não, talvez, um pouco demasiado mulher. Mas essa falha é muito rara para que alguém se queixe, uma vez que sem a mistura dos gêneros o intelecto parece predominar, e as outras faculdades da mente se endurecem e se tornam estéreis.

30)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
All this pitting of sex against sex, of quality against quality; all this claiming of superiority and imputing of inferiority, belong to the private-school stage of human existence where there are 'sides', and it is necessary for one side to beat another side, and of the utmost importance to walk up to a platform and receive from the hands of the Headmaster himself a highly ornamental pot. As people mature they cease to believe in sides or in Headmasters or in highly ornamental pots.	Toda essa disputa de sexo com sexo, de qualidade com qualidade, toda essa alegação de superioridade e imputação de inferioridade pertencem ao estágio da escola particular da existência humana, onde há "lados", e é necessário que um lado vença o outro, e é da máxima importância subir numa plataforma e receber das mãos do próprio Diretor um vaso altamente ornamental. A medida que amadurecem, as pessoas deixam de crer em lados ou em Diretores ou em vasos altamente ornamentais.	Toda essa peleja de sexo contra sexo, de qualidade contra qualidade; todo esse clamor por superioridade e essa imputação de inferioridade pertencem ao estágio colegial da existência humana, no qual há “lados” e é necessário que um lado derrote o outro, e é de extrema importância subir em uma plataforma para receber das mãos do próprio diretor um troféu ornamentadíssimo. Conforme amadurecem, as pessoas deixam de acreditar em lados ou em diretores ou em troféus ornamentadíssimos.

31)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
So long as you write what you wish to write, that is all that matters; and whether it matters for ages or only for hours, nobody can say. But to sacrifice a hair of the head of your vision, a shade of its colour, in deference to some Headmaster with a silver pot in his hand or to some professor with a measuring-rod up his sleeve, is the most abject treachery, and	Desde que vocês escrevam o que desejarem escrever, isso é tudo o que importa; e se vai importar por séculos ou apenas horas, ninguém pode dizer. Mas sacrificar um fio de cabelo de suas opiniões, uma só nuança de sua cor, em deferência a algum Diretor com um vaso de prata na mão ou a algum professor com uma régua escondida	Contanto que você escreva o que tiver vontade de escrever, isso é tudo o que importa; e se isso importará por eras ou por horas, ninguém pode afirmar. Mas sacrificar uma ínfima parte de sua visão, uma só de suas nuances, em deferência a um diretor qualquer com um troféu prateado nas mãos ou a um professor qualquer

the sacrifice of wealth and chastity which used to be said to be the greatest of human disasters, a mere flea-bite in comparison.	na manga, é a mais abjeta das traições, e, comparado a ela, o sacrifício da riqueza e da castidade, que se costumava dizer que era a maior das desgraças humanas, é uma simples bagatela.	com uma fita métrica na manga é a mais abjeta das traições; e o sacrifício de riqueza e castidade que era tido como o maior dos desastres humanos é um nada em comparação.

32)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Believe me—and I have spent a great part of ten years in watching some three hundred and twenty elementary schools, we may prate of democracy, but actually, a poor child in England has little more hope than had the son of an Athenian slave to be emancipated into that intellectual freedom of which great writings are born.'	Creiam-me — e passei uns bons dez anos observando umas trezentas e vinte escolas primárias —, podemos tagarelar sobre a democracia, mas, na verdade, uma criança pobre na Inglaterra tem pouco mais esperança do que tinha o filho de um escravo ateniense de emancipar-se até a liberdade intelectual de que nascem os grandes textos".	Acreditem em mim – passei a maior parte de dez anos observando algo como trezentas e vinte escolas de ensino básico –, podemos tagarelar sobre democracia, mas, de fato, uma criança pobre na Inglaterra tem tanta esperança quanto o filho de um escravo ateniense de ser emancipado na liberdade intelectual da qual os grandes escritos se originam.

33)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
That is it. Intellectual freedom depends upon material things. Poetry depends upon intellectual freedom. And women have always been poor, not for two hundred years merely, but from the beginning of time. Women have had less intellectual freedom than the sons of Athenian slaves. Women, then, have not had a dog's chance of writing	É isso aí. A liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não apenas nos últimos duzentos anos, mas desde o começo dos tempos. As mulheres têm tido menos liberdade intelectual do que os filhos dos escravos atenienses. As mulheres, portanto, não têm tido a menor	É isso. A liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não só por duzentos anos, mas desde o começo dos tempos. As mulheres gozam de menos liberdade intelectual do que os filhos dos escravos atenienses. As mulheres, portanto, não tiveram a mais

poetry. That is why I have laid so much stress on money and a room of one's own. However, thanks to the toils of those obscure women in the past, of whom I wish we knew more, thanks, curiously enough to two wars, the Crimean which let Florence Nightingale out of her drawingroom, and the European War which opened the doors to the average woman some sixty years later, these evils are in the way to be bettered. Otherwise you would not be here tonight, and your chance of earning five hundred pounds a year, precarious as I am afraid that it still is, would be minute in the extreme.	oportunidade de escrever poesia. Foi por isso que coloquei tanta ênfase no dinheiro e num quarto próprio. Entretanto, graças ao trabalho árduo dessas mulheres obscuras no passado, sobre quem eu gostaria que conhecêssemos mais, graças, curiosamente, a duas guerras — a da Criméia, que permitiu a Florence Nightingale sair de sua sala de estar, e a guerra européia, que abriu as portas à mulher comum cerca de sessenta anos depois —, esses males estão em vias de ser minorados. Caso contrário, vocês não estariam aqui esta noite, e a probabilidade de ganharem quinhentas libras por ano, por precária que temo ser ainda, seria extremamente diminuta.	remota chance de escrever poesia. É por isso que dei tanta ênfase ao dinheiro e ao espaço próprio. No entanto, graças à labuta das mulheres obscuras do passado, de quem eu gostaria de saber mais, graças, curiosamente, a duas guerras – a da Crimeia, que permitiu que Florence Nightingale saísse de casa, e a Europeia, que abriu as portas para a mulher comum cerca de sessenta anos mais tarde –, esses males estão prestes a ser corrigidos. Não fosse assim, vocês não estariam aqui esta noite, e a sua chance de ganhar quinhentas libras por ano, por mais precária que ainda seja, seria extremamente minúscula.

34)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
Have I, in the preceding words, conveyed to you sufficiently the warnings and reprobation of mankind? I have told you the very low opinion in which you were held by Mr Oscar Browning. I have indicated what Napoleon once thought of you and	Eu lhes terei, nas palavras precedentes, transmitido suficientemente as advertências e a exprobação da humanidade? Falei-lhes sobre o conceito muito baixo em que as tinha o sr. Oscar Browning. Mostrei o que Napoleão pensou de vocês em certa época e o que	Nas palavras já ditas, terei conseguido lhes transmitir de forma satisfatória as admoestações e reprovações da raça humana? Falei sobre a opinião ruim que o senhor Oscar Browning tem de vocês. Aludi ao que Napoleão pensava de vocês e ao que Mussolini pensa hoje

what Mussolini thinks now. Then, in case any of you aspire to fiction, I have copied out for your benefit the advice of the critic about courageously acknowledging the limitations of your sex. I have referred to Professor X and given prominence to his statement that women are intellectually, morally and physically inferior to men. I have handed on all that has come my way without going in search of it, and here is a final warning—from Mr John Langdon Davies11. Mr John Langdon Davies warns women 'that when children cease to be altogether desirable, women cease to be altogether necessary'. I hope you will make a note of it.	Mussolini pensa agora. Depois, para o caso de alguma dentre vocês aspirar à ficção, transcrevi para seu bem a recomendação do crítico sobre reconhecerem corajosamente as limitações de seu sexo. Referi-me ao professor X e dei destaque a sua afirmação de que as mulheres são intelectual, física e moralmente inferiores aos homens. Transmiti-lhes tudo o que veio a mim de modo espontâneo, e aqui está uma advertência final, do sr. John Langdon Davies. Ele adverte as mulheres de que "quando as crianças deixam de ser inteiramente desejáveis, as mulheres deixam de ser inteiramente necessárias".Espero que vocês tomem nota disso.	em dia. Depois, caso alguma de vocês almeje a ficção, copiei para o seu bem o conselho de um crítico sobre o reconhecimento corajoso das limitações do seu sexo. Fiz referências ao professor X e dei destaque à sua declaração de que as mulheres são intelectual, moral e fisicamente inferiores aos homens. Dei a vocês tudo o que me caiu nas mãos sem que eu tivesse ido procurar, e eis aqui minha advertência final – vinda do senhor John Langdon Davies. O senhor John Langdon Davies adverte as mulheres de que “quando as crianças não mais forem desejáveis, as mulheres deixarão de ser necessárias”. Espero que vocês tomem nota disso.

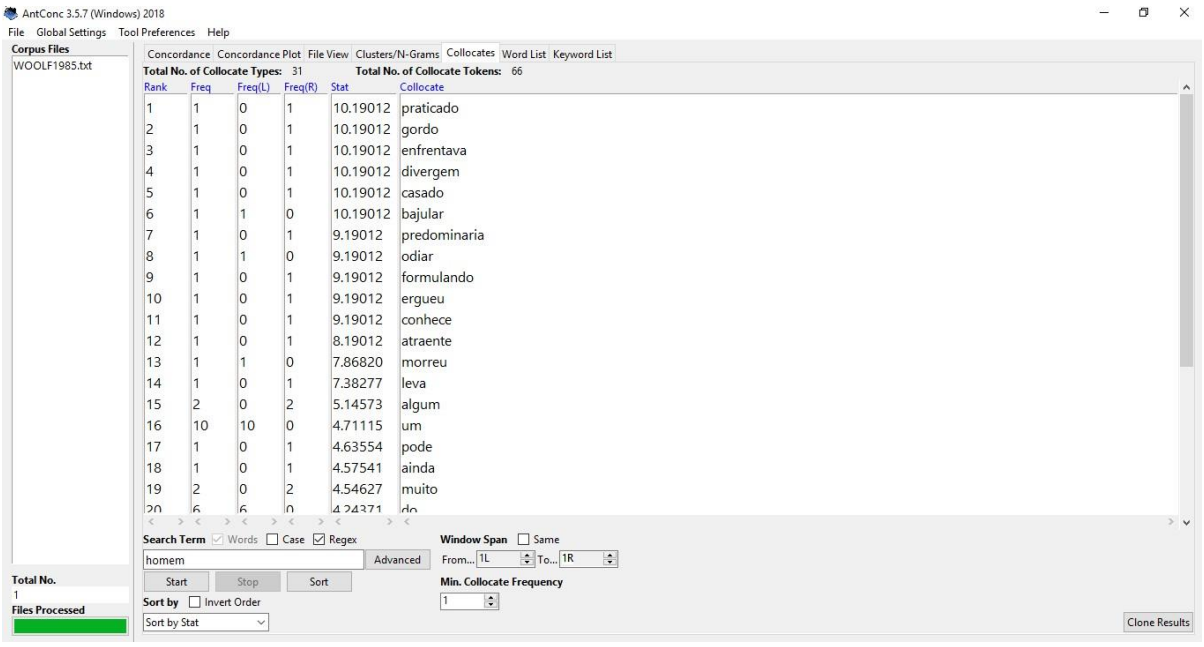
35)

A Room of One's Own	Um Teto Todo Seu – Edição de 1985	Um Teto Todo Seu – Edição de 2014
How can I further encourage you to go about the business of life? Young women, I would say, and please attend, for the peroration is beginning, you are, in my opinion, disgracefully ignorant. You have never made a discovery of any sort of importance. You have never shaken an	Como posso incentivá-las mais a empreenderem a tarefa de viver? Minhas jovens, diria eu, e tenham a bondade de prestar atenção, pois a peroração está começando, vocês são, a meu ver, vergonhosamente ignorantes. Nunca fizeram uma	Como eu poderia continuar a encorajá-las a seguir em frente na vida? Minhas jovens, eu diria, e prestem atenção porque a peroração começa aqui, vocês são, na minha opinião, vergonhosamente ignorantes. Vocês nunca fizeram uma descoberta de qualquer importância.

empire or led an army into battle. The plays of Shakespeare are not by you, and you have never introduced a barbarous race to the blessings of civilization. What is your excuse? It is all very well for you to say, pointing to the streets and squares and forests of the globe swarming with black and white and coffee-coloured inhabitants, all busily engaged in traffic and enterprise and love-making, we have had other work on our hands. Without our doing, those seas would be unsailed and those fertile lands a desert. We have borne and bred and washed and taught, perhaps to the age of six or seven years, the one thousand six hundred and twenty-three million human beings who are, according to statistics, at present in existence, and that, allowing that some had help, takes time.	descoberta de alguma importância. Nunca sacudiram um império ou levaram um exército à batalha. As peças de Shakespeare não são de sua autoria, e vocês nunca apresentaram uma raça de bárbaros às bênçãos da civilização. Qual é sua desculpa? É muito fácil vocês dizerem, apontando para as ruas e praças e florestas do globo fervilhando de habitantes negros e brancos e cor de café, todos extremamente ocupados com o tráfego e as empresas e o relacionamento sexual, que estivemos ocupadas com outro trabalho. Sem nosso trabalho, esses mares não seriam navegados e aquelas terras férteis se constituiriam num deserto. Geramos e alimentamos e lavamos e instruímos, talvez até os seis ou sete anos de idade, o bilhão e seiscentos e vinte e três milhões de seres humanos que, segundo as estatísticas, existem atualmente, e isso, mesmo admitindo que algumas de nós tenhamos tido ajuda, leva tempo.	Vocês nunca abalaram um império ou lideraram um exército para a batalha. As peças de Shakespeare não falam de vocês, e vocês nunca apresentaram as bênçãos da civilização a um bando de bárbaros. Qual é a sua desculpa? É fácil dizer, ao apontar para as ruas, os quarteirões e as florestas do mundo fervilhante de habitantes negros, brancos e cor de café, todos ocupados e atarefados no trânsito, nas empresas e no sexo: nós tínhamos outro trabalho a fazer. Sem os nossos feitos, esses mares seriam inavegáveis e essas terras férteis, um deserto. Demos à luz, criamos, banhamos e ensinamos, talvez até a idade de seis ou sete anos, um bilhão e seiscentos e vinte e três milhões de seres humanos que, de acordo com as estatísticas, existem neste momento, e isso, mesmo que tenhamos tido ajuda, leva tempo.

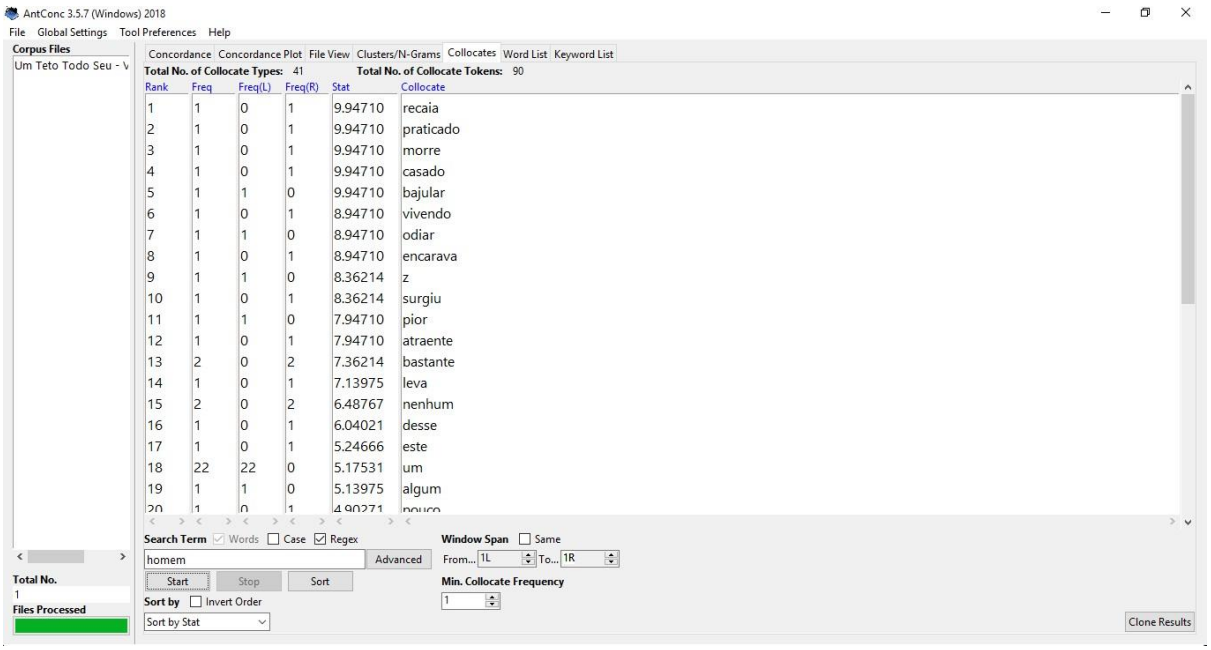
ANEXO A – Dados utilizados na análise quantitativa.

1)



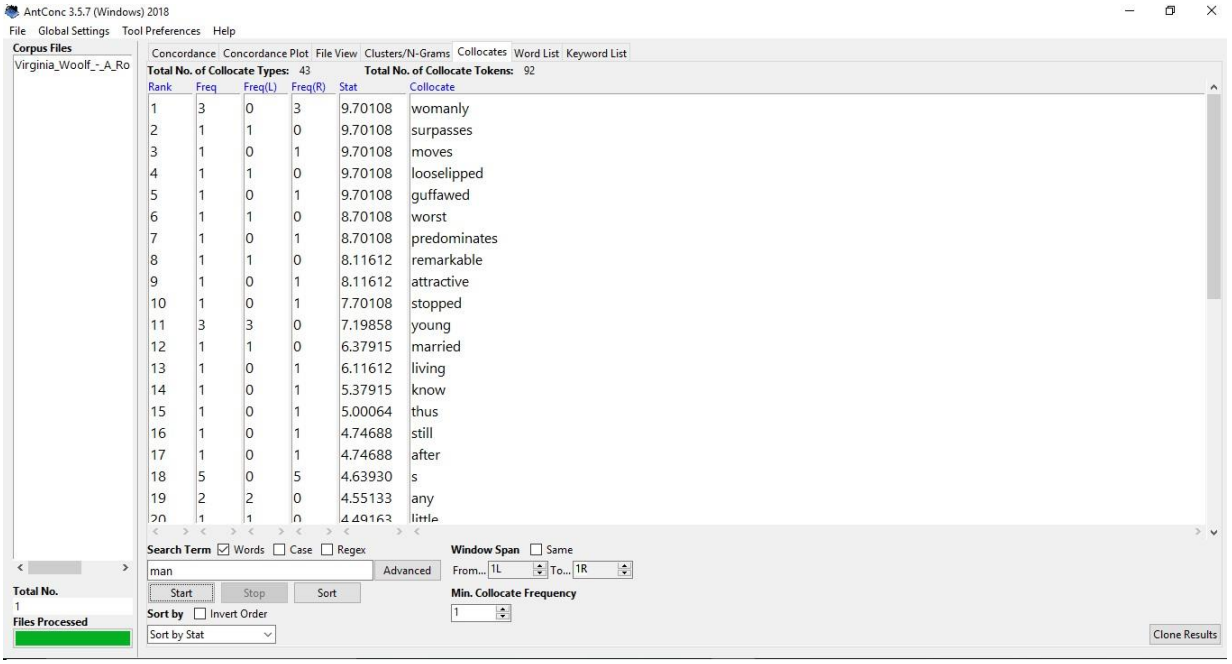
Rank	Freq	Freq(L)	Freq(R)	Stat	Collocate
1	1	0	1	10.19012	praticado
2	1	0	1	10.19012	gordo
3	1	0	1	10.19012	enfrentava
4	1	0	1	10.19012	divergem
5	1	0	1	10.19012	casado
6	1	1	0	10.19012	bajular
7	1	0	1	9.19012	predominaria
8	1	1	0	9.19012	odiar
9	1	0	1	9.19012	formulando
10	1	0	1	9.19012	ergueu
11	1	0	1	9.19012	conhece
12	1	0	1	8.19012	atraente
13	1	1	0	7.86820	morreu
14	1	0	1	7.38277	leva
15	2	0	2	5.14573	algum
16	10	10	0	4.71115	um
17	1	0	1	4.63554	pode
18	1	0	1	4.57541	ainda
19	2	0	2	4.54627	muito
20	6	6	0	4.24371	do

2)

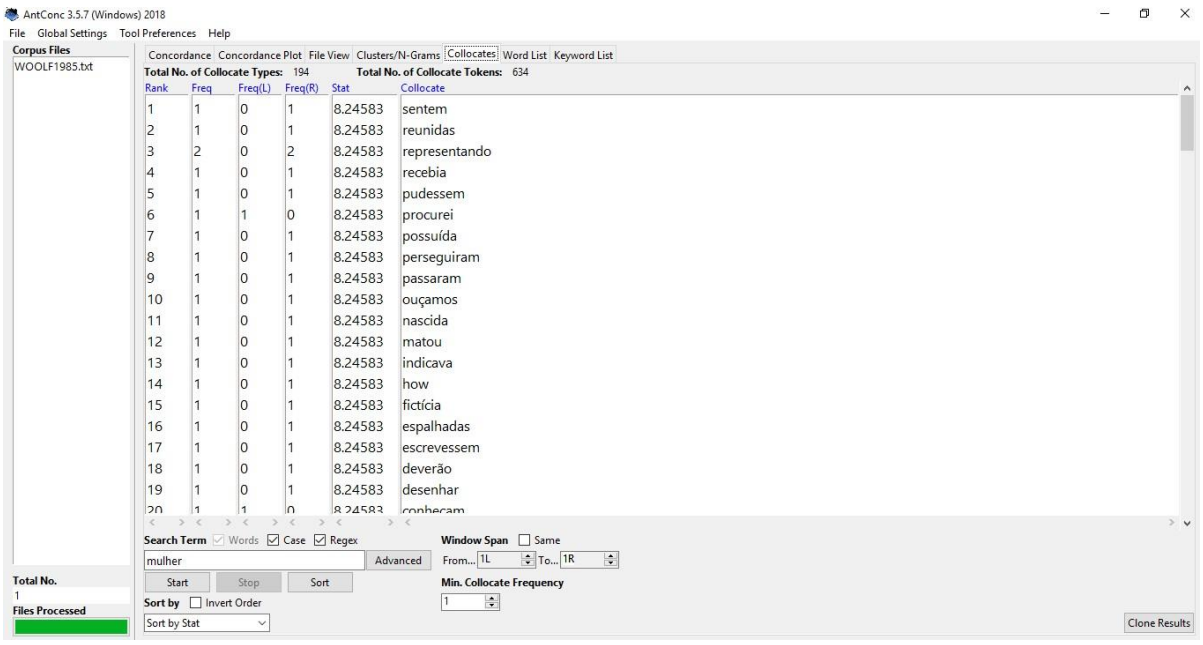


Rank	Freq	Freq(L)	Freq(R)	Stat	Collocate
1	1	0	1	9.94710	recaia
2	1	0	1	9.94710	praticado
3	1	0	1	9.94710	morre
4	1	0	1	9.94710	casado
5	1	1	0	9.94710	bajular
6	1	0	1	8.94710	vivendo
7	1	1	0	8.94710	odiar
8	1	0	1	8.94710	encarava
9	1	1	0	8.36214	z
10	1	0	1	8.36214	surgiu
11	1	1	0	7.94710	pior
12	1	0	1	7.94710	atraente
13	2	0	2	7.36214	bastante
14	1	0	1	7.13975	leva
15	2	0	2	6.48767	nenhum
16	1	0	1	6.04021	desse
17	1	0	1	5.24666	este
18	22	22	0	5.17531	um
19	1	1	0	5.13975	algum
20	1	0	1	4.90271	pouco

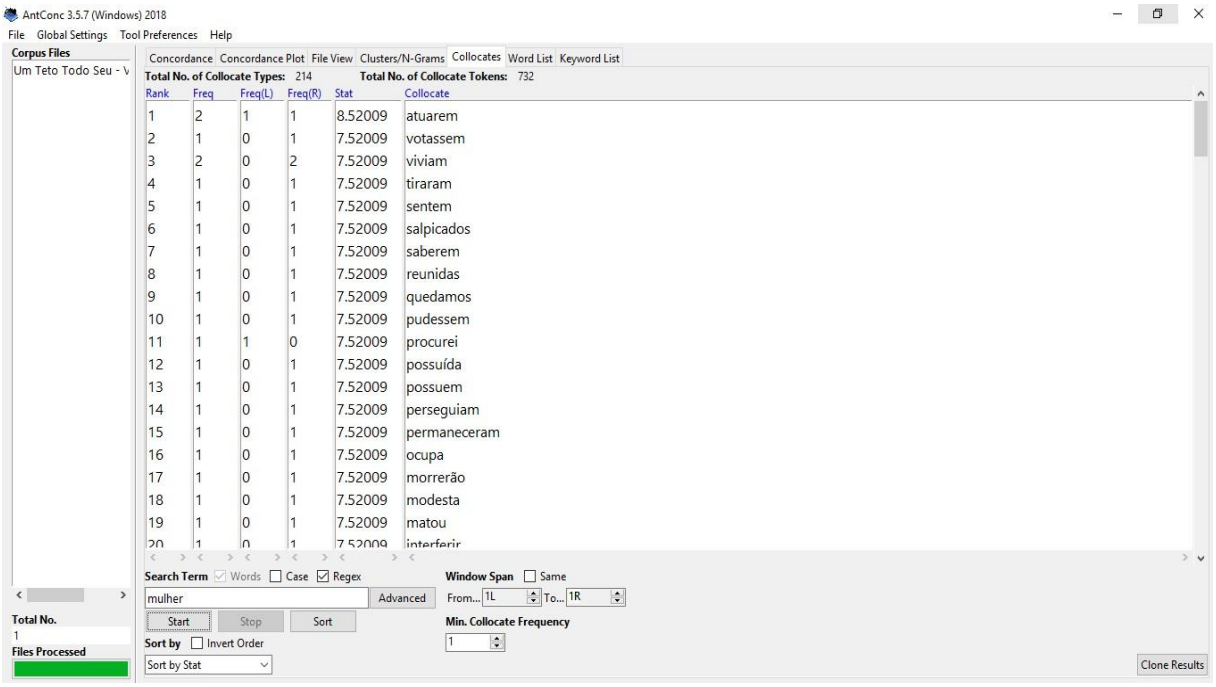
3)


AntConc 3.5.7 (Windows) 2018
File Global Settings Tool Preferences Help
Corpus Files
Virginia_Woolf_-_A_Ro
Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List
Total No. of Collocate Types: 43
Total No. of Collocate Tokens: 92
Rank Freq Freq(L) Freq(R) Stat Collocate
1 3 0 3 9.70108 womanly
2 1 1 0 9.70108 surpasses
3 1 0 1 9.70108 moves
4 1 1 0 9.70108 looselipped
5 1 0 1 9.70108 guffawed
6 1 1 0 8.70108 worst
7 1 0 1 8.70108 predominates
8 1 1 0 8.11612 remarkable
9 1 0 1 8.11612 attractive
10 1 0 1 7.70108 stopped
11 3 3 0 7.19858 young
12 1 1 0 6.37915 married
13 1 0 1 6.11612 living
14 1 0 1 5.37915 know
15 1 0 1 5.00064 thus
16 1 0 1 4.74688 still
17 1 0 1 4.74688 after
18 5 0 5 4.63930 s
19 2 2 0 4.55133 any
Search Term Words Case Regex
man
Advanced
Window Span Same
From... 1L To... 1R
Start Stop Sort
Min. Collocate Frequency
1
Sort by Invert Order
Sort by Stat
Clone Results
Total No.
1
Files Processed

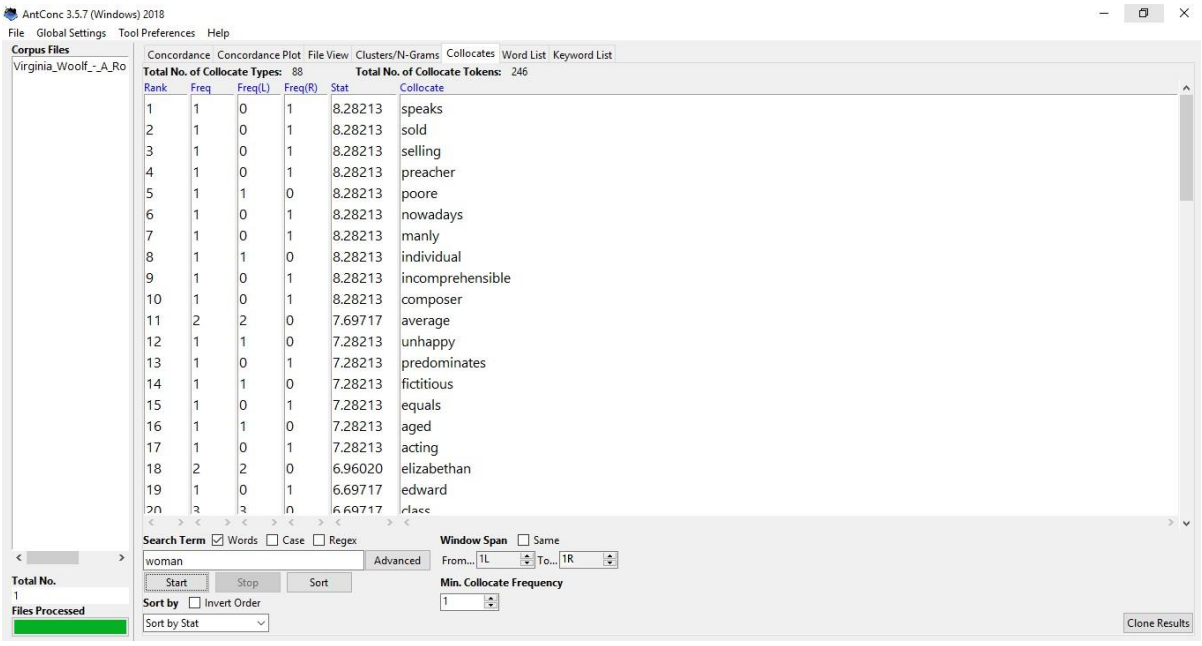
4)


AntConc 3.5.7 (Windows) 2018
File Global Settings Tool Preferences Help
Corpus Files
WOOLF1985.txt
Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List
Total No. of Collocate Types: 194
Total No. of Collocate Tokens: 634
Rank Freq Freq(L) Freq(R) Stat Collocate
1 1 0 1 8.24583 sentem
2 1 0 1 8.24583 reunidas
3 2 0 2 8.24583 representando
4 1 0 1 8.24583 recebia
5 1 0 1 8.24583 pudessem
6 1 1 0 8.24583 procurei
7 1 0 1 8.24583 possuída
8 1 0 1 8.24583 perseguiram
9 1 0 1 8.24583 passaram
10 1 0 1 8.24583 ouçamos
11 1 0 1 8.24583 nascida
12 1 0 1 8.24583 matou
13 1 0 1 8.24583 indicava
14 1 0 1 8.24583 how
15 1 0 1 8.24583 fictícia
16 1 0 1 8.24583 espalhadas
17 1 0 1 8.24583 escrevessem
18 1 0 1 8.24583 deverão
19 1 0 1 8.24583 desenhar
Search Term Words Case Regex
mulher
Advanced
Window Span Same
From... 1L To... 1R
Start Stop Sort
Min. Collocate Frequency
1
Sort by Invert Order
Sort by Stat
Clone Results
Total No.
1
Files Processed

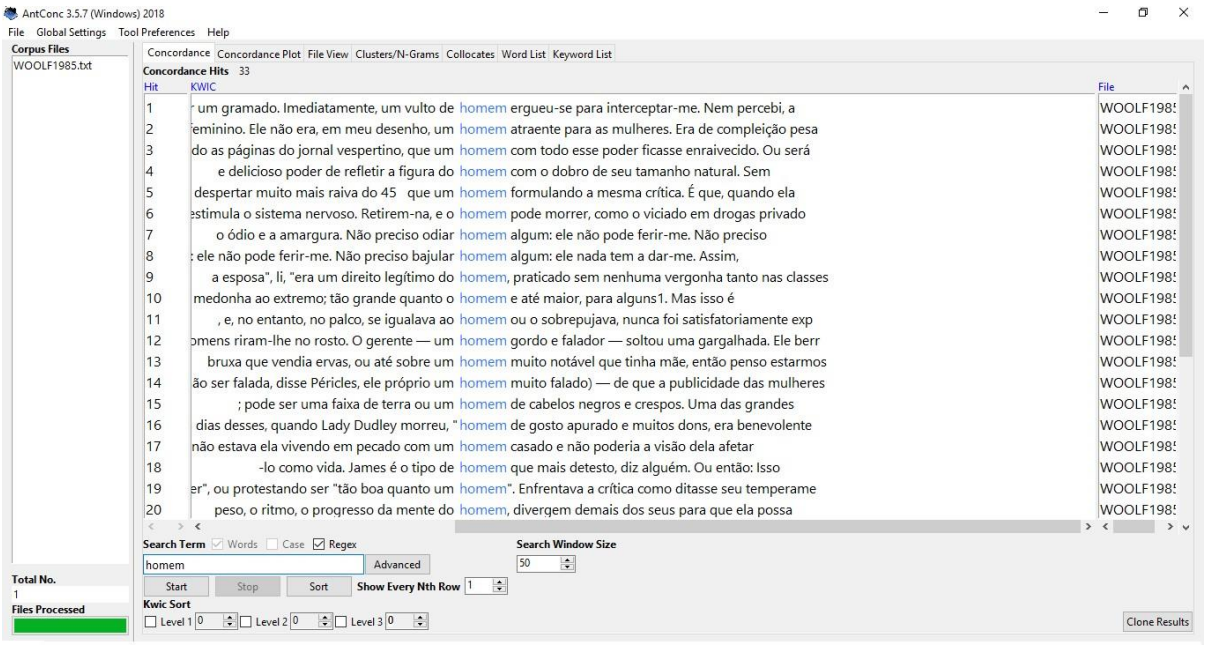
5)


AntConc 3.5.7 (Windows) 2018
File Global Settings Tool Preferences Help
Corpus Files
Um Teto Todo Seu - V
Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List
Total No. of Collocate Types: 214
Total No. of Collocate Tokens: 732
Rank Freq Freq(L) Freq(R) Stat Collocate
1 2 1 1 8.52009 atuarem
2 1 0 1 7.52009 votassem
3 2 0 2 7.52009 viviam
4 1 0 1 7.52009 tiraram
5 1 0 1 7.52009 sentem
6 1 0 1 7.52009 salpicados
7 1 0 1 7.52009 saberem
8 1 0 1 7.52009 reunidas
9 1 0 1 7.52009 quedamos
10 1 0 1 7.52009 pudessem
11 1 1 0 7.52009 procurei
12 1 0 1 7.52009 possuída
13 1 0 1 7.52009 possuem
14 1 0 1 7.52009 perseguiam
15 1 0 1 7.52009 permaneceram
16 1 0 1 7.52009 ocupa
17 1 0 1 7.52009 morrerão
18 1 0 1 7.52009 modesta
19 1 0 1 7.52009 matou
Search Term Words Case Regex
mulher
Advanced
Window Span Same
From... 1L To... 1R
Start Stop Sort
Min. Collocate Frequency
1
Sort by Invert Order
Sort by Stat
Clone Results
Total No.
1
Files Processed

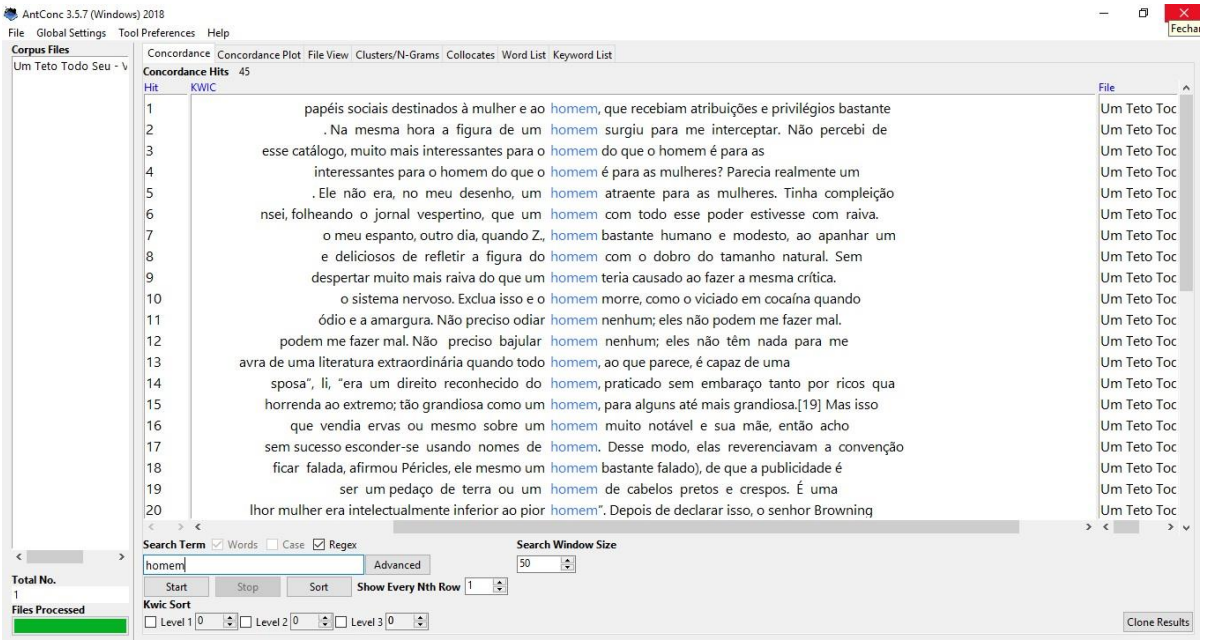
6)


AntConc 3.5.7 (Windows) 2018
File Global Settings Tool Preferences Help
Corpus Files
Virginia_Woolf_-_A_Ro
Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List
Total No. of Collocate Types: 88
Total No. of Collocate Tokens: 246
Rank Freq Freq(L) Freq(R) Stat Collocate
1 1 0 1 8.28213 speaks
2 1 0 1 8.28213 sold
3 1 0 1 8.28213 selling
4 1 0 1 8.28213 preacher
5 1 1 0 8.28213 poore
6 1 0 1 8.28213 nowadays
7 1 0 1 8.28213 manly
8 1 1 0 8.28213 individual
9 1 0 1 8.28213 incomprehensible
10 1 0 1 8.28213 composer
11 2 2 0 7.69717 average
12 1 1 0 7.28213 unhappy
13 1 0 1 7.28213 predominates
14 1 1 0 7.28213 fictitious
15 1 0 1 7.28213 equals
16 1 1 0 7.28213 aged
17 1 0 1 7.28213 acting
18 2 2 0 6.96020 elizabethan
19 1 0 1 6.69717 edward
Search Term Words Case Regex
woman
Advanced
Window Span Same
From... 1L To... 1R
Start Stop Sort
Min. Collocate Frequency
1
Sort by Invert Order
Sort by Stat
Clone Results
Total No.
1
Files Processed

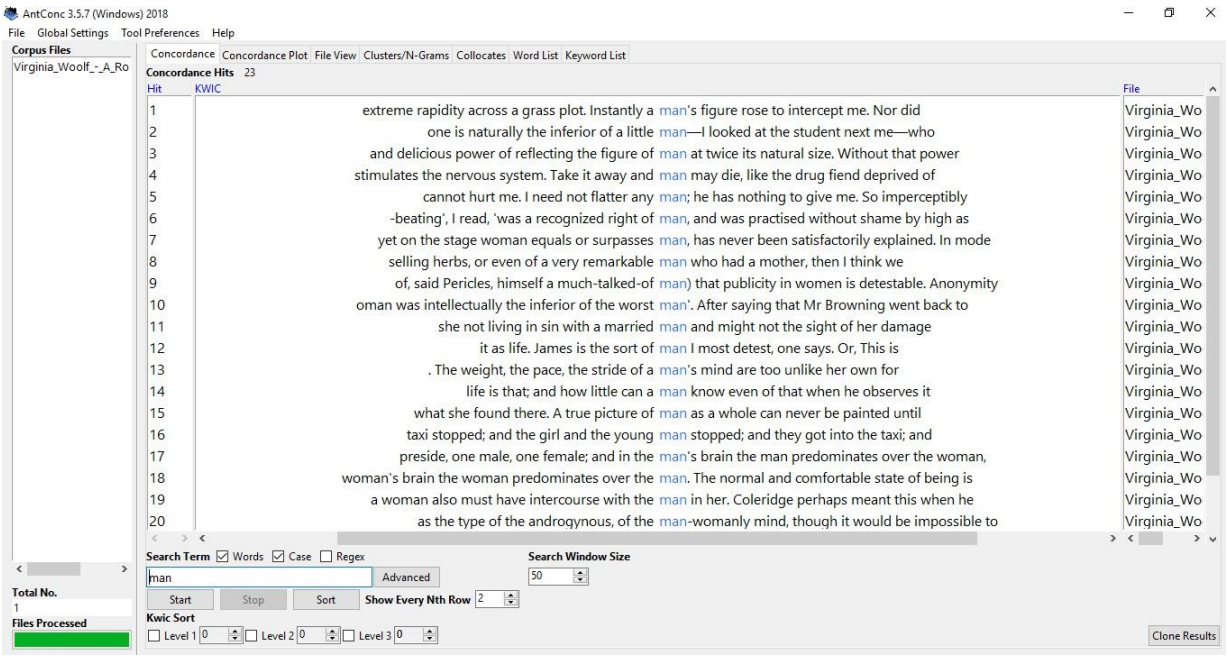
7)


AntConc 3.5.7 (Windows) 2018
File Global Settings Tool Preferences Help
Corpus Files
WOOLF1985.txt
Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List
Concordance Hits 33
Hit KWIC File
1 um gramado. Imediatamente, um vulto de homem ergueu-se para interceptar-me. Nem percebi, a
2 eminino. Ele não era, em meu desenho, um homem atraente para as mulheres. Era de compleição pesa
3 do as páginas do jornal vespertino, que um homem com todo esse poder ficasse enraivecido. Ou será
4 e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro de seu tamanho natural. Sem
5 despertar muito mais raiva do 45 que um homem formulando a mesma crítica. É que, quando ela
6 estimula o sistema nervoso. Retirem-na, e o homem pode morrer, como o viciado em drogas privado
7 o ódio e a amargura. Não preciso odiar homem algum: ele não pode ferir-me. Não preciso
8 ele não pode ferir-me. Não preciso bajular homem algum: ele nada tem a dar-me. Assim,
9 a esposa", li, "era um direito legítimo do homem, praticado sem nenhuma vergonha tanto nas classes
10 medonha ao extremo; tão grande quanto o homem e até maior, para alguns1. Mas isso é
11 , e, no entanto, no palco, se igualava ao homem ou o sobrepujava, nunca foi satisfatoriamente exp
12 omens riram-lhe no rosto. O gerente — um homem gordo e falador — soltou uma gargalhada. Ele berr
13 bruxa que vendia ervas, ou até sobre um homem muito notável que tinha mãe, então penso estarmos
14 ão ser falada, disse Péricles, ele próprio um homem muito falado) — de que a publicidade das mulheres
15 ; pode ser uma faixa de terra ou um homem de cabelos negros e crespos. Uma das grandes
16 dias desses, quando Lady Dudley morreu, " homem de gosto apurado e muitos dons, era benevolente
17 não estava ela vivendo em pecado com um homem casado e não poderia a visão dela afetar
18 -lo como vida. James é o tipo de homem que mais detesto, diz alguém. Ou então: Isso
19 er", ou protestando ser "tão boa quanto um homem". Enfrentava a crítica como ditasse seu temperame
20 peso, o ritmo, o progresso da mente do homem, divergem demais dos seus para que ela possa
Search Term Words Case Regex
Search Window Size
homem
Advanced
50
Start Stop Sort Show Every Nth Row 1
Kwic Sort
Level 1 0 Level 2 0 Level 3 0
Clone Results
Total No.
1
Files Processed

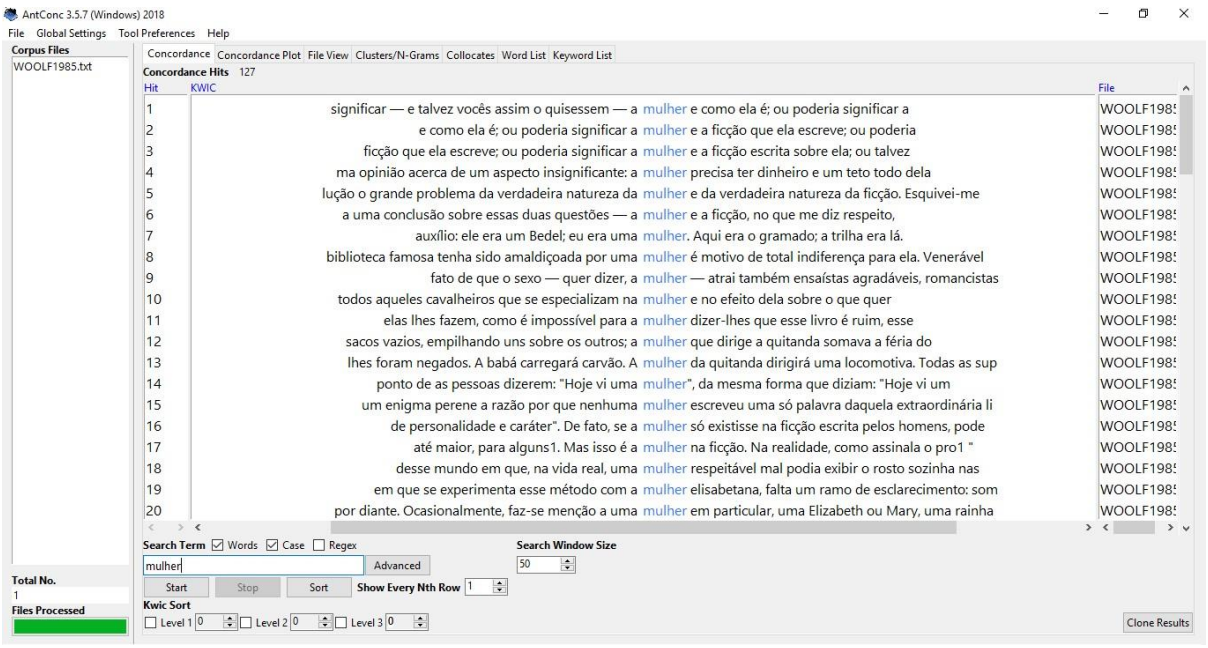
8)


AntConc 3.5.7 (Windows) 2018
File Global Settings Tool Preferences Help
Corpus Files
Um Teto Todo Seu - V
Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List
Concordance Hits 45
Hit KWIC File
1 papéis sociais destinados à mulher e ao homem, que recebiam atribuições e privilégios bastante
2 . Na mesma hora a figura de um homem surgiu para me interceptar. Não percebi de
3 esse catálogo, muito mais interessantes para o homem do que o homem é para as
4 interessantes para o homem do que o homem é para as mulheres? Parecia realmente um
5 . Ele não era, no meu desenho, um homem atraente para as mulheres. Tinha compleição
6 nsei, folheando o jornal vespertino, que um homem com todo esse poder estivesse com raiva.
7 o meu espanto, outro dia, quando Z., homem bastante humano e modesto, ao apanhar um
8 e deliciosos de refletir a figura do homem com o dobro do tamanho natural. Sem
9 despertar muito mais raiva do que um homem teria causado ao fazer a mesma crítica.
10 o sistema nervoso. Exclua isso e o homem morre, como o viciado em cocaína quando
11 ódio e a amargura. Não preciso odiar homem nenhum; eles não podem me fazer mal.
12 podem me fazer mal. Não preciso bajular homem nenhum; eles não têm nada para me
13 avra de uma literatura extraordinária quando todo homem, ao que parece, é capaz de uma
14 sposa", li, "era um direito reconhecido do homem, praticado sem embaraço tanto por ricos qua
15 horrenda ao extremo; tão grandiosa como um homem, para alguns até mais grandiosa.[19] Mas isso
16 que vendia ervas ou mesmo sobre um homem muito notável e sua mãe, então acho
17 sem sucesso esconder-se usando nomes de homem. Desse modo, elas reverenciavam a convenção
18 ficar falada, afirmou Péricles, ele mesmo um homem bastante falado), de que a publicidade é
19 ser um pedaço de terra ou um homem de cabelos pretos e crespos. É uma
20 lhor mulher era intelectualmente inferior ao pior homem". Depois de declarar isso, o senhor Browning
Search Term Words Case Regex
Search Window Size
homem
Advanced
50
Start Stop Sort Show Every Nth Row 1
Kwic Sort
Level 1 0 Level 2 0 Level 3 0
Clone Results
Total No.
1
Files Processed

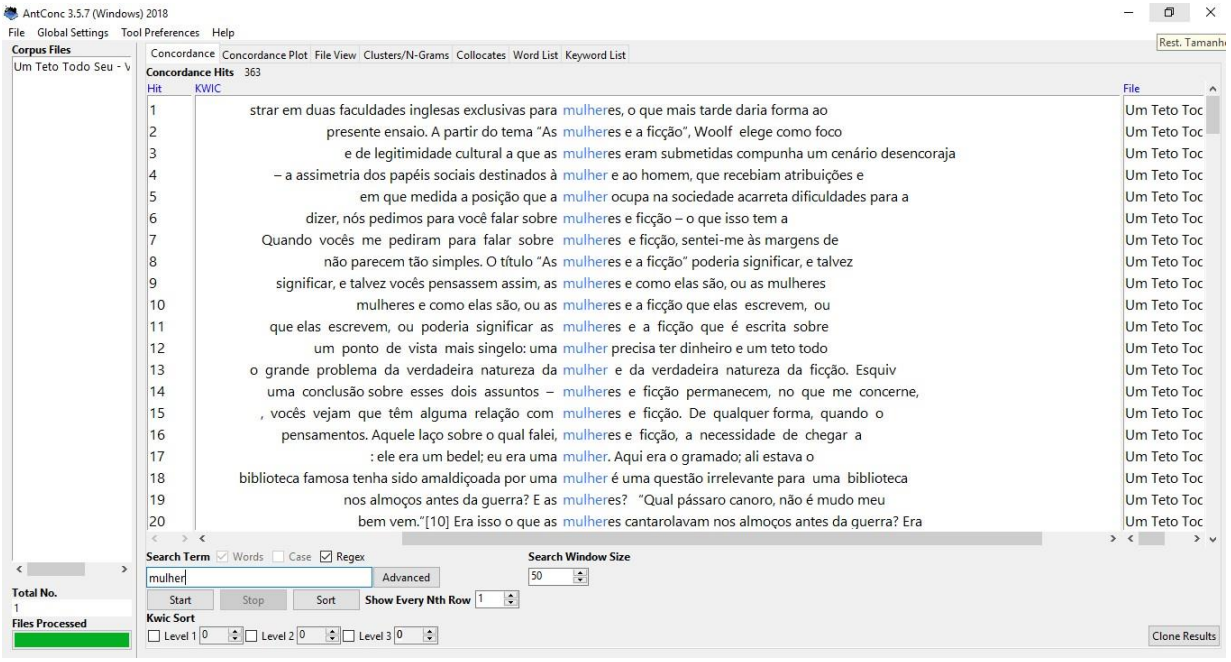
9)


AntConc 3.5.7 (Windows) 2018
File Global Settings Tool Preferences Help
Corpus Files
Virginia_Woolf_-_A_Ro
Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List
Concordance Hits 23
Hit KWIC File
1 extreme rapidity across a grass plot. Instantly a man's figure rose to intercept me. Nor did Virginia_Wo
2 one is naturally the inferior of a little man—I looked at the student next me—who Virginia_Wo
3 and delicious power of reflecting the figure of man at twice its natural size. Without that power Virginia_Wo
4 stimulates the nervous system. Take it away and man may die, like the drug fiend deprived of Virginia_Wo
5 cannot hurt me. I need not flatter any man; he has nothing to give me. So imperceptibly Virginia_Wo
6 -beating', I read, 'was a recognized right of man, and was practised without shame by high as Virginia_Wo
7 yet on the stage woman equals or surpasses man, has never been satisfactorily explained. In mode Virginia_Wo
8 selling herbs, or even of a very remarkable man who had a mother, then I think we Virginia_Wo
9 of, said Pericles, himself a much-talked-of man) that publicity in women is detestable. Anonymity Virginia_Wo
10 oman was intellectually the inferior of the worst man'. After saying that Mr Browning went back to Virginia_Wo
11 she not living in sin with a married man and might not the sight of her damage Virginia_Wo
12 it as life. James is the sort of man I most detest, one says. Or, This is Virginia_Wo
13 . The weight, the pace, the stride of a man's mind are too unlike her own for Virginia_Wo
14 life is that; and how little can a man know even of that when he observes it Virginia_Wo
15 what she found there. A true picture of man as a whole can never be painted until Virginia_Wo
16 taxi stopped; and the girl and the young man stopped; and they got into the taxi; and Virginia_Wo
17 preside, one male, one female; and in the man's brain the man predominates over the woman, Virginia_Wo
18 woman's brain the woman predominates over the man. The normal and comfortable state of being is Virginia_Wo
19 a woman also must have intercourse with the man in her. Coleridge perhaps meant this when he Virginia_Wo
20 as the type of the androgynous, of the man-womanly mind, though it would be impossible to Virginia_Wo
Search Term Words Case Regex
Search Window Size
man
Advanced
50
Start Stop Sort Show Every Nth Row 2
Kwic Sort
Level 1 0 Level 2 0 Level 3 0
Clone Results
Total No.
1
Files Processed

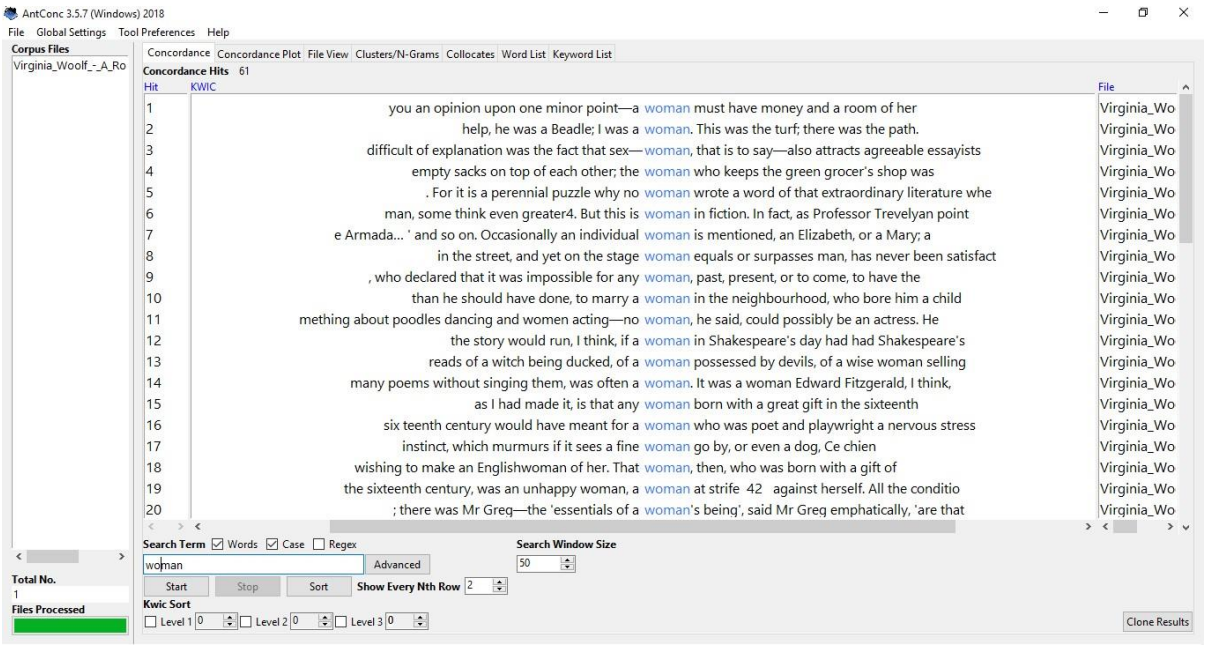
10)


AntConc 3.5.7 (Windows) 2018
File Global Settings Tool Preferences Help
Corpus Files
WOOLF1985.txt
Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List
Concordance Hits 127
Hit KWIC File
1 significar — e talvez vocês assim o quisessem — a mulher e como ela é; ou poderia significar a WOOLF198
2 e como ela é; ou poderia significar a mulher e a ficção que ela escreve; ou poderia WOOLF198
3 ficção que ela escreve; ou poderia significar a mulher e a ficção escrita sobre ela; ou talvez WOOLF198
4 ma opinião acerca de um aspecto insignificante: a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela WOOLF198
5 lução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. Esquivei-me WOOLF198
6 a uma conclusão sobre essas duas questões — a mulher e a ficção, no que me diz respeito, WOOLF198
7 auxílio: ele era um Bedel; eu era uma mulher. Aqui era o gramado; a trilha era lá. WOOLF198
8 biblioteca famosa tenha sido amaldiçoada por uma mulher é motivo de total indiferença para ela. Venerável WOOLF198
9 fato de que o sexo — quer dizer, a mulher — atrai também ensaístas agradáveis, romancistas WOOLF198
10 todos aqueles cavalheiros que se especializam na mulher e no efeito dela sobre o que quer WOOLF198
11 elas lhes fazem, como é impossível para a mulher dizer-lhes que esse livro é ruim, esse WOOLF198
12 sacos vazios, empilhando uns sobre os outros; a mulher que dirige a quitanda somava a féria do WOOLF198
13 lhes foram negados. A babá carregará carvão. A mulher da quitanda dirigirá uma locomotiva. Todas as sup WOOLF198
14 ponto de as pessoas dizerem: "Hoje vi uma mulher", da mesma forma que diziam: "Hoje vi um WOOLF198
15 um enigma perene a razão por que nenhuma mulher escreveu uma só palavra daquela extraordinária li WOOLF198
16 de personalidade e caráter". De fato, se a mulher só existisse na ficção escrita pelos homens, pode WOOLF198
17 até maior, para alguns1. Mas isso é a mulher na ficção. Na realidade, como assinala o pro1 " WOOLF198
18 desse mundo em que, na vida real, uma mulher respeitável mal podia exibir o rosto sozinha nas WOOLF198
19 em que se experimenta esse método com a mulher elisabetana, falta um ramo de esclarecimento: som WOOLF198
20 por diante. Ocasionalmente, faz-se menção a uma mulher em particular, uma Elizabeth ou Mary, uma rainha WOOLF198
Search Term Words Case Regex
Search Window Size
mulher
Advanced
50
Start Stop Sort Show Every Nth Row 1
Kwic Sort
Level 1 0 Level 2 0 Level 3 0
Clone Results
Total No.
1
Files Processed

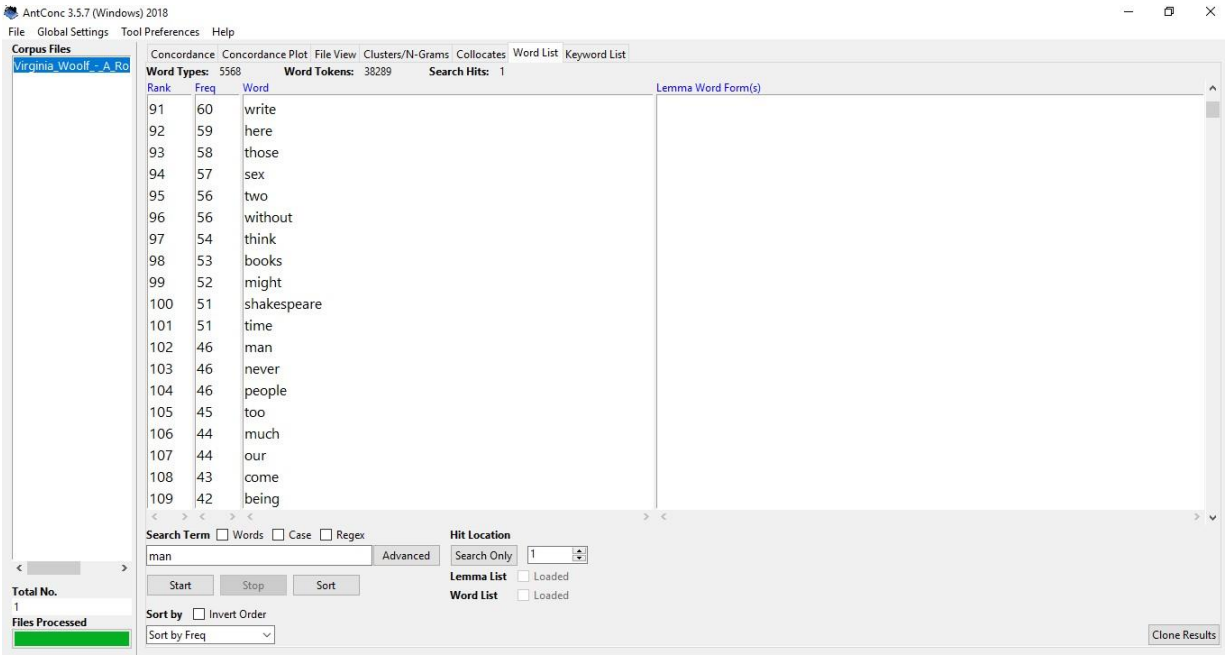
11)


AntConc 3.5.7 (Windows) 2018
File Global Settings Tool Preferences Help
Corpus Files
Um Teto Todo Seu - V
Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List
Concordance Hits 363
Hit KWIC File
1 strar em duas faculdades inglesas exclusivas para mulheres, o que mais tarde daria forma ao Um Teto Toc
2 presente ensaio. A partir do tema "As mulheres e a ficção", Woolf elege como foco Um Teto Toc
3 e de legitimidade cultural a que as mulheres eram submetidas compunha um cenário desencoraja Um Teto Toc
4 – a assimetria dos papéis sociais destinados à mulher e ao homem, que recebiam atribuições e Um Teto Toc
5 em que medida a posição que a mulher ocupa na sociedade acarreta dificuldades para a Um Teto Toc
6 dizer, nós pedimos para você falar sobre mulheres e ficção – o que isso tem a Um Teto Toc
7 Quando vocês me pediram para falar sobre mulheres e ficção, sentei-me às margens de Um Teto Toc
8 não parecem tão simples. O título "As mulheres e a ficção" poderia significar, e talvez Um Teto Toc
9 significar, e talvez vocês pensassem assim, as mulheres e como elas são, ou as mulheres Um Teto Toc
10 mulheres e como elas são, ou as mulheres e a ficção que elas escrevem, ou Um Teto Toc
11 que elas escrevem, ou poderia significar as mulheres e a ficção que é escrita sobre Um Teto Toc
12 um ponto de vista mais singelo: uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo Um Teto Toc
13 o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. Esquiv Um Teto Toc
14 uma conclusão sobre esses dois assuntos – mulheres e ficção permanecem, no que me concerne, Um Teto Toc
15 , vocês vejam que têm alguma relação com mulheres e ficção. De qualquer forma, quando o Um Teto Toc
16 pensamentos. Aquele laço sobre o qual falei, mulheres e ficção, a necessidade de chegar a Um Teto Toc
17 : ele era um bedel; eu era uma mulher. Aqui era o gramado; ali estava o Um Teto Toc
18 biblioteca famosa tenha sido amaldiçoada por uma mulher é uma questão irrelevante para uma biblioteca Um Teto Toc
19 nos almoços antes da guerra? E as mulheres? "Qual pássaro canoro, não é mudo meu Um Teto Toc
20 bem vem."[10] Era isso o que as mulheres cantarolavam nos almoços antes da guerra? Era Um Teto Toc
Search Term Words Case Regex
Search Window Size
mulher
Advanced
50
Start Stop Sort Show Every Nth Row 1
Kwic Sort
Level 1 0 Level 2 0 Level 3 0
Clone Results
Total No.
1
Files Processed

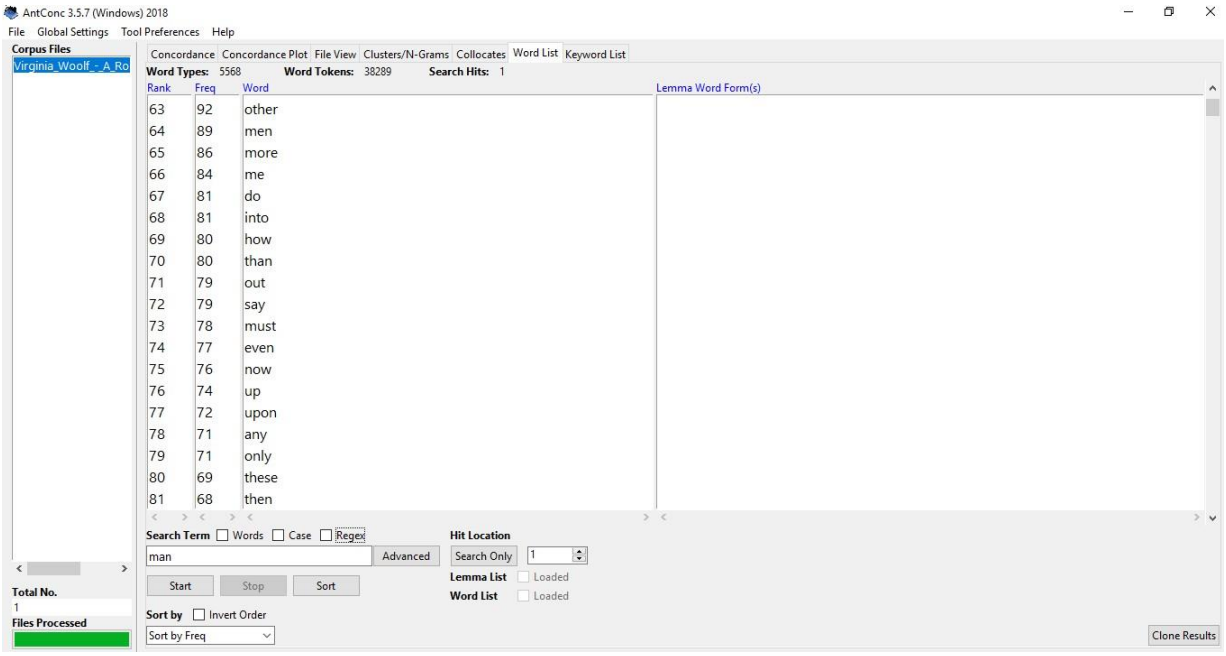
12)


AntConc 3.5.7 (Windows) 2018
File Global Settings Tool Preferences Help
Corpus Files
Virginia_Woolf_-_A_Ro
Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List
Concordance Hits 61
Hit KWIC File
1 you an opinion upon one minor point—a woman must have money and a room of her Virginia_Wo
2 help, he was a Beadle; I was a woman. This was the turf; there was the path. Virginia_Wo
3 difficult of explanation was the fact that sex—woman, that is to say—also attracts agreeable essayists Virginia_Wo
4 empty sacks on top of each other; the woman who keeps the green grocer's shop was Virginia_Wo
5 . For it is a perennial puzzle why no woman wrote a word of that extraordinary literature whe Virginia_Wo
6 man, some think even greater4. But this is woman in fiction. In fact, as Professor Trevelyan point Virginia_Wo
7 e Armada... ' and so on. Occasionally an individual woman is mentioned, an Elizabeth, or a Mary; a Virginia_Wo
8 in the street, and yet on the stage woman equals or surpasses man, has never been satisfact Virginia_Wo
9 , who declared that it was impossible for any woman, past, present, or to come, to have the Virginia_Wo
10 than he should have done, to marry a woman in the neighbourhood, who bore him a child Virginia_Wo
11 mething about poodles dancing and women acting—no woman, he said, could possibly be an actress. He Virginia_Wo
12 the story would run, I think, if a woman in Shakespeare's day had had Shakespeare's Virginia_Wo
13 reads of a witch being ducked, of a woman possessed by devils, of a wise woman selling Virginia_Wo
14 many poems without singing them, was often a woman. It was a woman Edward Fitzgerald, I think, Virginia_Wo
15 as I had made it, is that any woman born with a great gift in the sixteenth Virginia_Wo
16 six teenth century would have meant for a woman who was poet and playwright a nervous stress Virginia_Wo
17 instinct, which murmurs if it sees a fine woman go by, or even a dog, Ce chien Virginia_Wo
18 wishing to make an Englishwoman of her. That woman, then, who was born with a gift of Virginia_Wo
19 the sixteenth century, was an unhappy woman, a woman at strife 42 against herself. All the conditio Virginia_Wo
20 ; there was Mr Greg—the 'essentials of a woman's being', said Mr Greg emphatically, 'are that Virginia_Wo
Search Term Words Case Regex
Search Window Size
woman
Advanced
50
Start Stop Sort Show Every Nth Row 2
Kwic Sort
Level 1 0 Level 2 0 Level 3 0
Clone Results
Total No.
1
Files Processed

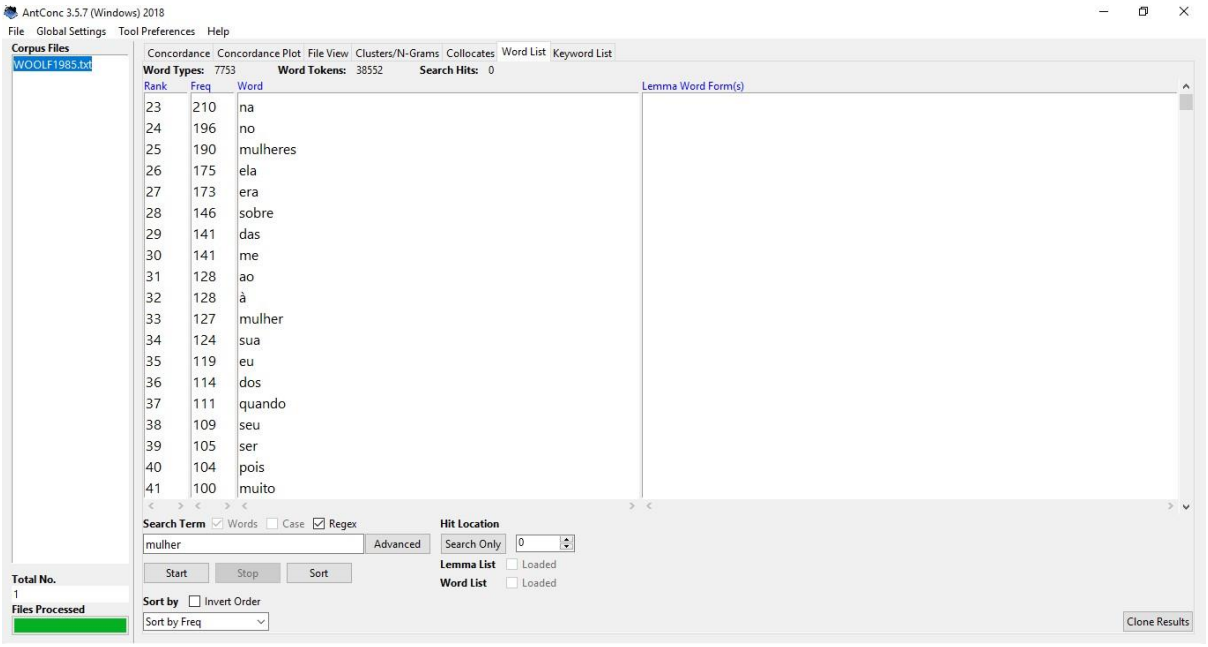
13)


AntConc 3.5.7 (Windows) 2018
File Global Settings Tool Preferences Help
Corpus Files
Virginia_Woolf_-_A_Ro
Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List
Word Types: 5568 Word Tokens: 38289 Search Hits: 1
Rank Freq Word Lemma Word Form(s)
91 60 write
92 59 here
93 58 those
94 57 sex
95 56 two
96 56 without
97 54 think
98 53 books
99 52 might
100 51 shakespeare
101 51 time
102 46 man
103 46 never
104 46 people
105 45 too
106 44 much
107 44 our
108 43 come
109 42 being
Search Term Words Case Regex
man
Advanced
Hit Location
Search Only 1
Lemma List Loaded
Word List Loaded
Start Stop Sort
Total No.
1
Files Processed
Sort by Invert Order
Sort by Freq
Clone Results

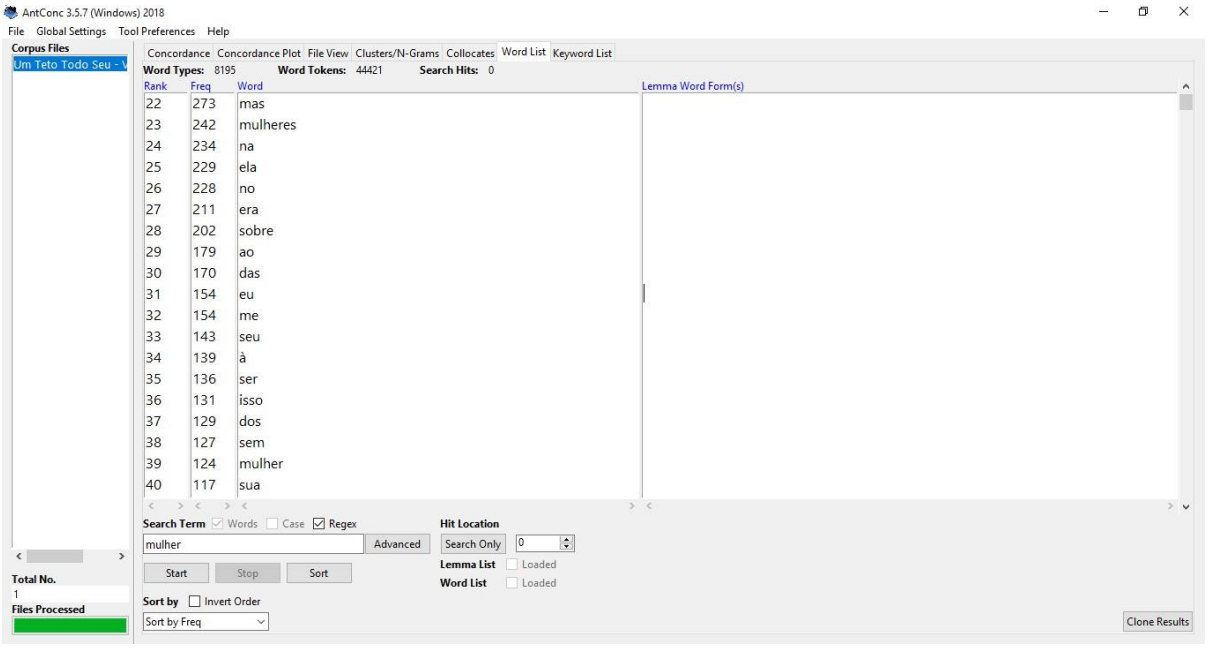
14)


AntConc 3.5.7 (Windows) 2018
File Global Settings Tool Preferences Help
Corpus Files
Virginia_Woolf_-_A_Ro
Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List
Word Types: 5568 Word Tokens: 38289 Search Hits: 1
Rank Freq Word Lemma Word Form(s)
63 92 other
64 89 men
65 86 more
66 84 me
67 81 do
68 81 into
69 80 how
70 80 than
71 79 out
72 79 say
73 78 must
74 77 even
75 76 now
76 74 up
77 72 upon
78 71 any
79 71 only
80 69 these
81 68 then
Search Term Words Case Regex
man
Advanced
Hit Location
Search Only 1
Start Stop Sort
Lemma List Loaded
Word List Loaded
Total No.
1
Files Processed
Sort by Invert Order
Sort by Freq
Clone Results

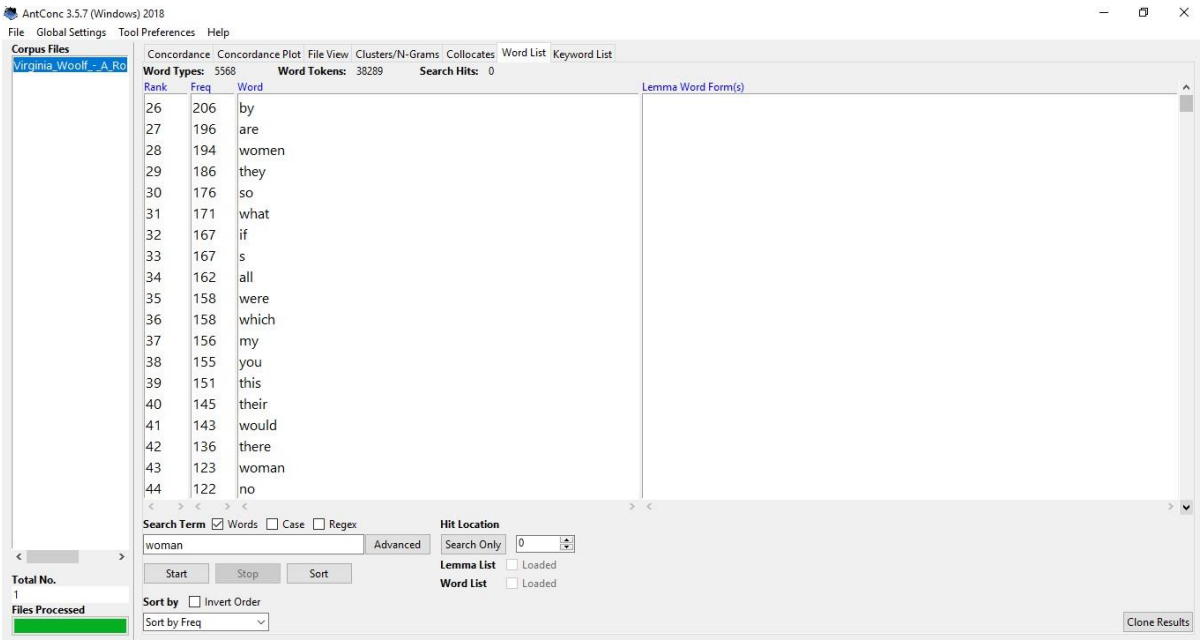
15)


AntConc 3.5.7 (Windows) 2018
File Global Settings Tool Preferences Help
Corpus Files
WOOLF1985.txt
Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List
Word Types: 7753 Word Tokens: 38552 Search Hits: 0
Rank Freq Word Lemma Word Form(s)
23 210 na
24 196 no
25 190 mulheres
26 175 ela
27 173 era
28 146 sobre
29 141 das
30 141 me
31 128 ao
32 128 à
33 127 mulher
34 124 sua
35 119 eu
36 114 dos
37 111 quando
38 109 seu
39 105 ser
40 104 pois
41 100 muito
Search Term Words Case Regex
mulher
Advanced
Hit Location
Search Only 0
Start Stop Sort
Lemma List Loaded
Word List Loaded
Total No.
1
Files Processed
Sort by Invert Order
Sort by Freq
Clone Results

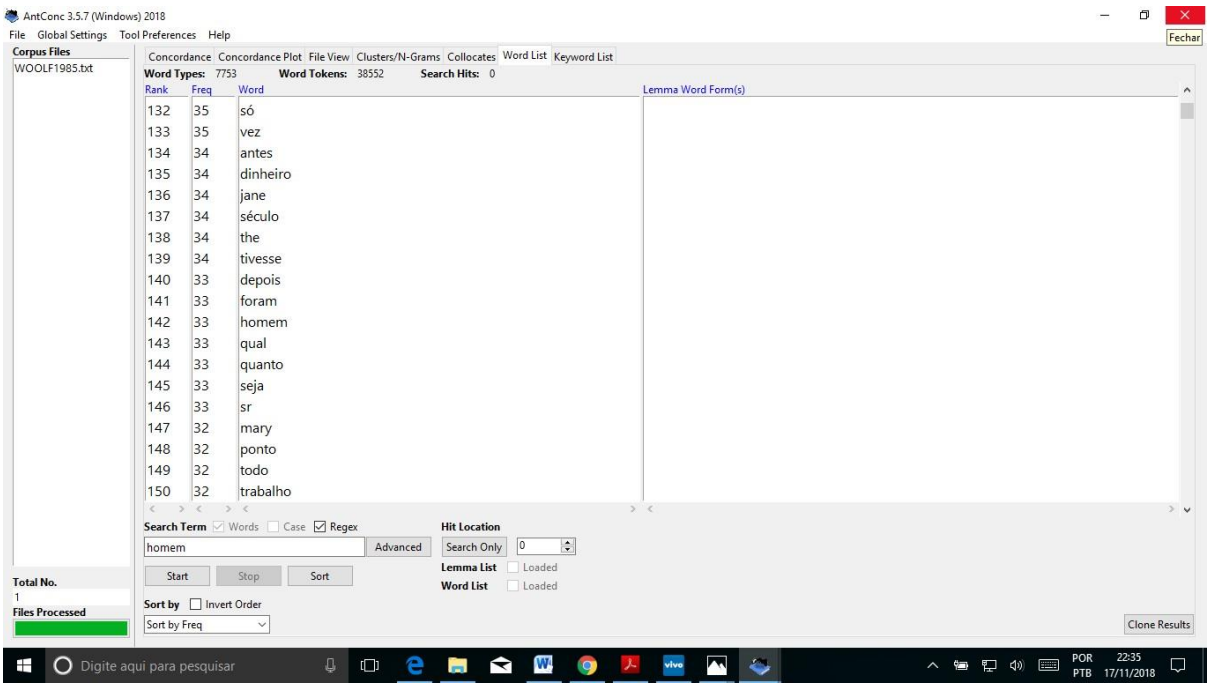
16)


AntConc 3.5.7 (Windows) 2018
File Global Settings Tool Preferences Help
Corpus Files
Um Teto Todo Seu - V
Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List
Word Types: 8195 Word Tokens: 44421 Search Hits: 0
Rank Freq Word Lemma Word Form(s)
22 273 mas
23 242 mulheres
24 234 na
25 229 ela
26 228 no
27 211 era
28 202 sobre
29 179 ao
30 170 das
31 154 eu
32 154 me
33 143 seu
34 139 à
35 136 ser
36 131 isso
37 129 dos
38 127 sem
39 124 mulher
40 117 sua
Search Term Words Case Regex
mulher Advanced
Hit Location
Search Only 0
Start Stop Sort
Lemma List Loaded
Word List Loaded
Total No.
1
Files Processed
Sort by Invert Order
Sort by Freq
Clone Results

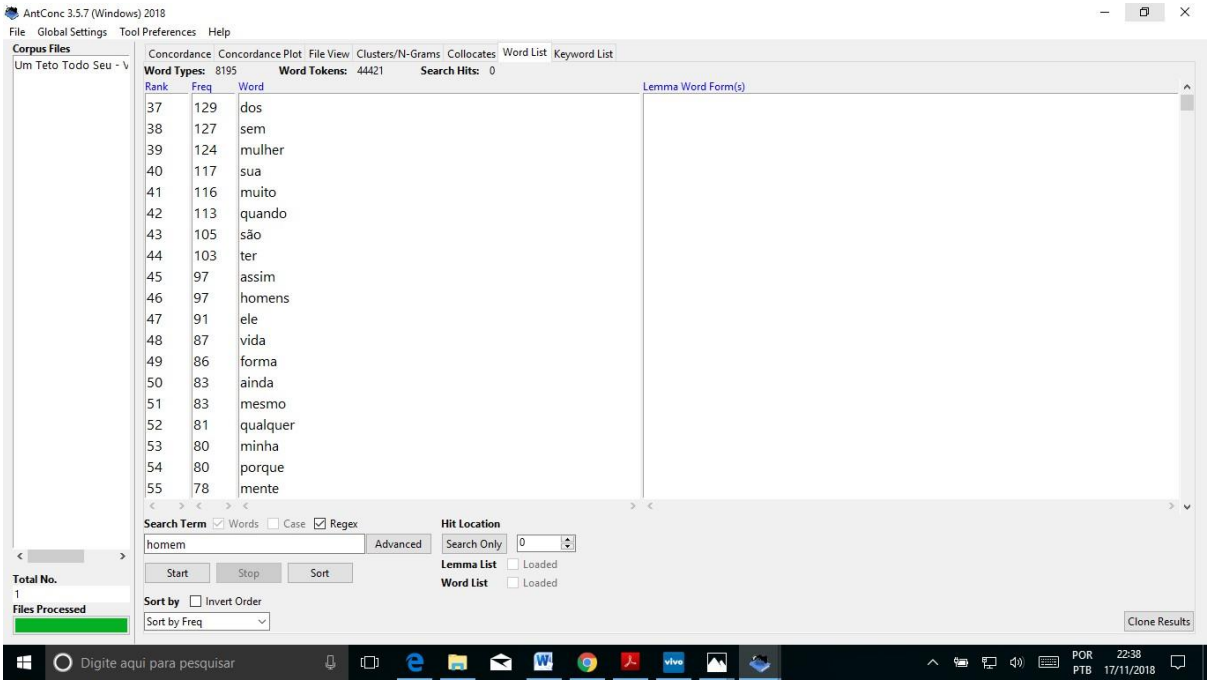
17)


AntConc 3.5.7 (Windows) 2018
File Global Settings Tool Preferences Help
Corpus Files
Virginia_Woolf_-_A_Ro
Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List
Word Types: 5568 Word Tokens: 38289 Search Hits: 0
Rank Freq Word Lemma Word Form(s)
26 206 by
27 196 are
28 194 women
29 186 they
30 176 so
31 171 what
32 167 if
33 167 s
34 162 all
35 158 were
36 158 which
37 156 my
38 155 you
39 151 this
40 145 their
41 143 would
42 136 there
43 123 woman
44 122 no
Search Term Words Case Regex
woman Advanced
Hit Location
Search Only 0
Start Stop Sort
Lemma List Loaded
Word List Loaded
Total No.
1
Files Processed
Sort by Invert Order
Sort by Freq
Clone Results

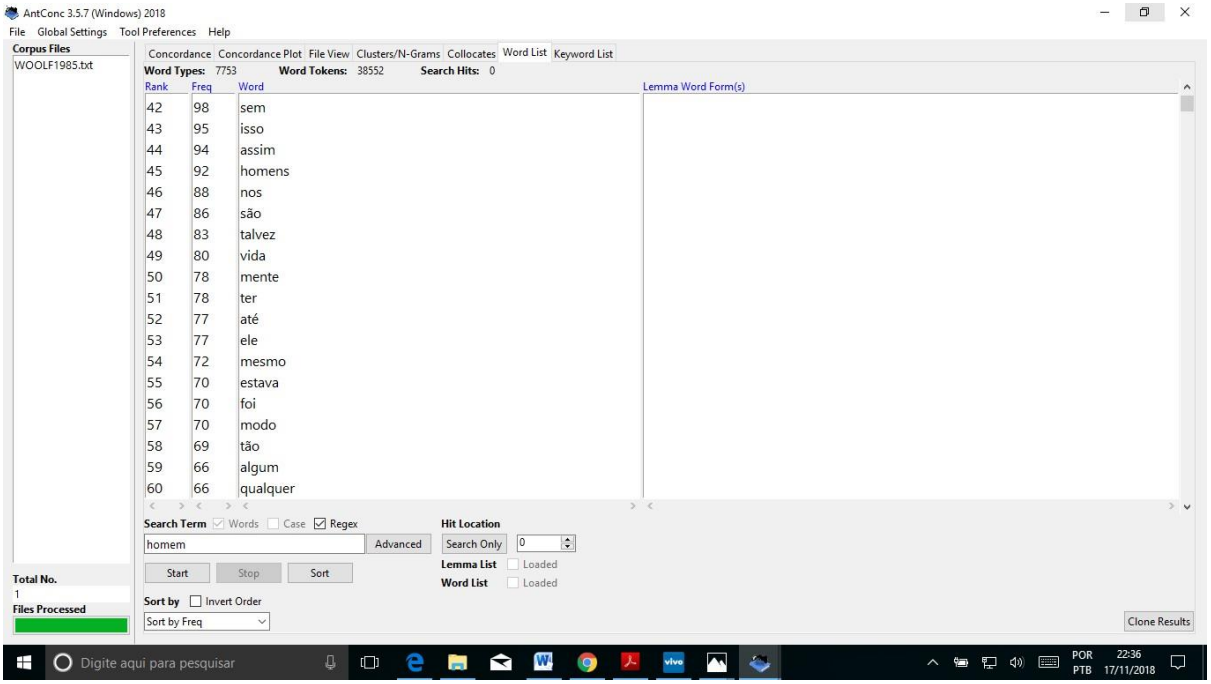
18)


AntConc 3.5.7 (Windows) 2018
File Global Settings Tool Preferences Help
Fechar
Corpus Files
WOOLF1985.txt
Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List
Word Types: 7753 Word Tokens: 38552 Search Hits: 0
Rank Freq Word Lemma Word Form(s)
132 35 só
133 35 vez
134 34 antes
135 34 dinheiro
136 34 jane
137 34 século
138 34 the
139 34 tivesse
140 33 depois
141 33 foram
142 33 homem
143 33 qual
144 33 quanto
145 33 seja
146 33 sr
147 32 mary
148 32 ponto
149 32 todo
150 32 trabalho
Search Term Words Case Regex
homem
Advanced
Hit Location
Search Only 0
Lemma List Loaded
Word List Loaded
Start Stop Sort
Total No.
1
Files Processed
Sort by Invert Order
Sort by Freq
Clone Results
Digite aqui para pesquisar
POR PTB 22:35 17/11/2018

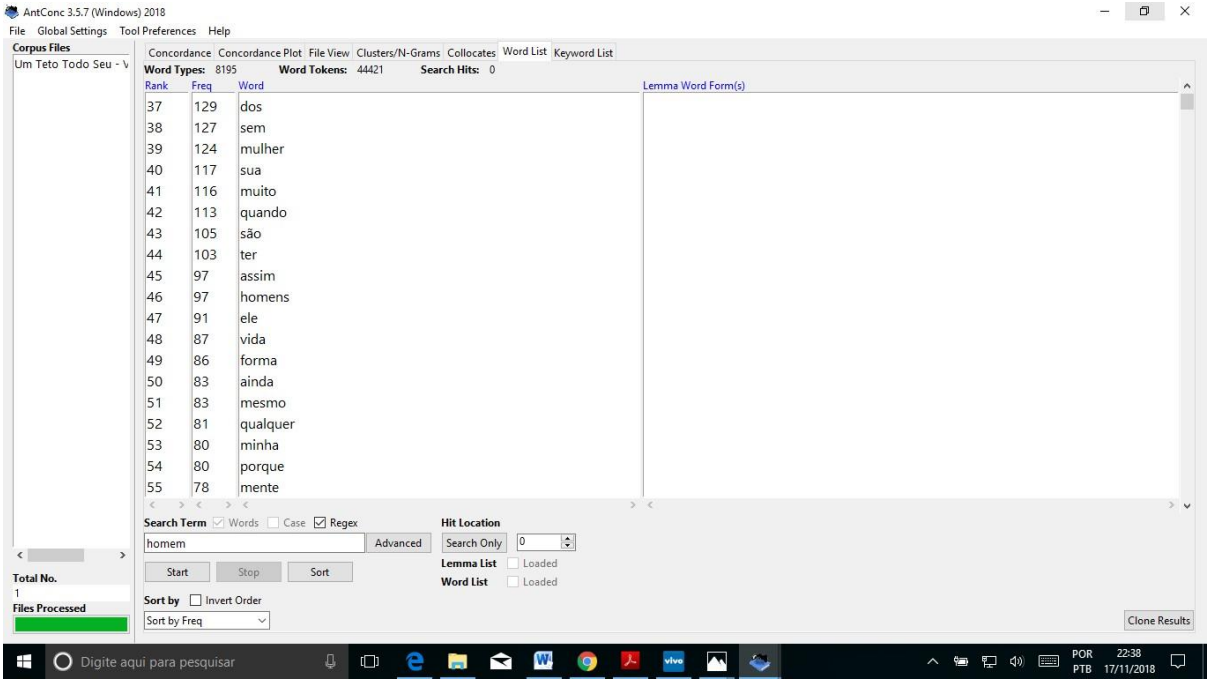
19)


AntConc 3.5.7 (Windows) 2018
File Global Settings Tool Preferences Help
Corpus Files
Um Teto Todo Seu - V
Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List
Word Types: 8195 Word Tokens: 44421 Search Hits: 0
Rank Freq Word Lemma Word Form(s)
37 129 dos
38 127 sem
39 124 mulher
40 117 sua
41 116 muito
42 113 quando
43 105 são
44 103 ter
45 97 assim
46 97 homens
47 91 ele
48 87 vida
49 86 forma
50 83 ainda
51 83 mesmo
52 81 qualquer
53 80 minha
54 80 porque
55 78 mente
Search Term Words Case Regex
homem
Advanced
Hit Location
Search Only 0
Lemma List Loaded
Word List Loaded
Start Stop Sort
Total No.
1
Files Processed
Sort by Invert Order
Sort by Freq
Clone Results
Digite aqui para pesquisar
POR PTB 22:38 17/11/2018

20)


AntConc 3.5.7 (Windows) 2018
File Global Settings Tool Preferences Help
Corpus Files
WOOLF1985.txt
Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List
Word Types: 7753 Word Tokens: 38552 Search Hits: 0
Rank Freq Word
42 98 sem
43 95 isso
44 94 assim
45 92 homens
46 88 nos
47 86 são
48 83 talvez
49 80 vida
50 78 mente
51 78 ter
52 77 até
53 77 ele
54 72 mesmo
55 70 estava
56 70 foi
57 70 modo
58 69 tão
59 66 algum
60 66 qualquer
Lemma Word Form(s)
Search Term Words Case Regex
homem
Advanced
Hit Location
Search Only
Start Stop Sort
Lemma List Loaded
Word List Loaded
Total No.
1
Files Processed
Sort by Invert Order
Sort by Freq
Clone Results
Digite aqui para pesquisar
POR PTB 22:36 17/11/2018

21)


AntConc 3.5.7 (Windows) 2018
File Global Settings Tool Preferences Help
Corpus Files
Um Teto Todo Seu - V
Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List
Word Types: 8195 Word Tokens: 44421 Search Hits: 0
Rank Freq Word
37 129 dos
38 127 sem
39 124 mulher
40 117 sua
41 116 muito
42 113 quando
43 105 são
44 103 ter
45 97 assim
46 97 homens
47 91 ele
48 87 vida
49 86 forma
50 83 ainda
51 83 mesmo
52 81 qualquer
53 80 minha
54 80 porque
55 78 mente
Lemma Word Form(s)
Search Term Words Case Regex
homem
Advanced
Hit Location
Search Only
Start Stop Sort
Lemma List Loaded
Word List Loaded
Total No.
1
Files Processed
Sort by Invert Order
Sort by Freq
Clone Results
Digite aqui para pesquisar
POR PTB 22:38 17/11/2018